



# VERBOS DE MOVIMENTO TRANSITIVO:

*Uso, Cognição e Classificação*

*Alan Marinho César*



*Alan Marinho César*

**VERBOS  
DE MOVIMENTO  
TRANSITIVO:**  
*Uso, Cognição e Classificação*



**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte**

**Reitora**

Cicília Raquel Maia Leite

**UERN**

**Vice-Reitor**

Francisco Dantas de Medeiros Neto

**Diretora de Sistema Integrado de Bibliotecas**

Jocelânia Marinho Maia de Oliveira

**Chefe da Editora Universitária – EDUERN**

Francisco Fabiano de Freitas Mendes



**Conselho Editorial das Edições UERN**

José Elesbão de Almeida

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Kalidia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Maria José Costa Fernandes

José Cezinaldo Rocha Bessa

**Diagramação**

Maria Helena de Medeiros

**Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

César, Alan Marinho.

Verbos de movimento transitivo [recurso eletrônico]: uso, cognição e classificação. /  
Alan Marinho César. – Mossoró, RN: Edições UERN, 2022.

132p.

ISBN: 978-85-7621-339-0.

1. Letras -Linguística. 2. Linguística - Verbos. I. Universidade do Estado do Rio  
Grande do Norte. II. Título.

UERN/BC

CDD 469.5

Bibliotecário: Jocelania Marinho Maia de Oliveira CRB 15 / 319

**Editora filiada à:**



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

# MEUS AMIGOS E MINHAS AMIGAS,

O Programa de Divulgação e Popularização da Produção Científica, Tecnológica e de Inovação para o Desenvolvimento Social e Econômico do Rio Grande do Norte, pelo qual foi possível a edição de todas essas publicações digitais, faz parte de uma plêiade de ações que a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN), em parceria, nesse caso, com a Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FUERN), vem realizando a partir do nosso Governo.

Sempre é bom lembrar que o investimento em ciência auxilia e enriquece o desenvolvimento de qualquer Estado e de qualquer país. Sempre é bom lembrar ainda que inovação e pesquisa científica e tecnológica são, na realidade, bens públicos que têm apoio legal, uma vez que estão garantidos nos artigos 218 e 219 da nossa Constituição.

Por essa razão, desde que assumimos o Governo do Rio Grande do Norte, não medimos esforços para garantir o funcionamento da FAPERN. Para tanto, tomamos uma série de medidas que tornaram possível oferecer reais condições de trabalho. Inclusive, atendendo a uma necessidade real da instituição, viabilizamos e solicitamos servidores de diversos outros órgãos para compor a equipe técnica.

Uma vez composto o capital humano, chegara o momento também de pensar no capital de investimentos. Portanto, é a primeira vez que a FAPERN, desde sua criação, em 2003, tem, de fato, autonomia financeira. E isso está ocorrendo agora por meio da disponibilização de recursos do PROEDI, gerenciados pelo FUNDET, que garantem apoio ao desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação (CTI) em todo o território do Rio Grande do Norte.

Acreditando que o fortalecimento da pesquisa científica é totalmente perpassado pelo bom relacionamento com as Instituições de Ensino Superior (IES), restabelecemos o diálogo com as quatro IES públicas do nosso Estado: UERN, UFRN, UFERSA e IFRN. Além disso, estimulamos que diversos órgãos do Governo fizessem e façam convênios com a FAPERN, de forma a favorecer o desenvolvimento social e econômico a partir da Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI) no Rio Grande do Norte.

Por fim, esta publicação que chega até o leitor faz parte de uma série de medidas que se coadunam com o pensamento – e ações – de que os investimentos em educação, ciência e tecnologia são investimentos que geram frutos e constroem um presente, além, claro, de contribuir para alicerçar um futuro mais justo e mais inclusivo para todos e todas!

Boa leitura e bons aprendizados!



*Fátima Bezerra*

Governadora do Rio Grande do Norte

# PARCERIA PELO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO DO RN

A Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN) e a Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FUERN) sentem-se honradas pela parceria firmada em prol do desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação. A publicação deste livro eletrônico (*e-book*) é fruto do esforço conjunto das duas instituições, que, em setembro de 2020, assinaram o Convênio 05/2020–FAPERN/FUERN, que, dentre seus objetivos, prevê a publicação de quase 200 e-books. Uma ação estratégica como fomento de divulgação científica e de popularização da ciência.

Esse convênio também contempla a tradução de *sites* de Programas de Pós-Graduação (PPGs) das Instituições de Ensino Superior do Estado para outros idiomas, apoio a periódicos científicos e outras ações para divulgação, popularização e internacionalização do conhecimento científico produzido no Rio Grande do Norte. Ao final, a FAPERN terá investido R\$ 100.000,00 (cem mil reais) oriundos do Fundo Estadual de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNDET), captados via Programa de Estímulo ao Desenvolvimento Industrial do Rio Grande do Norte (PROEDI), programa aprovado em dezembro de 2019 pela Assembleia Legislativa na forma da Lei 10.640, sancionada pela governadora, professora Fátima Bezerra.

Na publicação dos *e-books*, estudantes de cursos de graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) são responsáveis pelo planejamento visual e diagramação das obras. A seleção dos bolsistas ficou a cargo da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE/UERN).

Foram 41 obras submetidas em sete (07) editais, 38 delas serão lançadas. Os editais abrangeram diferentes temáticas assim distribuídas: no Edital 17/2020 - FAPERN, os autores/organizadores puderam inscrever as obras resultantes de suas pesquisas de mestrado e doutorado defendidas junto aos PPGs de todas as Instituições de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICTIs) do Rio Grande Norte, bem como coletâneas que foram resultados de trabalhos dos grupos de pesquisa nelas sediados.

No Edital nº 18/2021 - FAPERN, realizou-se a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema “Turismo para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte”. No Edital nº 19/2021 - FAPERN, foi inscrita a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema “Educação para a cidadania e para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte:

relatos de ações exitosas”. No Edital nº 20/2021 - FAPERN, foi realizada a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema «Saúde Pública, desenvolvimento social e cidadania no Rio Grande do Norte: relatos de ações exitosas”. O Edital nº 21/2021 - FAPERN trouxe a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema “Segurança pública, desenvolvimento social e cidadania no Rio Grande do Norte: relatos de ações exitosas”. O Edital nº 22/2021 - FAPERN apresentou a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema “Pesquisas sobre o Bicentenário da Independência do Brasil (1822-2022): desdobramentos para o desenvolvimento social e/ou econômico do RN”. O Edital nº 23/2021 – FAPERN realizou a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema “Pesquisas sobre o Centenário da Semana de Arte Moderna (1992-2022) desdobramentos para o desenvolvimento social e/ou econômico do RN”.

Com essa parceria, a FAPERN e a FUERN unem esforços para o desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Norte, acreditando na força da pesquisa científica, tecnológica e de inovação que emana das instituições potiguaras, reforçando a compreensão de que o conhecimento é transformador da realidade social.

Agradecemos a cada autor(a) que dedicou seu esforço na concretização das publicações e a cada leitor(a) que nelas tem a oportunidade de ampliar seu conhecimento, objetivo final do compartilhamento de estudos e pesquisas.



*Maria Lúcia Pessoa Sampaio*  
Diretora-Presidente da FAPERN

*Cicília Raquel Maia Leite*

Presidente da FUERN



*Considerar a língua como uma  
atividade encorpada que ocorre em  
tempo real, em situações reais e passa  
através de sistemas cognitivos reais  
tem grande potencial para nos levar à  
explicação daquilo que percebemos como  
estrutura linguística.*

*Joan Bybee*

*À minha família, base de amor e apoio incondicional.  
E à Maria Angélica Furtado da Cunha, exemplo de  
dedicação aos estudos linguísticos.*

# AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Pai todo poderoso, que se faz presente na minha vida. Aos anjos, por Ele enviados, que me ouvem e me guiam e que, neste momento, celebram comigo a produção deste livro. Aos meus pais, Aldair e Marilene, pela liberdade de deixar-me seguir meus sonhos e pelos esforços doados aos meus estudos. À minha irmã, Aldilene, com ela, sempre posso contar. A Dinho Romão, sempre preocupado em me propiciar as condições necessárias para o meu crescimento acadêmico. Por fim, a Maria Angélica Furtado da Cunha e a todos os membros do Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática da UFRN, onde tudo começou.

# APRESENTAÇÃO

Neste livro, apresento um exame a respeito da codificação semântico-sintática de eventos que ocorrem com verbos de movimento transitivo, com o objetivo de tratar da relação entre o tipo de evento expresso pela construção de movimento transitivo (CMT) e os esquemas cognitivos por ela acionados, partindo do conceito de que o verbo de movimento transitivo (VMT) é um predicador de dois ou três argumentos que implica o movimento de, pelo menos, uma entidade de um lugar a outro.

A partir da observação dos contextos de uso de construtos com esse tipo de verbo, proponho uma rede construcional hierárquica que acomode os diferentes padrões que podem instanciar a CMT, tendo em vista aspectos da configuração argumental dos VMT e dos esquemas cognitivos subjacentes a esses padrões.

A base teórica que fundamenta esta obra conjuga diversos pressupostos, advindos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), da Linguística Cognitiva (LC) e da Gramática de Construções (GC). Como veremos, as categorias de análise adotadas dizem respeito, principalmente, à transitividade, aos papéis semânticos, à prototipicidade, à semântica de *frames*, aos esquemas imagéticos e às metáforas conceptuais.

Os dados que alicerçam esta obra foram coletados das seguintes fontes: o *Corpus* Discurso & Gramática, o Banco de Sentenças da Justiça Federal do Rio Grande do Norte (JFRN), o Banco de Dados do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua da UFRJ (Projeto PEUL) e textos disponíveis *on-line* em sites de revistas de ampla circulação. Os resultados obtidos – investigados por meio de natureza dedutiva, com caráter metodológico que parte de uma abordagem quali-quantitativa – comprovam a existência de um esquema construcional, o qual sanciona três subesquemas e sete microconstruções que, por sua vez, revelam noções de movimento causado, movimento percorrido e movimento associado, organizado sintaticamente como SUJEITO + VERBO + OBJETO DIRETO + (SP).

Por fim, a produção deste livro tem origem em tese defendida no ano de 2021, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 VERBOS DE MOVIMENTO NA LITERATURA	20
1.1 ACEPÇÕES E CLASSIFICAÇÕES NOS DICIONÁRIOS	20
1.2 ABORDAGEM DAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS	26
1.3 PESQUISAS LINGUÍSTICAS	31
2 O EVENTO DE MOVIMENTO: ABORDAGENS TEÓRICAS E CATEGORIAS ANALÍTICAS	34
2.1 A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO	34
2.1.1 Estrutura argumental	36
2.1.2 Transitividade	37
2.1.3 Papéis Semânticos	40
2.2 A LINGUÍSTICA COGNITIVA	45
2.2.1 Categorização e Prototipicidade	46
2.2.2 Estrutura do Evento de Movimento	48
2.2.3 Semântica de Frames	56
2.2.4 Esquemas Imagéticos	64
2.2.5 Metáfora Conceptual	67
2.3 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES	71
2.3.1 Construções de Estrutura Argumental	72
2.3.2 Propriedades das Construções	74
2.3.3 Links entre as construções	76
3 A REDE HIERÁRQUICA DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO TRANSITIVO	78
3.1 SUBESQUEMA DE MOVIMENTO CAUSADO	83

3.1.1 Microconstrução de Manipulação	86
3.1.2 Microconstrução de Transporte	96
3.2 SUBESQUEMA DE MOVIMENTO PERCORRIDO	102
3.2.1 Microconstrução de Travessia	104
3.2.2 Microconstrução de Afastamento	109
3.2.3 Microconstrução de Aproximação	110
3.3 SUBESQUEMA DE MOVIMENTO ASSOCIADO	112
3.3.1 Microconstrução de Movimento Paralelo	114
3.3.2 Microconstrução de Movimento Seguido	115
4 PANORAMA COMPOSICIONAL E CONCLUSIVO DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO TRANSITIVO	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123
CORPORA	129
PROJETO FRAMENET	129
LISTAS: TABELAS, FIGURAS, QUADROS, DIAGRAMAS, GRÁFICOS, SÍMBOLOS, ABREVIATURAS E SIGLAS	130

# INTRODUÇÃO

Neste livro, apresento um estudo sobre a codificação semântico-sintática do evento de movimento transitivo (EMT), com a finalidade de mostrar a relação entre o tipo de evento expresso pela construção de movimento transitivo (CMT) e os esquemas cognitivos por ela acionados. Com base nos resultados, foi possível edificar uma rede hierárquica para a construção com verbos de movimento complementados por um sintagma nominal (SN) objeto direto (OD) e um sintagma preposicionado (SP), viabilizada, ainda, a partir de um minucioso exame das dimensões cognitivas e discursivas relacionadas a essa codificação.

Sendo assim, ao focalizar os usos discursivos do *verbo de movimento transitivo*, doravante VMT, averiguo a semântica dos VMT em termos de *frames*, correlacionando as orações em que esses verbos ocorrem com estruturas cognitivas. A compreensão do termo *frame* é tomada em seu caráter linguístico, concernente à estrutura argumental dos VMT, ao passo que a contraparte cognitiva é vista em termos de *esquemas imagéticos* (EI), ativados pelo material linguístico. Essa correlação entre as realizações da CMT e os EI é um dos aspectos inovadores deste estudo. O exame da relação entre diferentes dimensões da CMT, a saber, a semântico-sintática, a cognitiva e a discursivo-pragmática, possibilitou-me chegar a uma classificação própria para os diferentes tipos de EMT, identificando a participação de cada um dos argumentos dos VMT.

Como ponto de partida, defino o VMT como aquele predicado de dois ou três argumentos que implica o movimento total de, pelo menos, uma entidade de um lugar a outro. Para esse conceito, a noção de deslocamento de algo ou alguém se configura como a ideia principal. Quanto ao afetamento, este será atribuído ao participante que passa pela mudança de localização, desde que motivada por outro participante do evento.

Dessa forma, a essência do EMT se constitui em ponto chave deste estudo, considerando os possíveis padrões semântico-sintáticos em que os VMT podem ocorrer, dado seu contexto de uso, diferenciando-os pelo conjunto de propriedades cognitivas e discursivo-pragmáticas que exibem.

A motivação inicial para o conhecimento deste tema tem como hipótese a ideia de que existe uma correlação entre as dimensões semântico-sintática e as dimensões cognitiva das instanciações da CMT que viabilizam a organização dessa construção em uma rede construcional hierárquica. Para a comprovação desta hipótese, apresento aspectos da configuração argumen-

tal dos VMT e dos esquemas cognitivos subjacentes que possibilitam organizar essa classe de verbos.

Para tratar da relação entre o tipo de evento expresso pela construção de movimento transitivo (CMT) e os esquemas cognitivos por ela acionados que podem instanciar a CMT, recorro a conceitos advindos de três importantes paradigmas: a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a Linguística Cognitiva (LC) e a Gramática de Construções (GC), correntes que compartilham interesses de pesquisa e pressupostos teórico-metodológicos.

A LFCU representa uma tendência recente de pesquisa de cunho funcionalista norte-americano, desenvolvida pelo Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* (D&G) em interface com a GC. O D&G é uma comunidade acadêmica brasileira, voltada para pesquisa de cunho funcionalista norte-americana, com sedes na UFRJ, UFF e UFRN. De modo mais específico, a LFCU corresponde, em termos teóricos, metodológicos e epistemológicos ao que Bybee (2010, 2015) denomina *Usage-based Linguistics*. Segundo esse modelo, a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010, 2011). Nessa linha, busca-se descrever e explicar os fatos linguísticos com base nas funções (semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas) que desempenham nos diversos contextos de uso da língua.

Para a LC, o comportamento linguístico reflete capacidades cognitivas relacionadas aos princípios de categorização, à organização conceptual, aos aspectos ligados ao processamento linguístico e, sobretudo, à experiência humana no âmbito de suas atividades individuais, sociointeracionais e culturais. As noções de *frame* (FILLMORE, 1975, 1977, 1978), de esquema imagético (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987) e de *motion event* (TALMY, 2000) são aqui contempladas e relacionadas a tipos de movimento, tendo como parâmetro entidades que: se deslocam, manipulam objetos, afastam-se ou se aproximam de um ponto de referência.

Quanto à GC (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), interessa o tratamento das construções de estrutura argumental e dos subesquemas construcionais em que as orações com VMT podem ser acomodadas. Com base na proposta de Goldberg (1995), focalizo a oração como um todo, não restringindo o significado da oração apenas ao verbo. Isso significa que a construção se constitui como um pareamento de forma e significado em que relações gramaticais e semânticas se fundem. Conforme Tomasello (1999), as construções linguísticas podem ser tanto concretas, em termos de palavras e sentenças, quanto abstratas, em termos de categorias gerais e esquemas. Nessa perspectiva, há uma relação intrínseca entre as construções linguísticas e a representação cognitiva dos eventos que essas construções perfilam. Considerada uma teoria do conhecimento linguístico, a GC situa também as construções como um artefato cognitivo que são armazenadas na mente a partir da experiência do falante no uso efetivo da língua (HILPERT, 2014).

A cerca do caráter metodológico, este estudo é de natureza dedutiva, uma vez que exploro as manifestações oracionais do EMT em dados de uso da língua com base em conceitos da

LFCU, da LG e da GC. Em outras palavras, procedo à análise dos materiais coletados por meio de pesquisa empírica, seguindo uma abordagem mista (quali-quantitativa), com tendência mais voltada ao polo qualitativo. A análise qualitativa tem como objetivo a interpretação/explicação dos dados de VMT.

Em termos quantitativos, mensuro os dados analisados, organizando-os conforme os padrões estruturais que exibem e as diferenças de sentido que apresentam na descrição de um evento de movimento. Calculo a frequência *type* (tipo) e *token* (ocorrência) dos VMT coletados de *corpora* que retratam situações reais de comunicação. Nesta obra, esse método é utilizado para computar a frequência de uso dos VMT em diferentes *frames* semânticos perfilados pelos construtos da CMT, mensurando, assim, a produtividade de cada um dos níveis da rede construcional ora proposta.

A intenção ao associar esses dois métodos de conhecimento científico é obter um número significativo de ocorrências e uma análise pormenorizada da estrutura dos padrões construcionais do EMT. A investigação dos papéis semânticos dos argumentos dos VMT, a identificação dos frames e dos EI evocados nas cenas descritas por orações com tais verbos, por exemplo, são práticas do método qualitativo que estabelece relação de dependência com o método quantitativo para validação dos dados empíricos. Na perspectiva funcionalista, a frequência de uso dos elementos linguísticos deve ser considerada para descrever o valor desses elementos no uso (MARTELOTTA, 2011).

A cerca da constituição do banco de dados, sigo, em parte, a Linguística de *Corpus*, ao coletar e analisar conjuntos de dados linguísticos com o propósito criterioso de utilizá-los para a pesquisa de um fenômeno da língua (SARDINHA, 2004), nesse caso, a codificação semântico-sintática do EMT no português brasileiro (PB). Para isso, utilizo *corpora* compostos de textos autênticos, ou seja, produzidos em situação de intercomunicação, que não foram criados pelo analista. A coletânea consiste em textos em formato eletrônico, compilada segundo as modalidades de fala e escrita e diferentes graus de formalidade dos falantes. Nessa perspectiva, as orações que fundamentam empiricamente essa obra foram coletadas dos seguintes bancos de dados, expressos na *Tabela 1*:

TABELA 1 - NÚMERO DE PALAVRAS DO BANCO DE DADOS POR MODALIDADE

<i>CORPORA</i>	FALA	ESCRITA
<i>Corpus</i> Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998)	129.800	22.500
Banco de Dados do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Projeto PEUL/RJ	100.000	***
Banco de Sentenças da Justiça Federal do Rio Grande do Norte (JFRN, 2016)	***	100.000

Textos disponíveis <i>on-line</i> em sites de revistas de ampla circulação, na modalidade formal, tais como <i>Veja</i> , <i>IstoÉ</i> e <i>Época</i> , e informais, <i>Caras</i> , <i>Cláudia</i> e <i>AnaMaria</i>	***	100.000
Total de Palavras	<b>229.800</b>	<b>222.500</b>
	<b>50,4%</b>	<b>49,6%</b>

Fonte: FURTADO DA CUNHA, M. A (1998); Projeto PEUL/RJ; Banco de Sentenças da JFRN (2016); Revistas *On-line*: *Veja*, *IstoÉ*, *Época*, *Caras*, *Cláudia* e *AnaMaria*.

Como se pode observar, esses bancos de dados possuem diferentes graus de formalidade e dividem-se em enunciados de fala (transcritos) e escrita, equilibrados quantitativamente entre as duas modalidades. A seleção desse material se justifica por reproduzir situações reais de uso da língua, o que permite flagrar o objeto de estudo tal como ele se manifesta nas interações sociocomunicativas. A coleta desse material considera dados de registro mais formal e mais informal, como formar de se compreender o emprego dos VMT em diferentes circunstâncias de uso.

O *Corpus* Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, M. A. 1998), doravante *Corpus* D&G/Natal, contempla textos escritos e falados produzidos por alunos de diversos níveis, desde a classe de alfabetização até alunos do último ano do Ensino Superior, nos seguintes tipos textuais: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião.

O projeto PEUL, desenvolvido por pesquisadores do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua da UFRJ, estuda a variação e a mudança linguística na cidade do Rio de Janeiro. Busca analisar a língua em uso e suas inter-relações, em termos sociais, estruturais e funcionais.

O Banco de Sentenças da JFRN é disponibilizado pelo portal da Justiça Federal da 5ª Região, com espaço para a realização de buscas processuais. Filtrei processos judiciais apenas relacionados ao primeiro semestre do ano de 2016, compondo um *corpus* de cinquenta sentenças, de diferentes classes: ações criminais, execução fiscal, *habeas corpus*, mandado de segurança, entre outras.

O *corpus* formado com publicações de Revistas *On-line* está distribuído em dois níveis de formalidade: o primeiro contém editoriais mais formais, por tratar de assuntos com maior relevância para o país e/ou para o cenário global, como os das revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época*. O segundo é composto por editoriais que abordam assuntos mais populares/cotidianos, como os das revistas *Caras*, *Cláudia* e *AnaMaria*. Os textos tratam de assuntos divulgados na década atual.

Destaco a pluralidade de autoria desses *corpora*, uma vez que exibem discursos integrais ou fragmentados de estudantes natalenses, moradores da Cidade do Rio de Janeiro, juízes do Estado do Rio Grande do Norte, jornalistas e pessoas entrevistadas de todo o país advindos

de diferentes gêneros, registros ou tipos textuais, o que permite um maior alcance do espectro genérico da língua. Vale lembrar que a escolha desses níveis de formalidade funciona apenas como uma estratégia organizacional dos dados, já que não realizei um estudo comparativo mais apurado dessas modalidades.

Na etapa seletiva de dados, procedi à coleta de orações constituídas por VMT. Os dados foram separados conforme padrões construcionais, em termos semântico-sintáticos, tendo em vista o mapeamento dos diferentes papéis semânticos desempenhados pelos referentes do SN<sub>SUJ</sub>, do SN<sub>OD</sub> e do SP. Sequencialmente, identifiquei, em termos cognitivos, de que modo os EI são acionados por esses padrões. Na etapa seguinte, contabilizei o número de *types* (tipos de VMT) e de *tokens* (número de ocorrências para cada tipo), conforme o recorte exibido em (1), no qual o verbo COLOCAR aparece como um *type* com dois *tokens*.

- (1) [...] que depois de 2002 retornou várias vezes na fazenda para prestar outros serviços, como colocar água na casa que existia dentro da área. [...] Por fim, aduz que retornou depois no imóvel para colocar os marcos de cimento juntamente com a primeira testemunha. (Banco de Sentenças/JFRN)

Para o refinamento do estudo e elaboração de uma classificação mais detalhada acerca da CMT, consulte também as plataformas dos projetos *FrameNet Berkeley* e do *FrameNet Brasil*, por constituírem modelos de organização de configurações estruturais baseadas em *frames*. O projeto FrameNet visa construir um banco lexical *on-line* de dados do inglês com base em estruturas semânticas apoiadas em evidências de corpora e estão disponíveis respectivamente, em: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>> e <<http://webtool.framenetbr.ufjf.br/index.php/webtool/report/frame/main>>. O projeto FrameNet será tratado mais especificamente na *Subseção 2.2.3*, que se relaciona à semântica de *frames*.

Vale destacar que os dados que, à primeira vista, pareciam pertencer à categoria dos VMT, mas que se afastam da definição aqui atribuída a esse tipo específico de verbo não foram considerados. Desse modo, não contabilizei os exemplares que têm o sentido de movimento como um fator secundário, a exemplo dos verbos que designam, em primeiro plano, mudança de ângulo ou de estado, expansão de volume, transferência de posse, abandono e condução de veículo.

Na etapa final da codificação de dados, os *types* que apresentaram três ou menos *tokens* foram excluídos, uma vez que não contribuiriam significativamente em termos de análise, a exemplo de AVANÇAR, CHUTAR, DEPOSITAR, DERRAMAR, DESCARREGAR, DESLOCAR, ENFIAR, MOVER, MUDAR, SALTAR e SOBREVOAR.

A divisão capitular deste livro se organiza em quatro. O primeiro capítulo é composto pela literatura específica sobre os verbos de movimento, apresentando um mapeamento dos

estudos sobre o tema, organizado em três seções: a interpretação de lexicógrafos, de gramáticos e de linguistas. No segundo, discuto o evento de movimento, com base em três importantes abordagens teóricas: a Linguística Funcional Centrada no Uso, a Linguística Cognitiva e a Gramática de Construções. A cada uma delas é dedicada uma seção, nas quais discorro sobre algumas categorias de análise que alicerçam o presente tema.

No terceiro capítulo, apresento uma rede construcional para o EMT, instanciada pelo esquema superordenado  $[SN_{SUJ} V_{MOV} SN_{OD} (SP)]$ , que contempla três subesquemas, demonstrados, respectivamente, nas três primeiras seções, e sete microconstruções, distribuídas ao longo das subseções. E no último capítulo, com base nas instanciações desse esquema que caracteriza o EMT, apresento um panorama composicional da CMT, com as devidas conclusões do tema empreendido.

---

---

# PRIMEIRO CAPÍTULO

---

---

## 1 VERBOS DE MOVIMENTO NA LITERATURA

O recorte literário aqui apresentado sobre os verbos de movimento parte da interpretação desenvolvida por autores em obras de referência, como dicionários e gramáticas, e em recentes pesquisas na área de linguística. De um modo geral, essa revisão se fundamenta no posicionamento de autores que mencionam a participação dos verbos de movimento, ao tratar da constituição do predicado verbal, ou por aferir-lhes algum tipo de classificação.

Este primeiro capítulo possui três seções. A primeira mostra como os lexicógrafos Houaiss (2009) e Borba (2002) conceituam e classificam alguns dos verbos que exprimem movimento. A segunda é dedicada à abordagem gramatical desses verbos, tanto do ponto de vista tradicional – linha adotada por Nicola e Infante (1998), Bechara (2009), Rocha Lima (2011), Cunha e Cintra (2017), entre outros – quanto do ponto de vista do português falado, segundo Castilho (2010), e da gramática descritiva de Perini (2007). Nesta perspectiva ligada à descrição da língua, também listo Azeredo (2008). Por fim, a terceira seção discorre sobre recentes pesquisas linguísticas que apresentam conceitos e classificações relacionadas com os verbos de movimento.

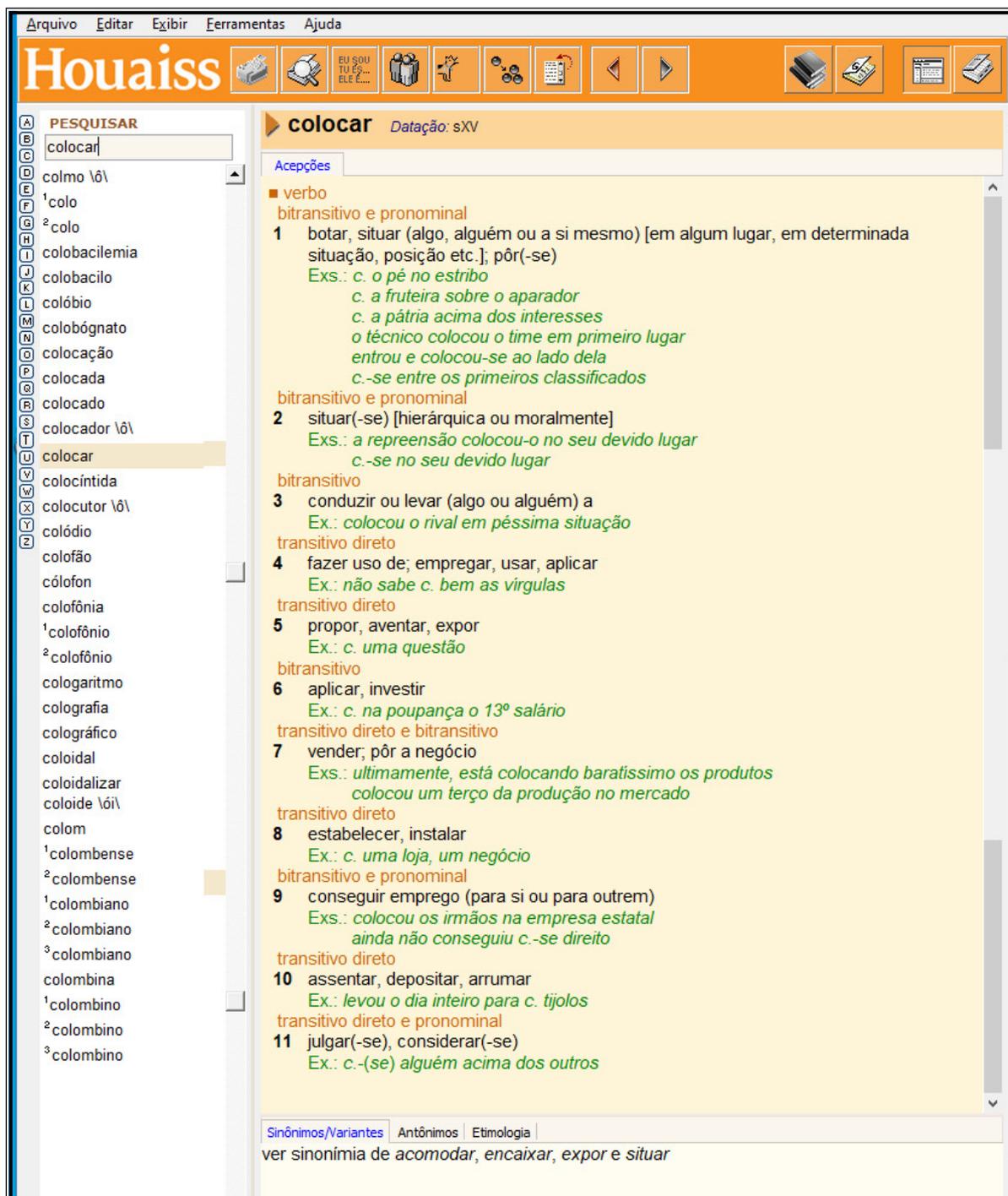
### 1.1 ACEPÇÕES E CLASSIFICAÇÕES NOS DICIONÁRIOS

Além do processo de conceituação lexical, o tratamento dado aos verbos nos dicionários tem como proposição certificar sua natureza transitiva e os tipos de complementos que por eles são admitidos. Essas propriedades auxiliam na organização das acepções dos verbos, revelando os múltiplos sentidos em que eles podem ser entendidos no discurso. Nesses termos, quanto aos verbos relacionados ao EMT, tais como COLOCAR, TIRAR, LEVAR, TRAZER, JOGAR, DEIXAR, ATRAVESSAR, ACOMPANHAR etc., apresento como esses são apresentados pelos lexicógrafos Houaiss (2009) e Borba (2002). Esses verbos foram escolhidos pelo fato de que as orações em que eles podem ocorrer evocam distintos *frames* e por eles representarem alguns dos principais *types* identificados nos *corpora* examinados (cf. *Tabela 2*).

Inicialmente, destaco a versão digital do *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0* (CD-ROM, 2009), que, de um modo geral, compila os sentidos do verbo com base, sobretudo, na transitividade. Esse dicionário, portanto, segue um critério sintático tradicional,

comum no ensino escolar, já que a classificação dos verbos nessa obra divide-se em transitivo (direto, indireto), intransitivo, bitransitivo e pronominal. Vejamos, primeiramente, um exemplo de como se dá essa organização na *Figura 1*:

FIGURA 1 - ORGANIZAÇÃO DO VERBETE EM HOUAISS



Fonte: HOUAISS, Antônio. *Colocar*. In: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa 3.0*, Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. CD-ROM.

Observe que as diferentes acepções de COLOCAR, na *Figura 1*, são enumeradas e especificadas a partir do tipo de transitividade do verbo: *bitransitivo*, *pronominal* e *transitivo direto*. Logo, identifica-se que esse verbo pode apresentar mais de uma classificação quanto à transitividade, ainda que possa ter o mesmo sentido, a exemplo da acepção 1. <botar, situar (algo, alguém ou a si mesmo) [em algum lugar, [...]; pôr(-se)>, pois na oração *c. o pé no estribo* o verbo é bitransitivo e em *c.-se entre os primeiros classificados* é bitransitivo e pronominal.

Os verbos de movimento podem apresentar diferentes tipos de valência, esta conceituada por Houaiss (2009) como o “conjunto dos argumentos que entram na construção de um sintagma ou sentença, e cujo número, tipo e função são determinados por um predicator”, geralmente um verbo. Ou seja, o verbo de movimento pode se combinar com diferentes argumentos na oração, desde um, caso dos intransitivos, até três argumentos, os trivalentes.

Segundo o autor, o verbo intransitivo se caracteriza por não aceitar complemento predicator (interno), pois já possui significação completa no contexto em que é empregado. Já o verbo transitivo requer, em sua significação, a presença de um complemento direto no seu sintagma verbal (SV), a exemplo do dado a seguir.

- (2) abriu a gaveta e tirou os óculos. (HOUAISS, 2009)

O verbo TIRAR, empregado com o sentido de “mudar (alguém ou algo) de lugar, fazendo(-o) sair de onde está ou fica; retirar”, como em (2), é transitivo direto, pois o SN<sub>OD</sub> *os óculos* completa o significado da oração.

No que diz respeito ao verbo transitivo indireto, ele necessita de um objeto indireto (OI) para formar uma frase com sentido completo. Houaiss ilustra esse caso com o verbo LEVAR, conforme o exemplo (3), no qual é empregado com o sentido de “dar acesso a; conduzir”, cujo OI, segundo Houaiss, é às estrelas. Trata-se de uma configuração comum aos verbos de movimento, contudo não apurado nesta obra, dada a ausência do OD.

- (3) essa é a estrada que leva às estrelas. (HOUAISS, 2009)

Há ainda o verbo bitransitivo que se relaciona, simultaneamente, a dois complementos: um OD e um OI, como em (4).

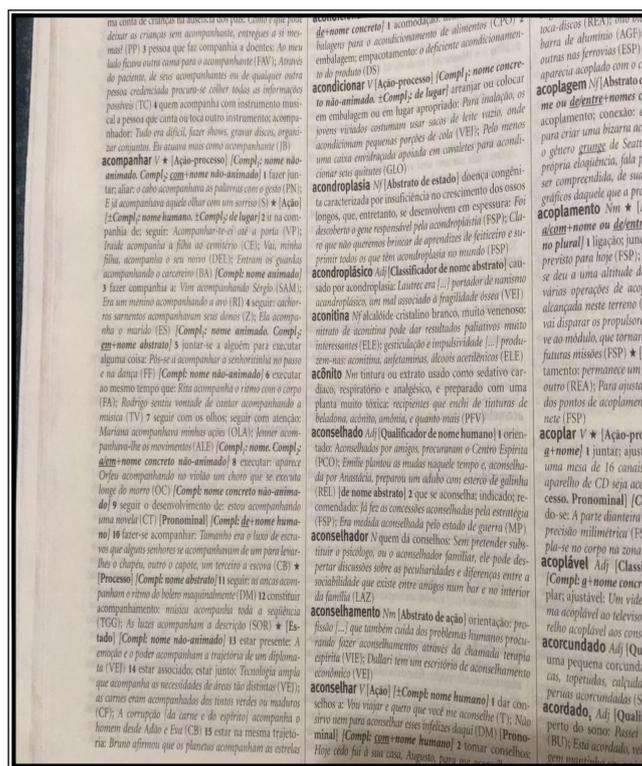
- (4) deixe o livro na mesa. (HOUAISS, 2009)

Usado com o sentido de “pôr, colocar (em algum lugar)”, na concepção desse lexicógrafo, o verbo DEIXAR é bitransitivo por ser constituído na oração de um OD, *o livro*, e de um OI, *na mesa*.

Tais exemplos mostram que verbos que transmitem a ideia de movimento podem ter diferentes valências. Vale ressaltar que alguns complementos classificados como OI por Houaiss, constituídos de preposição + nome indicativo de lugar, a exemplo de *na mesa*, em (4), são aqui tomados como SP, com papel semântico de Locativo.

No *Dicionário de usos do Português do Brasil*, obra organizada por Borba (2002), a abordagem desses verbos é descrita conforme às relações semânticas que cada verbo estabelece com os seus complementos, tendo como base a obra *Uma Gramática de Valências para o Português* (BORBA, 1996). Nesse dicionário, o autor subcategoriza os verbos segundo seu tipo semântico. No que diz respeito aos verbos de movimento, estes são identificados na referida obra como verbos de ação ou de ação-processo. A figura a seguir captura acepções relacionadas a esses tipos semânticos.

FIGURA 2 - ORGANIZAÇÃO DO VERBETE EM BORBA



Fonte: BORBA, Francisco da S. *Acompanhar*. In: *Dicionário de usos do Português do Brasil*, São Paulo: Ática, 2002. p. 22.

Observe que os verbos são organizados, nesse dicionário, inicialmente pelo tipo semântico. O verbo ACOMPANHAR, conforme identificado na *Figura 2*, pode ser de [Ação-

-processo] ou de [Ação], com as acepções enumeradas e seus complementos expressos entre parênteses e em itálico. Os verbos de [Ação-processo] expressam uma mudança de estado ou de condição levada a efeito por um Sujeito Agente, causativo ou instrumental, conforme os exemplos “*o cabo acompanhava as palavras com o gesto*” e “*E já acompanhava aquele olhar com um sorriso*”, na acepção 1, cujo sentido é “fazer juntar; aliar”.

Os verbos classificados como de [Ação] por Borba (2002, p. viii) expressam uma atividade associada a um ser Agente, como na segunda acepção atribuída ao verbo ACOMPANHAR, “ir na companhia de; seguir”: “*Acompanhar-te-ei até a porta*”; “*Iraíde acompanha a filha ao cemitério*”. A ação descrita no exemplo focaliza os argumentos Agente *eu* (Ø) e *Iraíde*, e Paciente “te” e “a filha”, respectivamente. Com o sentido de se “fazer juntar/aliar”, expresso na primeira acepção, não tem o sentido do verbo de movimento prototípico que aqui estabeleço.

Quanto aos tipos de complemento que os verbos podem tomar, a exemplo de [*nome não-animado*], [*nome humano*] e [*de lugar*], destacados na *Figura 2*, vale lembrar que o *Dicionário* de Borba tem por objetivo “fornecer elementos de avaliação das propriedades sintático-semânticas do léxico” (BORBA, 2002, p. vi). Assim, para cada verbo e suas acepções, o autor lista os tipos de complemento que podem acompanhá-lo. Nessa obra (p. VIII), o complemento (*Compl*) é

sempre apresentado pela sua estrutura sintática (*de+nome; em+nome/oração; por+nome (animado); etc.*), podendo vir precedido do sinal ±, significando que ele pode estar expresso (+) ou omitido (-). Quando a forma do complemento é muito diversificada, decidiu-se apresentá-lo pelo seu valor: *Compl de lugar, de direção, de origem, de percurso, de modo, de tempo e de causa.*

Observemos alguns desses complementos a partir de exemplos que possam ser associados ao EMT. O primeiro deles é o [*Compl: nome*] que corresponde à classe dos substantivos, subclassificados, segundo Borba (2002: VIII), em Concretos e Abstratos. Os primeiros são entendidos “como aqueles que têm referente no mundo dos objetos (tesoura, ovo)”. Já os segundos, “como aqueles que, não tendo um referente independente, constituem-se em atos, eventos, estados relacionados a seres, coisas ou estados de coisas (corrida, crença, lordeza)”.

Os seguintes exemplos apresentam complementos dessa natureza (BORBA, 2002):

(5) Logo após, com certo garbo, Francesco trouxe os patos. (p. 1571)

(6) Coloca os brincos na altura das orelhas. (p. 353)

(7) O Governo errou quando atravessou a livre negociação dos salários. (p. 155)

O autor classifica os SN *os patos*, *os brincos* e *a livre negociação dos salários* como [compl: nome]. De modo mais específico, há os [Compl: nome concreto] que podem ser animados, subclassificados em humanos e não-humanos, a exemplo de *os patos*, em (5); ou não-animados, *os brincos*, em (6). Acerca do [Compl: nome abstrato], este pode indicar, segundo Borba (2002: VIII), ação, processo ou estado. Observe que o SN *a livre negociação dos salários*, em (7), faz parte desse tipo de complemento, ao tratar do *processo* de negociação.

Outro tipo particular de [compl: nome] arrolado pelo autor, importante para os VMT, é o [Compl: nome locativo]. De modo geral, esse complemento faz referência a nomes que designam uma determinada localização e não são precedidos por preposição, como em:

(8) A empregada atravessou o terreiro alarmando as galinhas (p. 155)

Em (8), o verbo ATRAVESSAR, usado com o sentido de “*percorrer do começo ao fim, cruzar, transpor*”, é seguido do SN *o terreiro*, [Compl: nome locativo] que evidencia o espaço percorrido pelo Agente (*a empregada*). Veremos mais à frente que classifico esse tipo de OD como Locativo, que corresponde imagetivamente ao Caminho do percurso.

Nessa perspectiva de espaço, há também o [compl: de lugar] que é precedido por uma preposição e, como o próprio nome diz, indica um local. Os SP *sobre o ombro*, em (9), e *ao cemitério* (10) são exemplos dessa estrutura, (BORBA, 2002):

(9) Jogou o paletó sobre o ombro (p. 924)

(10) Iraíde acompanha a filha ao cemitério (p. 22)

O verbo JOGAR – usado com o sentido de *lançar, atirar, arremessar* – tem dois complementos: um [Compl: nome], *o paletó*, e um [Compl: de lugar], *sobre o ombro*. Este se distingue do [Compl: nome locativo] por ser preposicionado. O complemento *sobre o ombro* remete a áreas do corpo humano e funciona como [Compl: de lugar]. Em (10), o complemento do verbo ACOMPANHAR – usado com o sentido de *ir na companhia de* – é um [compl: nome humano] (*a filha*), seguido de um [ $\pm$  Compl: de lugar] expresso pelo SP *ao cemitério*. Borba adota o símbolo ( $\pm$ ) para indicar que o complemento pode estar expresso ou omitido na oração.

Vale ressaltar que OD e OI não são os únicos tipos de complemento exigidos pelos verbos. Alguns verbos que expressam movimento, por exemplo, requerem, conforme o discurso, um complemento de lugar, como em (9). Portanto, trata-se de um complemento imprescindível a esses verbos que é, porém, comumente apresentado pelas gramáticas tradicionais como adjunto adverbial da oração, ou seja, é visto como dispensável ao sentido do verbo.

Ainda relacionado a movimento, há o [*Compl: de direção*], que identifica o local para onde é direcionado o [*Compl: nome*], como se pode ver em (11).

- (11) Pegou o rapaz e levou-o até a sua rede. (BORBA, 2002, p. 954)

*Até a sua rede* corresponde ao [*Compl: de direção*]. Completa o significado da oração com o verbo LEVAR – usado com o sentido de *conduzir* –, identificando o ponto para onde o referente do [*Compl: nome*], *o (= o rapaz)*, é levado. Na proposição inversa, para revelar o local de onde algo é retirado ou movimentado, o autor apresenta o [*Compl: de origem*], como *da travessa* em (12), que identifica o ponto de onde o [*Compl: nome*] *um pastel* foi removido. O complemento de origem subcategoriza o verbo TIRAR, usado com o sentido de *fazer sair; retirar*.

- (12) O moleque tirou um pastel da travessa. (BORBA, 2002, p. 1543)

No que diz respeito à comparação entre os dois dicionários, o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* e o *Dicionário de usos do Português do Brasil*, no que se refere aos verbos de movimento COLOCAR, TIRAR, LEVAR, TRAZER, JOGAR, DEIXAR, ATRAVESSAR e ACOMPANHAR, é possível afirmar que Houaiss (2009) focaliza unicamente o aspecto (in)transitivo desses verbos, enquanto Borba (2002) apresenta uma descrição mais detalhada, destacando o tipo sintático-semântico do verbo e os seus complementos.

## 1.2 ABORDAGEM DAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

A subclasse dos verbos de movimento não é tratada de modo particular pelos gramáticos. Quando abordados, esses verbos são comumente analisados como intransitivos, a exemplo da *Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa*, de Nicola e Infante (1998, p. 227), que faz uma única referência ao verbo de movimento quando estabelece as regras para o uso da crase: “Em construções do tipo ‘irei à Bahia’, pode-se permutar um verbo que indica movimento por outro que indique localização: Fui à Bahia, Estive na Bahia, Fui a Manaus, Estive em Manaus”.

De modo semelhante, com foco no emprego da preposição, os autores da *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009), da *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (ROCHA LIMA, 2011) e da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (CUNHA; CINTRÁ, 2017) compartilham a ideia de que verbos que designam movimento têm complementos preposicionados, mais precisamente um complemento de *lugar*, codificado, geralmente, pela

sequência *preposição + SN*. Em orações como:

(13) O atleta correu até a chegada. (BECHARA, 2009, p. 440)

(14) Irei a Roma. (ROCHA LIMA, 2011, p. 311)

Bechara classifica o complemento do verbo CORRER *até a chegada*, em (13), como adjunto adverbial que marca a designação circunstancial de *lugar*. Para o autor, há vários matices de ideia locativa, tais como *lugar onde, direção, ponto de partida, lugar por onde, proximidade, distância* etc., que respondem a perguntas como *donde, por onde, aonde, até onde* etc. Rocha Lima (2011, p. 311) atribui a esse tipo de constituinte a designação de *Complemento circunstancial*: “é um complemento de natureza adverbial – tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais.”, como *a Roma*, em (14). Rocha Lima destaca, ainda, que o verbo IR, dado seu valor de direção, exige a preposição *a* para ligá-lo ao termo locativo (*Roma*), formando uma espécie de bloco: *ir a + lugar*.

Por sua vez, Cunha e Cintra (2017, p. 573) dizem que “o *objeto indireto*, que em geral é introduzido pelas preposições *a* ou *para*, corresponde a um ‘movimento em direção a’”, uma vez que há coincidência na base significativa dessas preposições. E reforçam que a “relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de preposição pode implicar movimento”. Essa ideia está presente em:

(15) Todos saíram de casa. (CUNHA E CINTRA, 2017, p. 571)

A preposição *de*, em (15), “relaciona palavras à base de uma ideia central: movimento de afastamento de um limite”, nesse caso, *de casa*. Nos termos dos autores, *a Roma*, em (21), expressa um movimento de aproximação a um limite.

Alguns gramáticos tecem considerações sobre verbos transitivos que indicam movimento. Entre eles, temos Azeredo (2008), na *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, e, novamente, Bechara (1977; 2009), *Moderna Gramática Portuguesa*. O primeiro estabelece relação entre o verbo de movimento e o OD, ao distribuir os *verbos transitivos diretos* em seis subclasses, em que a primeira, *subclasse 1*, “Compreende os verbos de ação/movimento em geral, que são complementados, em seu sentido básico e próprio, por substantivos referentes a seres concretos, e em acepções derivadas por substantivos de referência bem variada”. (AZEREDO, 2008, p. 220). Para exemplificar essa subclasse, Azeredo apresenta uma oração com o verbo LEVAR:

(16) O ônibus levava trinta passageiros.

Uma grande variedade de SN concretos, afirma o autor, como o OD “*trinta passageiros*”, em (16), pode completar o sentido desse verbo, uma vez que eventos que designam transporte podem ter como entidade movida um leque diverso de pacientes.

Ao falar dos sentidos do OD, Bechara – assim como Azeredo – estabelece relação entre esse complemento e o verbo de movimento. O autor assume que o verbo transitivo necessita de complemento para integrar sua predicação, podendo ser direto ou indireto. Quanto ao OD, estes podem expressar até quatro sentidos, sendo o quarto relacionado aos verbos de movimento, exprimindo: “o espaço percorrido ou o objetivo final”. Alguns exemplos expostos por (BECHARA, 1977, p. 206-7):

(17) atravessar o rio.

(18) correr os lugares sacros.

(19) descer a montanha.

Assim como Cunha e Cintra (2017) listam o emprego de algumas preposições, Bechara (2009, p. 258) diz que a preposição *a* “introduz numerosas circunstâncias”, tais como termos de movimento ou extensão. Como exemplo, cita uma oração com o VMT LEVAR, que tem como complemento *ao Banco do Brasil*, indicando movimento.

(20) Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*.  
(grifo do autor)

Igualmente focado no uso das preposições, Castilho (2010, p. 593-4) menciona com maior frequência usos de preposições relacionados aos verbos de movimento. Em sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, o autor identifica sete classes sintático-semânticas de verbos que selecionam preposições do tipo *a* e *para*. A primeira delas corresponde aos *verbos de movimento/direção*. Segundo o autor, “esses verbos envolvem o deslocamento da *figura* em direção a um *ponto de referência*”, como *à escola* e *para o Guarujá* em:

(21) A criança deve ir o mais cedo possível à escola, entendeu?

- (22) seguimos brevemente para o Guarujá, onde vamos passar uns quinze dias.

A *figura* é “representada pelo sujeito verbal, ou seja, é o sujeito que se desloca ao *ponto de referência*”, como argumento de verbos como “ir, vir, chegar, partir, caminhar, dirigir-se, viajar, passar, entrar, sair, mudar-se, transferir-se etc.”. Assim, Castilho também não trata, especificamente, do verbo de movimento transitivo direto, como se pode ver nessa seleção de verbos, tradicionalmente classificados como intransitivos.

Em outra parte de sua gramática, Castilho trata dos *complementos oblíquos*. Estes argumentos são “proporcionais à expressão preposição + pronome pessoal/ advérbio dêitico / demonstrativo neutro”, “não suscitam a concordância do verbo”, porém apresentam uma forte conexidade sintática com ele (CASTILHO, 2010, p. 298-299). Segundo o autor, os complementos oblíquos ocorrem mais frequentemente com verbos de movimento e desempenham o papel de *locativo*, conforme os seguintes exemplos (CASTILHO, 2010, p. 305):

- (23) João pôs o livro na estante.

- (24) Saio de casa mal nasce o dia e volto ao recesso do lar (como diz o outro) morto de cansaço.

Mesmo apresentando um exemplo que contém um VMT, como (23), com o verbo PÔR, Castilho não faz referência à participação do OD, nem identifica os VMT como uma subclasse dos verbos de movimento. Isso é evidenciando em sua obra ao afirmar que a estrutura sintagmática “[SN<sub>sujeito</sub> + V + SP/SN<sub>oblíquo</sub>] integra diversas classes semânticas, entre elas a de verbo de movimento” (2010, p. 335). Trata-se, portanto, de uma estrutura com apenas dois argumentos. Quando descreve sentenças triargumentais, com um argumento externo e dois argumentos internos, como “[SN<sub>agente</sub> + V + SN<sub>paciente</sub> + SP<sub>alvo</sub>]”, em (24), o autor então utiliza o verbo de movimento COLOCAR (CASTILHO, 2010, p. 336):

- (25) Luís colocou as malas no carro.

É importante destacar que a *Nova Gramática do Português Brasileiro* de Castilho se sobressai em comparação às outras aqui mencionadas, na medida em que correlaciona verbos de movimento à análise da semântica das preposições. O autor sustenta, por exemplo, que os “verbos de movimento físico e de movimento fictício, tais como *ir, vir, chegar, partir, entrar, sair, viajar* etc., ocorrem com preposições do eixo horizontal”. O eixo horizontal é constituído

de um ponto inicial, um ponto medial e um ponto final, ilustrado por Castilho (2010, p. 597-8) com os seguintes exemplos:

(26) Mudei a estante da sala para o escritório.

(27) *Então eu os levo para a escola... e vou trabalhar.*

Segundo o autor, os verbos que indicam o ponto inicial do percurso, tais como *retirar, conduzir, carregar, levar, transferir, mudar* etc., “exemplificam o movimento causado, em que um participante da cena acarreta o deslocamento da FIGURA”, a exemplo de (26). Nessa oração, o SN *a estante* representa a figura mencionada pelo autor e o complemento *da sala* indica o ponto inicial do movimento.

As preposições mais comuns que expressam o ponto final do percurso são *a, em, para, até* e *contra*. Para Castilho, esses tipos de preposição coocorrem com verbos de movimento cujo sujeito é controlador do evento, a exemplo de *eu*, em (27), atribuindo à figura (= *os*) um ponto final de um percurso, nesse caso *para a escola*. Já o ponto medial diz respeito ao espaço intermediário entre o ponto inicial e o ponto final, a exemplo do trajeto entre a sala e o escritório da cena expressa em (26).

Do ponto de vista semântico, a *Gramática Descritiva do Português* (PERINI, 2007) traz uma sucinta contribuição quanto aos papéis semânticos que os argumentos dos VMT podem desempenhar. Com relação ao ponto final do movimento, Perini o define como *meta*. “Se temos um verbo que exprime ‘movimento’, devemos ter uma Meta; mas essa Meta pode ser representada sintaticamente de diversas maneiras”: relacionada a locativos, pode ser expressa pelo OD, como (28), ou por *em* + SN, em (29), (PERINI, 2007, p. 254).

(28) Os alpinistas atingiram o pico.

(29) Chegamos em São Paulo.

Quando se trata de verbos de movimento, vimos que seus complementos preposicionados são sempre focalizados, mas quase nunca os autores aqui resenhados fazem referência ao VMT e, conseqüentemente, ao papel do argumento OD.

Por fim, à exceção de Castilho, observo que os verbos de movimento transitivos não constituem objeto de descrição nas obras resenhadas. O que se destaca nessas gramáticas é o interesse dos autores em mostrar que os verbos de movimento são integrados, principalmente,

por complementos preposicionados ou circunstanciais.

### 1.3 PESQUISAS LINGUÍSTICAS

Na seção anterior, vimos o posicionamento de alguns autores sobre os verbos de movimento em suas gramáticas, algumas inclusive formuladas por linguistas, como nos casos de Castilho (2010) e Perini (2007). Agora, recorro a trabalhos linguísticos mais recentes que se relacionam ao tema deste estudo.

Ao investigarem a propriedade semântica “movimento” na representação lexical dos verbos do PB, Meirelles e Cançado (2017, p. 425-6) assumem que definir “o conceito de movimento não é uma tarefa fácil”. Para elas, não há preocupação por parte de muitos autores em definir os verbos de movimento, uma vez que estes limitam-se, consensualmente, apenas, a atribuir essa nomenclatura a verbos como *correr*, *sair*, *levantar*, *lançar*, *balançar*, entre outros.

Essa definição pode ser encontrada em duas pesquisas linguísticas. Na primeira, Silva Júnior (2015, p. 30) propõe-se a elaborar, com base no modelo do Léxico Gerativo, um sistema de representação dos verbos de movimento da língua portuguesa, tendo como princípio a noção de translação. Os verbos de translação “são aqueles que, ao fazer um movimento, criam concomitantemente uma mudança de lugar”. Assim, o autor aponta para a existência de uma “dicotomia de verbos de movimento que pressupõem translação e verbos de movimento que não a pressupõem”. Para ele, geralmente, os verbos de movimento denotam o deslocamento de um objeto e são distribuídos em duas classes: i) movimento com translação, subdividida em verbos de movimento e trajetória (verbos do tipo *chegar*) e verbos de movimento de modo e trajetória (verbos do tipo *correr*) e ii) movimento sem translação, que contém os verbos de movimento e modo (verbos do tipo *balançar*).

Na segunda, agora de base cognitivo-funcional, Araújo (2017, p. 14) define verbo de movimento como “aquele cujo significado implica em uma mudança de localização física de, pelo menos, um de seus argumentos, ou seja, na cena evocada pelo verbo ocorre necessariamente uma mudança de localização espacial de um dos participantes dessa cena”. A pesquisa o levou à conclusão de que os verbos de movimento são divididos em três classes, tendo como critério “a relação gramatical exercida pelo termo cujo referente muda de localização”. São elas: verbos de deslocamento (*ir*, *chegar*); verbos de causação de movimento (*colocar*, *pegar*) e verbos de movimento conjunto (*levar*, *trazer*).

Retomando Meirelles e Cançado (2017, p. 438), as autoras descrevem os verbos de movimento do PB, dividindo-os em cinco tipos. Interessa-me, aqui, o quarto tipo, o qual está relacionado aos *verbos de movimento causado*, aqui sob análise. Essa classe é composta por:

verbos como *lançar*, *enviar* e *extrair*, que denotam o desencadeamento de movimento por uma trajetória e que possuem três argumentos, sendo um externo (Agente), e dois internos: um Tema, que é levado a se mover por uma trajetória, e um sintagma preposicionado, que denota um ponto (Fonte, Meta) da trajetória percorrida pelo Tema. (MEIRELLES; CANÇADO, 2017, p. 438).

Note-se que há uma diferença terminológica na atribuição dos papéis semânticos: enquanto as autoras identificam o argumento interno como *tema*, classifico-o como *paciente*. Com relação ao verbo ENVIAR, este não é considerado aqui como um verbo de movimento causado, uma vez o seu sentido central indica, primeiramente, transferência de posse.

Sob o enfoque da GC, o trabalho de Ribeiro et al. (2019) se restringe à construção de movimento causado. Os autores levam em conta a natureza da transferência realizada, avaliando a distância ou proximidade semântica entre os processos indicados pelos verbos recrutados por essa construção. Esse detalhamento envolve doze padrões que partem da estrutura “X causa Y a mover-se em Z” e “X causa Y a mover-se para/a Z”. Entre os tipos de transferência apresentados pelos autores, quatro deles guardam maior relação com os VMT: *transferência neutra*, *transferência para alvo tridimensional + força*, *transferência com movimento balístico* e *transferência por condução*, conforme ilustrados a seguir (RIBEIRO et al., 2019):

- (30) Um homem colocou flores com uma bomba no altar-mor da antiga basílica. (p. 11)
- (31) Goiano Doido meteu uma faca numa criancinha. (p. 13)
- (32) A polícia lançou bombas de gás lacrimogêneo no prédio da associação de advogados. (p.15)
- (33) Além de relatórios com desenhos sobre tática, eles trarão vídeos dos jogos para os EUA. (p. 16)

Em (30), a transferência é neutra porque o movimento não implica o uso de força para colocar *flores com uma bomba no altar-mor da antiga basílica*. Em (31), devido ao emprego de força física, conforme os autores, o verbo *meter* é caracterizado como transferência para alvo tridimensional + força. Em (32), a transferência se dá com movimento balístico, o qual ocorre “quando está especificado no *frame* do verbo um deslocamento em alta velocidade”, como o ato da polícia ao lançar gás lacrimogêneo. Por último, em (33), há transferência por condução, que “ocorre quando o objeto chega ao alvo por meio de assistência prestada pelo agente”, a exemplo dos vídeos dos jogos levados para os EUA por *eles*.

Observe que esses trabalhos investigam manifestações de verbos de movimento intransitivos ou de verbos que implicam movimento causado e suas subclassificações. Algumas dessas classificações abrangem um conceito muito amplo de movimento que se afasta do conceito de VMT aqui apresentado: “predicados de dois ou de três argumentos que implicam o movimento total de, pelo menos, uma entidade de um lugar a outro”. Veremos, no *Capítulo 3*, que os VMT fazem parte de um esquema construcional abstrato  $[SN_{SUI} V_{MOV} SN_{OD} (SP)]$ , que se manifesta em subesquemas e microconstruções, segundo os papéis semânticos de seus argumentos. Esses padrões são nomeados conforme os *frames* que perfilam, sem limitar-se apenas aos eventos que semanticamente se configuram como movimento causado.

Neste capítulo, referenciei pesquisas que, de algum modo, focalizam os verbos de movimento. Para tanto, concentrei-me em três tipos de abordagem, analisando as descrições de dicionaristas, gramáticos e linguistas. Trata-se de trabalhos basilares que instigaram importantes questões para a análise do evento de movimento.

---

---

# SEGUNDO CAPÍTULO

---

---

## 2 O EVENTO DE MOVIMENTO: ABORDAGENS TEÓRICAS E CATEGORIAS ANALÍTICAS

Este capítulo discute três abordagens – a saber, a Linguística Funcional Centrada no Uso, a Linguística Cognitiva e a Gramática de Construções – e algumas categorias de análise que alicerçam o exame em questão. Tais categorias, embora subdivididas aqui por associação à determinada abordagem, de algum modo, dialogam entre si, sendo, em certo sentido, comuns às três perspectivas.

A primeira seção discorre sobre noções amplamente focalizadas pela LFCU: estrutura argumental, transitividade e papéis semânticos. Busco demonstrar como tais noções se aplicam ao estudo das orações com os VMT.

A segunda seção apresenta uma abordagem acerca do evento de movimento, sob a ótica da LC, enfatizando, em sua primeira subseção, categorização e prototipicidade. Nas subseções seguintes, são feitas algumas reflexões sobre a estrutura do evento de movimento, a noção de *frames* e de EI. A última subseção trata das metáforas conceptuais representadas em orações com VMT.

A última seção destaca a abordagem da GC, que se conjuga perfeitamente às outras duas expostas neste capítulo. Trata-se do conceito de *construção* e de suas propriedades e dos *links* de herança entre construções, tendo como ponto central os VMT.

### 2.1 A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

O rótulo *Linguística Funcional Centrada no Uso* é utilizado pelos pesquisadores do Grupo de Estudos Discurso & Gramática para identificar uma tendência recente de pesquisa de cunho funcionalista (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013). Essa abordagem é resultado da união das tradições desenvolvidas pelas pesquisas de representantes da Linguística Funcional Clássica, como Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, Bernd Heine, entre outros, e representantes da LC, dentre os quais destaco George Lakoff, Ronald Langacker, Adele Goldberg, John Taylor, William Croft. A respeito da interface entre a Linguística Funcional

norte-americana e a Linguística Cognitiva, ver TOMASELLO (2003).

Essas duas correntes compartilham vários pressupostos teórico-metodológicos, como a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a concepção de língua como um complexo mosaico de atividades cognitivas e sociocomunicativas, o posicionamento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural etc. De acordo com essa visão, as línguas são moldadas pela interação complexa de princípios cognitivos e funcionais que desempenham um papel na mudança linguística, na aquisição e no uso da língua (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013).

O princípio básico da LFCU consiste no fato de que a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2016 [2010]). A língua é, pois, vista como um sistema adaptativo complexo, uma estrutura plástica, constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que emergem, devido a necessidades cognitivas e/ou comunicativas dos falantes (BYBEE, 2016 [2010]). Sendo assim, as práticas discursivas dos usuários no cotidiano social motivam e modelam tanto a regularidade como a instabilidade da língua (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007).

De acordo com essa perspectiva, a gramática reflete a atuação de aspectos sociocomunicativos e cognitivos da linguagem. Nesse sentido, o sistema linguístico é essencialmente dinâmico, visto que surge da adaptação de habilidades cognitivas humanas a situações de comunicação específicas e se desenvolve com base na repetição ou ritualização desses eventos. Ancorada nesses princípios, a LFCU tem por objetivo descrever e interpretar os fatos linguísticos por meio do exame das funções cognitivas e discursivo-pragmáticas que desempenham em diferentes eventos de uso da língua, seguindo uma abordagem pancrônica, que conjuga sincronia e diacronia (BYBEE, 2010).

Ao trabalhar com dados coletados em situações reais de fala e/ou de escrita, evitando lidar com frases criadas, a LFCU investiga as motivações linguísticas e extralinguísticas que modelam os padrões construcionais no nível da proposição, assumindo que

há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente. A gramática é compreendida como uma estrutura em constante mutação/ adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso. Logo, a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação. (FURTADO DA CUNHA et al., 2013, p. 14-15).

O viés cognitivista adotado pela LFCU se deve à análise de fatores associados a princípios cognitivos gerais atuantes no uso da língua, como categorização, organização conceptual, aspectos ligados ao processamento linguístico e à experiência dos humanos no desenvolvimento de suas atividades individuais, sociointeracionais e culturais.

Embasada nesse quadro teórico, esta seção trata das seguintes noções básicas: estrutura argumental, transitividade e papéis semânticos.

### 2.1.1 Estrutura argumental

ALFCU acolhe a ideia de que os verbos são armazenados na mente do falante juntamente com molduras (*frames*) que especificam seus argumentos obrigatórios e opcionais, implicados na cena evocada pela oração. O termo *cena* designa uma idealização coerente e individualizada de uma percepção, memória, experiência, ação ou objeto, nos termos de Fillmore (1977). Em outras palavras, em termos cognitivos, uma cena é entendida como uma estrutura conceptual formada com base na experiência de mundo do usuário da língua.

Nessa direção, a estrutura argumental de um dado verbo especifica as relações gramaticais dos argumentos (sujeito, objeto direto etc.) de um verbo bem como os papéis semânticos que lhes são atribuídos (Agente, Paciente etc.), conforme Fillmore (1977) e Chafe (1979), entre outros. Além disso, do ponto de vista pragmático, a estrutura argumental de um verbo diz respeito aos diferentes modos em que essencialmente a mesma informação, ou o mesmo conteúdo proposicional, pode ser organizado a fim de refletir o fluxo de informação velha ou nova (COMRIE, 1981). De um ponto de vista cognitivo, pode-se dizer, então, que a estrutura argumental revela uma estrutura de expectativas desencadeadas pelo verbo (DU BOIS, 2003).

Desse modo, os verbos e suas estruturas argumentais, como tantos outros elementos da gramática, são multifuncionais: são capazes de servir simultaneamente a funções sintáticas, semânticas e pragmáticas, cognitivamente motivadas (FURTADO DA CUNHA, 2006).

No âmbito dos estudos atuais da LFCU, defende-se que a estrutura argumental de um determinado verbo pode sofrer variação no uso e ao longo do tempo. Por exemplo, um verbo que, em geral, é transitivo pode, dependendo do contexto, dispensar o complemento, funcionando como sintaticamente intransitivo. Como ilustração, tomemos o seguinte excerto, com três ocorrências do verbo *botar*:

- (34) uma colher de café pequena de um ... de liga neutra ... é um ... um pozinho que a gente coloca no sorvete pra ele não ficar ... duro ... assim como gelo ou dim-dim ... picolé né ... coisa desse tipo... aí a gente prepara bota uma colherzinha de liga neutra e passa no liquidificador de novo ... o suco e mais essa ... a liga ... aí depois bota no recipiente leva pro congelador ... e deixa passar duas ... três horas mais ou menos até ele ficar um pouco firme ... sabe? não duro demais ... e depois que passa duas ... três horas tira ... aí ... bota uma colher de sobremesa ... de emulsificante que é o ... o:: uma pasta que ... essa o ... que faz o sorvete no caso ... ficar um pouco mais cremoso ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 286-7*)

Na primeira ocorrência, *bota uma colherzinha de liga neutra*, nem o SUJ do verbo (*a gente*) nem o SP (*no sorvete*) são explicitados. Essas informações são recuperadas pelo contexto. Temos, então, o padrão V + OD. Na segunda ocorrência, *bota no recipiente*, por sua vez, além do SUJ (*a gente*) também o OD está implícito (a mistura resultante do suco com a liga), exemplificando uma estrutura V + SP. Por fim, a terceira ocorrência, *bota uma colher de sobremesa ... de emulsificante*, apresenta a mesma estrutura argumental da segunda, V + OD. Vê-se, portanto, que um dado verbo pode alternar entre uma configuração de um participante ou de dois ou mais participantes, retendo o mesmo significado básico, o que comprova a fluidez entre as categorias de predicado.

Isso significa que a um determinado verbo não corresponde uma estrutura argumental rígida, cristalizada. O modo como os verbos se combinam com nomes não é uma propriedade estável dos itens no léxico mental, mas um aspecto altamente variável. Na perspectiva da LFCU, não há espaço para estruturas argumentais fixas ou rígidas. Conforme argumentam Thompson e Hopper (2001), o sentido de um verbo ou predicado está relacionado aos esquemas léxico-gramaticais em que ele pode ocorrer, e a estrutura argumental é essencialmente um subconjunto desses esquemas.

### 2.1.2 Transitividade

No quadro teórico da Linguística Funcional Clássica, tal como proposto por Hopper e Thompson (1980), o fenômeno da transitividade apresenta um componente semântico e um componente sintático. Uma oração transitiva descreve um evento que potencialmente envolve pelo menos dois participantes, um Agente que é responsável pela ação, codificado sintaticamente como SUJ, e um Paciente que é afetado ou efetuado por essa ação, codificado sintaticamente como OD. Esses participantes são os argumentos do verbo. Nos casos em que objetos são criados pela ação do verbo, e não transformados, como acontece com o objeto de outros verbos, Hopper (1985) os chama de *objeto efetuado*, para distingui-lo de *objeto afetado*.

Desse modo, do ponto de vista semântico, o evento transitivo prototípico é definido pelas propriedades do agente, do paciente e do verbo envolvidos na oração que codifica esse evento. Vale lembrar que pode haver orações com vários traços de alta transitividade que não apresentam paciente, mas estas não compõem o tipo de estrutura aqui analisada.

A Linguística Funcional considera que os elementos que caracterizam a oração transitiva estão relacionados ao evento causal prototípico, definido como um evento em que um agente animado intencionalmente causa uma mudança física e perceptível no estado ou locação de um objeto (SLOBIN, 1982). Desse modo, estabelece-se uma correlação entre um padrão básico da experiência e um padrão básico da língua (FURTADO DA CUNHA; SILVA, 2018).

Nessa abordagem, baseada em análises empíricas, a transitividade é entendida como uma propriedade contínua, gradiente, da oração como um todo, isto é, a transitividade é uma propriedade não do verbo *per se*, mas da oração como um todo (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011; FURTADO DA CUNHA; SILVA, 2018). Nesse sentido, admite-se a existência de uma oração transitiva prototípica, que reflete a transferência completa da ação de um participante para outro, causando alguma modificação no estado deste.

Hopper e Thompson (1980) tratam a transitividade de forma escalar, tomando por base a teoria dos protótipos – modelo que identifica o melhor exemplar de uma dada categoria, ou seja, aquele que reúne o maior número de propriedades que identificam essa categoria (cf. *Subseção 2.2.1*).

Sintaticamente, uma oração transitiva com verbos de movimento pode apresentar dois participantes SN, um com a função de SUJ e outro, com a de OD. Pode, ainda, conter um SP, que identifica um determinado lugar relacionado ao evento perfilado. Prototipicamente, esses participantes desempenham os papéis semânticos de Agente, Paciente e Locativo, respectivamente. Esses papéis serão definidos na próxima subseção.

Quando a ação praticada pelo Agente afeta o objeto paciente, este muda de localização. Observe que *a comida*, em (35), funciona como o objeto que muda de lugar ao longo de um determinado trajeto, cujo destino é expresso pelo SP *para lá*.

- (35) Num dia muito ensolarado a família junto com o velho foram fazer um pique-nic, numa parte que tinha muito verde. Levaram a comida para lá. (*Corpus D&G Natal, Escrita*, p. 46)

Com base em Chafe (1979), os VMT que selecionam objeto afetado podem ser de ação ou de ação-processo. O primeiro tipo denota um evento em que um Agente se desloca de um ponto a outro, enquanto o de ação-processo indica o afetamento de uma entidade (OD), manuseada ou transportada pelo referente do SUJ. Reiterando Chafe, Borba (1996, p. 57) diz que “da associação entre um verbo e um nome resulta um caso para o nome e uma classe para o verbo. São essas classes de verbos que fornecem os tipos oracionais”. Considerando o resultado da ação descrita pelo verbo sobre seus argumentos, o autor conceitua os dois tipos de verbo que nos interessam aqui:

Verbos de ação – expressam uma atividade realizada por um sujeito *agente*. Indicam, portanto, um *fazer* por parte do sujeito. Ex.: o pássaro *voa*; o garoto *brinca*; o sábio *pensa*.

[...] Verbos de ação-processo – expressam uma ação realizada por um sujeito *Ag* ou uma causação levada a efeito por um sujeito *Ca*, que afetam o complemento. A ação-processo sempre atinge um complemento que expressa uma mudança de estado, de condição ou de posição, ou, então, algo que passa

a existir. Ex.: José quebrou o pires; José escreveu um romance. (BORBA, 1996, p. 58-60, grifos do autor).

No caso dos VMT, vemos que os de ação conceitualizam o deslocamento do SUJ apenas, enquanto o OD, incluído na moldura do verbo, não é afetado, ou seja, sua posição física não se altera no evento, como se pode ver em (36) e em (37).

(36) [...] o menino atravessou a rua e vinha um carro ... uma carreta ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 30*)

(37) [...] quando você termina de subir a escada ... em frente ... tem o quarto principal ... né ... que é o meu quarto ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 58*)

Nesses dados, os verbos ATRAVESSAR e SUBIR expressam o deslocamento do referente do SUJ (*o menino* e *você*, respectivamente), mas não do OD (*a rua* e *a escada*), que não é afetado pela ação verbal, representando, apenas, o *caminho* percorrido.

O segundo tipo de VMT, verbos de ação-processo, tem um SUJ Agente e um OD afetado. As orações sublinhadas em (38), com os verbos COLOCAR, BOTAR e LEVAR, exemplificam essa classe, pois apresentam um Agente responsável pela ação (*a gente*) e uma série de pacientes afetados/deslocados (*que = um pozinho, uma colherzinha de liga neutra, Ø = o suco e essa liga, uma colher de sobremesa de emulsificante*).

(38) Uma colher de café pequena de um ... de liga neutra ... é um ... um pozinho que a gente coloca no sorvete pra ele não ficar ... duro ... assim como gelo ou dim-dim ... picolé né ... coisa desse tipo... aí a gente prepara botamos uma colherzinha de liga neutra e passa no liquidificador de novo ... o suco e mais essa ... a liga ... aí depois botamos no recipiente leva pro congelador ... e deixa passar duas ... três horas mais ou menos até ele ficar um pouco firme ... sabe? não duro demais ... e depois que passa duas ... três horas tira ... aí ... botamos uma colher de sobremesa ... de emulsificante que é o ... o:: uma pasta que ... essa o ... que faz o sorvete no caso ... ficar um pouco mais cremoso. (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 286*)

Em eventos dessa natureza, em que ocorre o afetamento do OD, cumpre ao SP indicar o local de onde ou para onde se move esse referente. Em (38), por exemplo, esses pontos são codificados por *no sorvete, no recipiente, e pro congelador*.

A distinção entre verbos de movimento de ação e de ação-processo possibilita a proposição de significados básicos, como o de movimento percorrido, de movimento causado, que correspondem a nós ou subesquemas de uma ampla rede construcional de que faz parte o VMT, conforme veremos no *Capítulo 3*.

### 2.1.3 Papéis Semânticos

No final dos anos 1960, Fillmore (1968) desenvolveu uma variante da Gramática Transformacional denominada *Gramática de Casos*. Essa abordagem privilegia as funções sintáticas dos elementos que compõem as sentenças, resgatando relações semânticas até então negligenciadas. A ideia central é que, em qualquer oração, cada SN tem um “caso” que representa seu papel semântico. Por exemplo, em *Eu abri a porta com a chave*, os casos de *eu*, *a porta* e *com a chave* são, respectivamente, Agente, Paciente e Instrumento. De lá para cá, diversos linguistas têm utilizado a proposta de Fillmore com pequenas modificações. No âmbito da Linguística Funcional Clássica, pode-se citar, entre outros, Chafe (1970) e Givón (2012 [1979]).

Na formulação original, assume-se a existência de um conjunto de casos universais, que presumivelmente identificam certos julgamentos que os humanos fazem sobre os participantes de um evento. A evolução dos estudos sobre os papéis semânticos dos nomes levou à análise da estrutura argumental dos verbos, indicando o tipo de participação de seus argumentos no evento denotado.

De um modo geral, adoto os papéis semânticos tais como descritos por Givón (2001), recorrendo a outros linguistas quando necessário. A determinação dos casos semânticos desempenhados pelos argumentos dos VMT colabora para o processo de distinção dos diferentes subesquemas relacionados à construção [SN<sub>SUJ</sub> V<sub>MOV</sub> SN<sub>OD</sub> SP]. A seguir, trato dos papéis semânticos dos sintagmas relacionados a esses verbos.

#### 3.1.3.1 Do sujeito

A importância do papel semântico do SN<sub>SUJ</sub> reside no fato de que ele possibilita distinções entre os esquemas perfilados pela CMT, uma vez que o modo de atuação do referente do SUJ em eventos de movimento revela cenas que se relacionam à manipulação e/ou ao transporte de pessoas ou objetos; ao percurso de um caminho, sozinho ou acompanhado; e ao afastamento ou à aproximação de um determinado ponto de referência. Prototipicamente, o SUJ do VMT desempenha o papel semântico de *Agente*.

O *Agente* é definido por Givón (2001) como o participante, tipicamente animado, que age deliberadamente para iniciar o evento e, assim, é responsável por ele. Embora não haja uma correlação categórica entre função sintática e papel semântico, Furtado da Cunha e Souza (2011) argumentam que há certa expectativa de que o sujeito codifique o Agente da ação.

Para Furtado da Cunha e César (2018, p. 135), o sujeito dos verbos de movimento no PB “sempre desempenha o papel semântico de Agente, por causa da necessidade de um

desencadeador da ação”. Os autores observaram que o papel semântico desempenhado pelo participante sujeito “pode sugerir uma formulação inicial de uma rede construcional para esses verbos, já que o modo como o sujeito realiza a ação define os esquemas de *movimento* ou de *deslocamento*”. Acerca dos esquemas mencionados,

O primeiro revela apenas o movimento de determinada parte do corpo do participante sujeito, ocasionando obrigatoriamente o afetamento do referente do OD. O segundo expressa o deslocamento do sujeito de um ponto A para um ponto B, ocasionando o afetamento ou não do OD. Ou seja, o que diferencia esses esquemas é o tipo de ação praticada pelo sujeito e o modo como afeta o referente do OD no evento denotado. (FURTADO DA CUNHA; CÉSAR, 2018, p. 126).

Dowty (1991) atribui ao Agente a característica prototípica de um participante volitivo e capaz de causar mudança no Paciente, a exemplo do que acontece no evento relatado em (39). Fora do padrão prototípico de movimento causado, veremos que nem sempre o Agente modifica o Paciente, ou seja, nem sempre o referente do OD é afetado pelo referente do SUJ, conforme observamos em (40).

(39) Aric Sigman, da Royal Society of Medicine, em Londres, autor do livro *The spoilt generation* (A geração mimada), afirma que, hoje, até criancinhas nas creches jogam objetos e cadeiras umas nas outras. (Revistas *On-line*, Época)

(40) [...] naquela noite ...teve o aniversário ... teve a festa ... lá no hotel ... no hotel ... assim ... a gente foi descendo a ladeira... que embaixo tinha uma lagoa ... uma lagoazinha pequenininha ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 388)

Em (39), o Agente (*criancinhas*) causa mudança de localização no Paciente (*objetos e cadeiras*), jogando-o *umas nas outras*, ao passo que em (40), a ação do Agente (*a gente*) não modifica *a ladeira*. Nesse dado, o referente do OD não é Paciente, pois é uma entidade que permanece inalterada, sem ser afetada.

### 3.1.3.2 Do objeto direto

Os papéis semânticos do SN<sub>OD</sub> variam de acordo com cada subesquema da rede construcional do EMT, conforme veremos no *Capítulo 3*. Nos VMT, trata-se do argumento com maior probabilidade de ser afetado, configurando o caso *paciente*. O SN<sub>OD</sub> também pode designar o espaço onde perpassa o referente do SN<sub>SUJ</sub>, no papel de *Caminho*, ou uma segunda entidade em movimento na ação expressa pelo verbo, correspondente ao papel de *associativo*.

Nos termos da classificação semântica de Givón (2001), o Paciente diz respeito ao participante, animado ou não, que registra uma mudança de estado ou de localização como resultado de um evento. Assim, o Paciente se caracteriza por ser afetado pela ação do SUJ, que o desloca de um lugar a outro. No caso dos VMT, o OD é um paciente prototípico para os verbos de ação-processo. Vejamos em (41):

- (41) Eu até imaginava assim, se eu tivesse lá, de repente até mataria a gente. Eu e ela <um mon...>, porque foi mais de um, com certeza. Pra carregá a quantidade de coisas que eles levaram, é que foi mais de um. (*Corpus PEUL/RJ*)

Observe que o papel semântico do referente *que* (= *a quantidade de coisas*) é de Paciente, objeto movido pela ação do SUJ de levá-lo de um ponto a outro.

Givón (2001, p. 107) arrola os principais papéis semânticos desempenhados por participantes de eventos/estados. Entre eles, encontra-se o Locativo, definido como “o lugar, tipicamente concreto e inanimado, onde o estado está, onde o evento ocorre ou para o qual ou do qual um participante se move.” (tradução minha)<sup>1</sup>. Como se pode ver, nessa formulação, esse papel abrange qualquer referente que designe um determinado lugar. Assim, esse papel é tipicamente codificado por um SP, e não por um OD. Na LC, um termo mais específico que dá conta desse último participante que não é afetado pela ação do Agente, mas indica trajeto percorrido, é *caminho*, segundo a classificação de Talmy (2000). O papel Caminho (*path*) faz parte de uma categoria que se refere à variedade de caminhos seguidos ou locais ocupados pelo Agente (*figura*, nos termos de Talmy), entidade que se desloca em um evento de movimento. Ilustro com os seguintes dados:

- (42) O menino [...] tava correndo com medo do cachorro ... atravessou a rua e o caminhão pegou ... do mesmo jeito ele enterrou lá ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 33*)

- (43) The bikers crisscrossed the desert. (FrameNet Berkeley)  
Os ciclistas cruzaram o deserto.

Os SN<sub>OD</sub> *a rua* (42) e *the desert* (43) designam o local por onde os referentes do SUJ, *o menino* e *the bikers*, respectivamente, realizam o trajeto. Na plataforma FrameNet Berkeley – banco lexical da Língua Inglesa, disponível *on-line*, que arrola verbos com base em sua estrutura semântica (cf. *Subseção 2.2.3*) –, esse tipo de complemento direto do verbo é identificado como *area* (área), um elemento do *frame* “usado para expressões que descrevem a área geral

---

<sup>1</sup> Texto original: Locative = the place, typically concrete and inanimate, where the state is, where the event occurs, or toward which or away from which some participant is moving (Loc).

em que o movimento ocorre” (tradução minha)<sup>2</sup>.

Outro papel semântico que o OD pode desempenhar em eventos com verbos de movimento é o de *associativo*. Para Givón (2001, p. 107-8), trata-se de um participante “associado ao agente, paciente ou dativo do evento, cujo papel no evento é semelhante, mas não tão importante” (tradução minha)<sup>3</sup>. Exemplifico com os seguintes dados:

- (44) [...] então os pinguins começam a voltar pra gruta e Batman vai seguir os pinguins e vai chegar até à gruta ... (*Corpus D&G Natal*, Fala, p. 307)
- (45) Minha mãe e irmã acompanharam-me até o embarque e o percurso foi tranquilo, apesar da chuva incessante (*Corpus D&G Natal*, Escrita, p. 163)  
The children chased the dog into the park. (FrameNet Berkeley)
- (46) As crianças perseguiram o cachorro no parque.

*Os pinguins* (44), *me* (45) e *the dog* (46) exemplificam o caso associativo. São participantes sintaticamente codificados como OD que não são afetados pela ação do Agente, mas que se deslocam junto com os SUJ *Batman*, *Minha mãe e irmã* e *The children*, respectivamente. No FrameNet Berkeley, o participante com essa característica é denominado *cotheme* (cotema) e faz parte de um *frame* que leva o mesmo nome: “Esse elemento do *frame* é o segundo objeto em movimento, expresso como OD ou oblíquo” (tradução minha)<sup>4</sup>. Na literatura semântica, esse tipo de caso também é denominado *comitativo* e identifica um indivíduo em cuja companhia alguma coisa é feita (cf. TRASK, 1993, p. 49).

Frequentemente, o SN<sub>OD</sub> associativo pode ser seguido de SP que indica o ponto final do movimento, como *até à gruta*, *até o embarque* e *into the park*. Logo, a principal característica do associativo é o seu deslocamento independente, mas em concomitância com o do Agente, sem sofrer interferência direta deste. Com relação à nomenclatura, tal como veremos mais à frente, denomino esse papel semântico de *Coagente*.

### 3.1.3.3 Do sintagma preposicionado

A principal característica dos SP relacionados aos VMT é o seu valor referencial acerca dos espaços em que ocorre o evento de movimento. Embora seja o único argumento

2 Texto original: This frame element is used for expressions which describe a general area in which motion takes place.

3 Texto original: an associate of the agent, patient or dative of the event, whose role in the event is similar, but who is not as important.

4 Texto original: This frame element is the second moving object, expressed as a direct object or an oblique.

implicado, mas não obrigatório, na moldura dos VMT, quando explicitado, situa os pontos de onde (*origem*) ou para onde (*alvo*) partem as entidades do evento. Trata-se de um importante complemento presente tanto nos VMT de ação como nos de ação-processo. De um modo geral, é semanticamente classificado como Locativo.

Hurford e Heasley (1983) afirmam que o papel de Locativo é desempenhado por qualquer expressão que se refere ao lugar em que a ação descrita pela sentença ocorreu. Na mesma linha, Palmer (1994) reitera que, em muitas línguas, o Locativo tem funções gramaticais que o marcam como uma relação gramatical nuclear, e não periférica. Ele pode, por exemplo, ser codificado como um OD, conforme visto anteriormente.

Para Givón (2001), o papel de Locativo limita-se ao SP e pode remeter a estado (*She lives in Philadelphia/Ela mora em Filadélfia*) ou movimento (*He went to the store/Ele foi para a loja*). De modo mais específico, Fillmore (1971) o divide em duas perspectivas: origem (ou fonte) e alvo (ou meta). Quando codificado como SP dos VMT, *origem* identifica o local de onde o Paciente é removido ou de onde tem início o movimento dos participantes do evento, conforme verificamos a seguir.

- (47) [...] que faz o sorvete no caso ... ficar um pouco mais cremoso... sabe? ele cresce e fica ... fica cremoso né ... ele não vai ficar ... não tem perigo de ficar duro ... agente passa na batedeira durante dez minutos ... não é ... o suco que fez antes com a liga e mais essa sobremesa ... depois que tira do congelador ... e volta pro congelador e espera dar o ... o ponto certo... não é? (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 194*)
- (48) [...] o responsável pelo objeto do contrato era o Sr. Florêncio das Chagas (“Teirinho”), tendo ido buscar o barco Marta Rocha no Canto Mangue, logo após ter recebido a correspondência relativa à multa no valor de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais). (Banco de Sentenças/JFRN)

A preposição *de* é a mais comum na introdução desse tipo de sintagma. Em (47), por exemplo, o SP *do congelador* está relacionado à Origem do movimento, por se tratar do local de onde o Paciente (*o sorvete*) é removido. Em (48), o SP *no Canto do Mangue* indica o local de onde os participantes da oração, *Sr. Florêncio das Chagas* (“Teirinho”) e *o barco Marta Rocha*, iniciam o evento de movimento.

O *alvo* corresponde ao ponto de chegada de um evento de movimento. Segundo Fillmore (1971), é o lugar para onde algo se move. Preposições como *em*, *para* e *até* são introdutoras do SP que representa o alvo, como nos dados a seguir:

- (49) Passar margarina na forma e coloca os ingredientes na forma e coloca para assar no forno e estar pronto para todos comerem. (*Corpus D&G Natal*, Escrita, p. 421)
- (50) FRANCISCO ARGEMIRO aduziu que foi feito um convite a ele para levar um pessoal para Touros/RN para cometer o roubo, tendo ele aceitado, uma vez que passava por dificuldades financeiras. (Banco de Sentenças/JFRN)
- (51) [...] então quando ela pegou o carro do jeito que ele queria ... super veloz ... minha filha ... botou ... pé na tábua ... aí levou ele até o hotel ... (*Corpus D&G Natal*, Fala, p. 240)

Os SP das orações em destaque indicam o ponto final do evento. Em (49), *na forma* é o alvo, local para onde o referente do OD (*os ingredientes*) é movido por manipulação. Os dois excertos seguintes, *para Touros/RN* (50) e *até o hotel* (51) também contêm um alvo que é o destino de um evento de transporte, para onde, respectivamente, deslocam-se os participantes do evento: os Agentes SN<sub>SUJ</sub> *FRANCISCO ARGEMIRO* e *minha filha* ( $\emptyset$ ) e os Pacientes SN<sub>OD</sub>, *um pessoal* e *ele*.

Conforme exposto aqui, os *frames* do EMT acomodam alguns dos papéis semânticos que, segundo Palmer (1994), são tipologicamente mais relevantes: Agente, Paciente e Locativo.

Veremos ainda que os papéis semânticos do SP se correlacionam aos EI que subjazem aos eventos de movimento, tendo em vista que os casos semânticos podem ser pensados em termos de uma estrutura cognitiva, abstrata. Nesse sentido, o material linguístico ativa esses esquemas cognitivos, e os casos semânticos colaboram para essa ativação.

## 2.2 A LINGUÍSTICA COGNITIVA

A Linguística Cognitiva se desenvolve como paradigma na década de 1980, com base, sobretudo, nos trabalhos de George Lakoff (LAKOFF; JOHNSON, 1980, LAKOFF, 1987), Ronald Langacker (1987) e Leonard Talmy (1983), tendo como mola propulsora a insatisfação com os resultados da Gramática Gerativa, de Chomsky, que desconsidera a semântica.

Assim como a Linguística Funcional Clássica (GIVÓN, 1984, 1989, 1995, por exemplo), a LC entende a linguagem como parte integrante da cognição, fundamentada em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais. Nessa direção, a língua é um meio de interpretar e construir o mundo, de organizar conhecimentos que refletem as necessidades, os interesses e as experiências dos indivíduos e das culturas.

Desse modo, a LC busca descrever e analisar as estruturas cognitivas que são subjacentes às categorias linguísticas. Nessa perspectiva, todas as estruturas cognitivas possuem uma base

experiencial e, exatamente por isso, estão relacionadas aos processos de construção de sentido. As categorias linguísticas, então, ativam/perfilam as estruturas cognitivas.

Com o objetivo de entender a relação entre a linguagem e a mente humana, a LC postula a existência de processos cognitivos subjacentes ao uso da língua, tais como a nossa capacidade de identificar e/ou representar distintos eventos de movimento. De modo mais específico, a LC se caracteriza, conforme Gibbs (1996, p. 49),

não apenas por seu compromisso de incorporar uma ampla gama de dados de outras disciplinas cognitivas, mas porque (a) busca ativamente correspondências entre pensamento conceitual, experiência corporal e estrutura linguística, e (b) porque busca descobrir o conteúdo real da cognição humana. (tradução minha)<sup>5</sup>

Essas buscas levaram ao estabelecimento de construtos que se voltam para aspectos da estrutura conceptual, como os modelos cognitivos idealizados, relacionados à significação e à estrutura de certas categorias, linguísticas ou não, partilhadas por membros de um grupo social. É com base no entendimento de que as estruturas de conhecimento armazenadas na memória permanente são fundamentais na construção do significado linguístico que foram propostas noções como *frame* (FILLMORE, 1975, 1977), discutida mais à frente neste capítulo.

Ferrari (2011, p. 15) defende que a LC adota uma visão enciclopédica do significado linguístico, por conceber “o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais”, adotando, assim, “uma perspectiva baseada no uso, tendo como uma de suas principais hipóteses a ideia de que o contexto orienta a construção do significado” (p. 18). Por tais premissas é que conjugo a LFCU à LC.

Na sequência, trato de categorização e prototipicidade. Apresento a abordagem de Talmy (2000) às estruturas que envolvem o evento de movimento (3.2.2) e, por fim, estabeleço correspondência entre o evento de movimento e três categorias de análise da LC, a saber, *frames* (3.2.3), *esquemas imagéticos* (3.2.4) e *metáfora conceptual* (3.2.5).

### 2.2.1 Categorização e Prototipicidade

O processo cognitivo de categorização e a noção de prototipicidade, tal como se aplicam às línguas naturais, foram primeiramente tratados sob a perspectiva da LC. Mais tarde, 5 Texto original: not solely because of its commitment to incorporating a wide range of data from other cognitive disciplines, but because it (a) actively seeks correspondences between conceptual thought, bodily experience, and linguistic structure, and (b) because it seeks to discover the actual contents of human cognition.

esses aparatos teóricos foram incorporados pela Linguística Funcional, em especial por Givón (2001) e Bybee (2016 [2010]). A categorização é um processo cognitivo de domínio geral, o qual atua em nossa capacidade de classificar e ordenar elementos a partir de nossa experiência. Por meio desse processo, agrupamos elementos semelhantes, que podem ser pessoas, objetos, lugares, em classes particulares.

Um dos precursores na investigação do processo de categorização, Lakoff (1987, p. 5) sustenta que a compreensão de como categorizamos é ponto chave para entender o modo como pensamos, agimos e, conseqüentemente, o que nos faz humanos. O autor defende que “não há nada mais básico do que a categorização para o nosso pensamento, percepção, ação e discurso. Cada vez que nós vemos algo como um tipo de coisa, por exemplo, uma árvore, nós estamos categorizando” (tradução minha)<sup>6</sup>.

Desse modo, o processo de categorização leva em conta várias propriedades de uma categoria. Não se aplica apenas ao universo dos seres vivos, estende-se também às categorias linguísticas, pois, “usar uma língua é uma questão de acessar representações estocadas” (BYBEE, 2016, p. 132). As representações mais usadas servem de base para a categorização de novos itens. Ou seja, probabilisticamente, “o membro mais frequente serve como o membro central da categoria e novas expressões tendem a ser formadas por analogia com o membro mais frequente.” (BYBEE, 2016, p. 135).

Nesse sentido, do mesmo modo que categorizamos as entidades do mundo, categorizamos também os elementos linguísticos, que podem ser fonemas, morfemas, palavras ou construções, independentemente de idioma ou cultura. No âmbito da linguagem, Bybee (2016, p. 26) se refere à categorização como a “similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes, são reconhecidos e associados a representações estocadas”. O termo “representações estocadas” faz referência ao potencial humano de armazenar informações na memória.

Diretamente relacionada ao processo de categorização, a teoria dos protótipos busca identificar membros centrais e periféricos de categorias por compartilhamento de traços, com base em um exemplar ideal, ou seja, que detém a maior quantidade de características da categoria em questão. Nas palavras de Ferrari (2010, p. 152),

A Teoria dos Protótipos prevê que as categorias se organizam, de modo geral, em torno de um núcleo prototípico. Embora o protótipo se caracterize por possuir todos os traços definidores de uma determinada categoria, membros que apresentam um número menor de traços definidores também podem ser incluídos.

---

6 Texto original: There is nothing more basic than categorization to our thought, perception, action, and speech. Every time we see something as a kind of thing, for example, a tree, we are categorizing.

Para Bybee (2016, p. 41-2), uma interpretação dos efeitos prototípicos “é que as pessoas constroem um protótipo abstrato de uma categoria com o qual o membro ou os membros centrais compartilham mais traços do que os membros marginais”. Esses efeitos surgem do enquadramento de alguns membros em determinadas categorias, considerando-os melhores ou mais centrais que outros. Quanto mais um elemento é avaliado como prototípico de uma categoria, mais atributos ele tem em comum com outros membros da mesma categoria e menos atributos em comum com membros de categorias contrastantes. Um exemplo é a categoria PÁSSARO, citada a seguir pela autora:

Categorias exemplares, construídas por meio da experiência (em vários domínios), exibem efeitos prototípicos, os quais derivam de pertencimento graduado a uma categoria: alguns exemplares são membros centrais da categoria enquanto outros são mais marginais. Essa propriedade é geralmente ilustrada com categorias naturais como PÁSSARO: alguns pássaros, como sabiá e pardal, são tidos como mais centrais à categoria do que outros, por exemplo, águias ou pinguins. (BYBEE, 2016, p. 131).

De um modo mais específico, voltando-se para a categoria verbo, Furtado da Cunha (2006, p. 120) afirma que:

Ao definir cada relação sintática e cada papel semântico associados a um verbo, define-se um protótipo. Cada verbo especifica sua própria moldura proposicional única, seu próprio arranjo único de papéis sintáticos e semânticos. O conhecimento que adquirimos sobre os verbos – com que elementos ele se combina – pode não estar estocado em categorias nitidamente distintas.

O reconhecimento das propriedades que identificam um exemplar prototípico, internalizadas pelos usuários da língua, ajudam na identificação e organização de diversas categorias. Veremos, no terceiro capítulo, que as orações com os VMT envolvem estruturas sintáticas semelhantes que exibem distinções cognitivas, o que possibilita abrigar esses verbos em subcategorias diferentes. Nessa linha, orações com a mesma configuração argumental diferem quanto ao tipo de movimento efetuado pelo  $SN_{SUJ}$  e à participação do  $SN_{OD}$ .

### 2.2.2 Estrutura do Evento de Movimento

Anteriormente, na *Subseção 2.1.2* (transitividade), vimos que a Linguística Funcional Clássica estabelece uma relação entre o evento causal prototípico e os elementos linguísticos que caracterizam a oração transitiva, associando, assim, um padrão básico da experiência a um

padrão básico da língua. O evento causal prototípico, definido como um evento em que um agente animado intencionalmente causa uma mudança física e perceptível no estado ou locação de um objeto, correlaciona-se com o que Talmy (2000) denomina evento de movimento, como será apresentado adiante.

A estrutura do evento de movimento (*motion event*) recebe particular atenção de Talmy (2000), ao tratar do processo de estruturação conceptual em diferentes línguas. A forma geral de tal estrutura consiste em um evento básico, em que há movimento (de alguma entidade) e uma localização, juntamente com um *coevento* que se relaciona ao evento básico por meio de *Maneira* ou *Causa*, integrados no que o autor chama de uma “situação de movimento mais amplo”. O *coevento* consiste em um evento subordinado a um evento de enquadramento (*framing event*) que executa função de suporte, tais como causa, modo, concomitância, entre outras, para preencher, elaborar, adicionar ou motivar o evento de enquadramento (cf. *Subseção 2.2.2.1*).

Tal evento constitui um esquema de evento particular, identificado em vários domínios conceptuais diferentes, que determina a totalidade ou a maior parte da estrutura argumental e do caráter semântico dos argumentos, bem como toda ou a maior parte da estrutura do complemento sintático na oração. Estruturalmente, é particularizado pelos seguintes componentes: a entidade figura, a entidade de fundo, o processo de ativação e a função de associação.

Conforme Talmy (2000), a entidade *figura* é, geralmente, o componente em que a atenção está mais centrada. Corresponde a um objeto físico, cujo caminho ou localização é caracterizado e que tem o papel principal (de Sujeito, em termos sintáticos) em relação a todo o evento. A entidade *fundo* é conceituada como o segundo objeto físico, que funciona como um ponto de referência – *Landmark*, nos termos de Langacker (1987) – em relação ao caminho ou à localização da figura, e tem o papel de fundo em relação a todo o evento. O *processo de ativação* diz respeito à transição ou permanência da figura em relação à entidade de fundo, contribuindo para o dinamismo do evento. Por fim, a *função de associação* define a entidade figura em uma relação particular com a entidade fundo.

Especificamente, o evento básico de movimento consiste em uma figura em movimento ou localizada em relação a outro objeto (objeto de referência ou *ground*). Esse evento tem quatro componentes: além de figura e do fundo, há um *caminho* e um *movimento*. O movimento pode ser *translacional*, quando há transição da figura em relação ao fundo, ou *estacionário*, quando a figura permanece fixa em relação ao fundo. O autor ainda considera outro tipo de movimento: o movimento *autocontido* (*self-contained*). Neste, um objeto mantém a mesma localização básica e pode consistir em oscilação, rotação, dilatação, balanço e deslocamento no mesmo local ou descanso, exemplificado, respectivamente, com os seguintes dados (TALMY, 2000, p. 36):

- (52) The ball bounced/rolled down the hall.  
A bola quicou/rolou pelo corredor.
- (53) The ball moved down the hall.  
A bola se moveu pelo corredor baixo.
- (54) The ball bounced up and down on the same floor tile.  
A bola saltou para cima e para baixo no mesmo piso.
- (55) The log rolled over and over in the water.  
O tronco rolou repetidamente na água.

Nesse complexo de movimento, os eventos expressos em (52) e (53) podem ser analisados como movimento translacional puro, ao qual o verbo MOVE (*mover-se*) se refere exclusivamente. Em ambos, o movimento é translacional porque a localização básica de um objeto muda de um ponto para outro no espaço. Ainda em (52), há um coevento de modo que indica oscilação (*The ball bounced*) ou movimento autônomo rotacional (*The ball rolled*). O autor mostra que esses dois tipos de movimento são representados isoladamente nas orações (54) e (55). Na primeira, o verbo BOUNCE conceitualiza um movimento de oscilação, *up and down*; na segunda, o verbo ROLL conceitualiza um movimento autônomo rotacional, *over and over*.

Segundo Talmy (2000, p. 36), “o correlato cognitivo desse fenômeno linguístico é que aparentemente conceitualizamos, e talvez percebamos, certos movimentos complexos como um composto de dois padrões esquemáticos abstratamente distintos, de movimento mais simples” (tradução minha)<sup>7</sup>. Por exemplo, podemos conceitualizar o movimento complexo de uma bola descrevendo uma sucessão de arcos parabólicos gradualmente decrescentes através de um corredor como consistindo em dois movimentos esquematizados distintos ou fundidos: movimento para frente ao longo de uma linha reta horizontal e movimento iterativo (repetitivo) para cima e para baixo ao longo de uma linha reta vertical. Ou seja, dada a nossa capacidade cognitiva, podemos estabelecer diferentes modos de eventos de movimento.

Um outro tipo de movimento observado pelo linguista diz respeito a ação de um Agente que move controladamente um objeto através de movimentos de parte do corpo, mas sem o deslocamento de todo o corpo. Verbos como TAKE OUT (*tirar*) e MOVE TO (*mover*), ilustrados a seguir, também apresentam esse sentido expresso por PUT (*colocar*). Vejamos os exemplos (TALMY, 2000, p. 38):

---

<sup>7</sup> Texto original: The cognitive correlate of this linguistic phenomenon is that we apparently conceptualize, and perhaps perceive, certain complex motions as a composite of two abstractly distinct schematic patterns of simpler motion.

- (56) I put the book in the box.  
Eu coloquei o livro na caixa.
- (57) I took the book out of the box.  
Eu tirei o livro (para fora) da caixa.
- (58) I moved the book three inches to the left.  
Eu movi o livro três polegadas à esquerda.

Nessas orações, o Agente da ação (*I*) move um objeto (*the book*) utilizando apenas parte do seu corpo. Não há, portanto, deslocamento do Agente de um lugar para outro. Assim, o verbo PUT (56) faz parte de um complexo que designa o movimento causado a um Paciente, assim como os demais verbos em que a ação é pautada por movimento semelhante: tirar o livro (57) e mover o livro (58) de um lugar a outro.

Outros verbos de movimento expressam o deslocamento total do Agente da ação, conforme as orações ilustradas em (59) e (60), cujo Agente (*the child*) se desloca, ou translaciona, nos termos de Talmy (TALMY, 2000, p. 40), todo o seu corpo.

- (59) The child went down the hallway.  
A criança desceu o corredor.
- (60) The child hopped.  
A criança pulou/saltou.
- (61) The child hopped down the hallway.  
A criança desceu (pulando) pelo corredor.

Em (59) e (60), o emprego dos verbos GO DOWN (*descer*) e HOP (*pular*) no tempo passado circunstanciam o deslocamento de todo o corpo do Agente (*the child*). Já em (61), HOP DOWN expressa, além do movimento, o modo como a criança desceu pelo corredor, pulando. Assim, alguns verbos de movimento, como HOP DOWN, implicam a junção de dois eventos em um único evento.

Para Talmy (2000, p. 216), eventos de movimento agentivos podem conceptualizar uma sequência causal de eventos separados, representada sintaticamente por duas orações, conforme (62); ou podem ser concebidos como um evento unitário, como em (63), expresso por uma única oração.

- (62) The aerial toppled because I did something to it [e.g., because I threw a rock at it].  
A antena caiu porque fiz algo para isso [por exemplo, porque joguei uma pedra nela].
- (63) I toppled the aerial.  
Eu derrubei a antena.

O plano de investigar os componentes semânticos e suas inter-relações do EMT aqui se consolida na formulação de uma rede hierárquica para a CMT, apresentada no capítulo seguinte. Essa postura encontra correspondência na proposta da LFCU de tratar a transitividade oracional em termos dos elementos que participam do evento causal transitivo, isto é, em termos semânticos.

### *2.2.2.1 Coevento relacionado ao evento de movimento*

O coevento pode interagir com o evento de movimento de diversas maneiras, ocasionando-o ou se manifestando apenas no decorrer dele. Sobre isso, Talmy (2000, p.45) diz que

[...] o coevento pode consistir em um padrão de movimento da Figura – especificamente, um tipo de movimento autocontido, concebido de forma abstrata que se junta ao movimento translacional da Figura para formar um envelope de movimento mais complexo, como no caso de uma bola quicando ou rolando por um corredor. Ou o coevento pode ser uma atividade concebida de modo abstrato pela Figura que poderia existir apenas em associação com o movimento translacional da Figura, como no caso de uma canoa deslizando pela água, de um livro deslizando por um declive ou de um bebê rastejando pelo chão. (tradução minha)<sup>8</sup>

Para exemplificar, apresento os seguintes exemplos, listados pelo próprio autor (2000, p. 46):

---

8 Texto original: the Co-event can consist of a pattern of motion by the Figure – specifically, a so-conceivedly abstractable type of self – contained motion – that coalesces with the Figure’s translational motion to form a more complex envelope of movement, as in the case of a ball bouncing or rolling down a hall. Or the Co-event can be a conceptually abstractable activity by the Figure that could exist only in association with translational motion by the Figure, as in the case of a canoe gliding through water, of a book sliding down an incline, or of a baby crawling across the floor.

(64) I MOVED the mug along the counter.  
Eu MOVI a caneca ao longo do balcão.

(65) I SLID the mug along the counter.  
Eu DESLIZEI a caneca ao longo do balcão.

Observe que o evento expresso em (65) revela, semanticamente, um movimento mais complexo que em (64). Enquanto o emprego do verbo MOVE expressa apenas o deslocamento da caneca, SLID acrescenta concomitantemente a maneira como esse deslocamento é realizado: deslizando. Inferimos, a partir de diferenças de sentido semelhantes a essas, que o modo como o movimento é realizado corresponde a subcategorias de movimento e conseqüentemente a determinados *frames*, que mostram cenas particulares de tipos de movimento, assim como serão descritos na *Subseção 2.2.3*.

Talmy observa ainda que a fusão (*conflation*) de coeventos não se limita a ocorrer apenas uma vez dentro em uma estrutura com duas orações, mas pode, de fato, ocorrer em número maior. Pode-se, assim, dizer que essa estrutura agrupa orações em uma incorporação hierárquica e que a fusão ocorre sucessivamente, começando com o par mais baixo de orações relacionadas, a exemplo das seguintes orações (TALMY, 2000, p. 46):

(66) The prisoner SENT a message to his confederate.  
O prisioneiro ENVIIOU uma mensagem para sua confederação.

(67) The prisoner FORMED the message.  
O prisioneiro CRIOU a mensagem.

(68) The prisoner TAPPED ON the water pipes.  
O prisioneiro BATEU nos canos de água.

(69) The prisoner TAPPED OUT a message along the water pipes to his confederate.  
O prisioneiro ENVIIOU uma mensagem BATENDO nos canos de água para a sua confederação.

Esses exemplos apresentam orações que podem ser integralizadas em único evento, mostradas em uma seqüência hierárquica. O primeiro (66) expressa o sentido básico do evento, no qual um Agente (*The prisoner*) movimenta um Paciente (*a message*) para um destino (*his confederate*). As etapas expressas por (67) e (68) são incorporadas por (69). Essa sucessão hierárquica de coeventos passa, então, a expressar um evento de movimento que teve uma fusão

múltipla de coeventos: a criação da mensagem (67), a batida na tubulação (68) e, finalmente, o envio por meio de batidas na tubulação (69).

Para Talmy (2000, p. 221-2), as línguas do mundo parecem se dividir em duas categorias no que se refere à estrutura sintática oracional, quer o esquema central seja expresso pelo verbo principal ou pelo satélite (argumento). As línguas que mapeiam o esquema central no verbo são categorizadas como *verb-framed* (emoldurados por verbo). Entre essas línguas estão incluídas as de origem românica. As línguas *satellite-frame* (emolduras por satélite) mapeiam o coevento no verbo principal, chamado de *co-event verb* (verbo de coevento).

Em outras palavras, quando o evento principal é semanticamente emoldurado por um verbo, este expressa simultaneamente o movimento e o percurso. Quando emoldurado por um satélite, o verbo lexicaliza concomitantemente os componentes semânticos de modo/causa de movimento, ao passo que o percurso, que se constitui no evento principal, é expresso por um satélite (em inglês, uma preposição).

Para ilustrar essas estruturas sintáticas, Talmy (2000, p. 223) compara o inglês, uma língua basicamente emoldurada pelo satélite, com o espanhol, uma linguagem emoldurada pelo verbo, considerando as seguintes orações:

(70) The bottle floated out.  
A garrafa flutuou para fora.

(71) La botella salió flotando.  
A garrafa saiu flutuando.

Observe que no exemplo da língua inglesa (70), o satélite (*out*) se posiciona como o esquema central, o caminho (para fora), e o verbo *FLOAT* expressa o coevento, o modo como o caminho foi percorrido (flutuando). Em contrapartida, no espanhol (71), o verbo *SALIR* (sair) expressa o esquema central, o caminho, enquanto a forma *flotando* (flutuando), no gerúndio, expressa um coevento de modo.

O autor (TALMY, 2000, p. 224) ressalta que, em línguas centradas no verbo, como o espanhol, a extremidade menos integrada que expressa um coevento, a exemplo de gerúndio em posição final de oração, pode ser interpretada sintaticamente como uma oração subordinada adverbial, não funcionando como satélite. Nesse caso, a estrutura total é uma oração complexa composta de duas orações e, portanto, não pode representar um único evento, conforme se pode ver em (72). Contudo, há padrões em que o coevento também é emoldurado pelo verbo, que está em relação direta com o verbo principal, a exemplo de (73).

(72) La botella salió de la cueva flotando.  
A garrafa saiu da caverna flutuando.

(73) La botella salió flotando de la cueva.  
A garrafa saiu flutuando da caverna.

Em (73), a estrutura inteira pode ser interpretada como uma única oração. Nesse caso, o verbo no gerúndio pode representar apenas uma integração intermediária na oração, porque sua forma gramatical ainda aponta para uma origem de oração. Tal proposta mostra que o Caminho pode aparecer caracteristicamente na raiz do verbo ou no satélite em diferentes línguas. Uma língua como o espanhol, na concepção do autor, codifica as duas perspectivas.

As relações de modo e de causa também se vinculam à estrutura conceptual de eventos de movimento. Para exemplificar, Talmy (2000, p. 228) volta a contrastar orações da língua inglesa com orações da língua espanhola:

(74) I rolled the keg out of the storeroom.  
Eu rolei o barril para fora do depósito.

(75) Saqué el barril de la bodega rodándolo.  
Tirei o barril do depósito rolando-o.

(76) I kicked the ball into the box.  
Eu chutei a bola para dentro da caixa.

(77) Metí la pelota a la caja de una patada.  
Coloquei a bola na caixa com um chute.

As orações transcritas em (74) e (75) mostram que a relação de suporte do evento principal – MOVER o barril do depósito, efetuada por um Agente – é de modo, ROLAR na primeira e TIRAR na segunda. Em (76) e (77), por outro lado, o evento principal, mover a bola para a caixa, está relacionado com a causa, expressa por *chutar*. Nos exemplos em língua inglesa, o movimento expresso pelo verbo ROLL (*rolar*) implica diretamente o modo como ocorreu a transferência do barril de um ponto inicial para o depósito (74); com o verbo KICK (*chutar*), a implicação é de causa: a bola se moveu para a caixa, como resultado de haver sido chutada (76). Em espanhol, por sua vez, o modo (*rodando*), em (75), e a causa (*de una patada*), em (77), do movimento e, mais precisamente, o afetamento do objeto, é ancorado no coevento.

É importante dizer que Talmy (1972) iniciou esses estudos comparando línguas diferentes, estabelecendo padrões lexicais e conceituando o esquema básico de eventos de movimento, em que uma figura se desloca em relação a um fundo, seja este um objeto seja um ponto referencial. O percurso realizado pela figura é, portanto, o Caminho. O autor esclarece que o inglês faz parte de um grupo de línguas que tem como padrão característico de movimento verbos que expressam, ao mesmo tempo, tanto o movimento em si como o coevento, geralmente a maneira ou a causa do movimento. No PB, o modo do movimento pode se relacionar diretamente com o VMT, conforme veremos no terceiro capítulo.

### 2.2.3 Semântica de *Frames*

Atribui-se a Fillmore (1968) o desenvolvimento da Gramática de Casos, que se ocupa das funções semânticas dos elementos de uma oração. A noção de *frame* é proveniente da psicologia. Como já mencionado, adoto a visão de Fillmore, na qual a descrição de um verbo é feita por meio da definição dos papéis semânticos dos argumentos que com ele se relacionam. Para Fillmore (1975, 1977), os significados são definidos em relação a algum enquadre (*frame*) ou cena que pode ser altamente estruturado. Estreitamente relacionada à noção de *frame*, a valência tem a ver com os modos em que os verbos se ligam a outros elementos para a produção de orações gramaticais.

No que diz respeito a verbos, estes envolvem significados que devem fazer referência a um *frame* estabelecido com base no conhecimento cultural e de mundo dos falantes. Acionamos *frames* a fim de organizar as nossas ideias e produzir comunicação eficiente. Nesse quadro, os verbos se referem a uma estrutura conceptual, interpretada de modo amplo (FILLMORE, 1975, 1977; LAKOFF, 1977, 1987; LANGACKER, 1987). A semântica de *frames*, portanto, abriga “um sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, deve-se compreender toda a estrutura em que esses conceitos se enquadram” (FILLMORE, 2006 [1982], p. 373, tradução minha<sup>9</sup>).

Na perspectiva da semântica de *frames*, portanto, a caracterização de verbos e orações depende do papel semântico dos argumentos de predicadores. Daí surge o conceito de *frame* de caso, isto é, a caracterização de uma situação abstrata ou de uma cena de forma que, para entender a semântica do verbo, é preciso compreender as propriedades das cenas esquematizadas. Nessa linha, é possível estabelecer uma distinção entre os conceitos de *cena* e de *frame*, em que o primeiro representa uma entidade cognitiva ou experiencial, e o segundo tem caráter linguístico, atinente, por exemplo, a uma estrutura argumental. Essa visão foi reformulada e se passou a utilizar apenas a noção de *frame* e a conceituá-lo como uma estrutura cognitiva cujas partes são indexadas por palavras a ela associadas e usadas a serviço do processo de compreensão.

9 Texto original: a system of concepts related in such a way that to understand any of them, it is necessary to understand the whole structure in which it is inserted.

Logo, não se trata de tomar apenas o léxico como base, já que as palavras são pistas para que o ouvinte/leitor ative um conjunto de experiências sociais e culturais atreladas às palavras pelas quais as categorizamos (base experiencialista da língua). Nesse sentido, os *frames* podem ser compreendidos como “estruturas esquematizadas de conhecimento” (FILLMORE, 1982).

Tendo apresentado o conceito de *frame* em sua concepção original e reformulação posterior, cabe agora destacar que, aqui, esse conceito será trabalhado na perspectiva primeira, que focaliza a estrutura argumental de um verbo.

Como ilustração, mostro alguns exemplos recolhidos do projeto FrameNet Berkeley. Seguindo Fillmore, esse projeto relaciona significado lexical de verbos a estrutura argumental sintática. Nessa linha, FrameNet é um banco de dados que especifica o significado de um predicador, os papéis semânticos de seus argumentos e como eles se manifestam sintaticamente. Seu objetivo é documentar um leque de possibilidades semânticas e sintáticas combinatórias para cada verbo da língua inglesa em cada um de seus sentidos. Atualmente, conta com mais de 200.000 dados para pesquisa, vinculados a mais de 1.200 *frames* semânticos, disponíveis em um sistema computadorizado, abrigados no Instituto Internacional de Ciência da Computação, em Berkeley, Califórnia, Estados Unidos, apoiado principalmente pela *National Science Foundation*.

Outros bancos de dados semelhantes a esse projeto foram criados para vários idiomas. No Brasil, o projeto se chama FrameNet Brasil. Trata-se do laboratório de Linguística Computacional sediado na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com o objetivo de criar um banco lexical do PB, para compreender a língua natural com base na Semântica de *Frames* e na GC. Conta com um *corpus* de cerca de 104 milhões de palavras, composto por textos escritos, discursos transcritos e legendas de filmes.

Tomando o projeto FrameNet Berkeley como matriz, selecionei alguns *frames* relacionados à construção com VMT. Na sequência, discuto cada um deles.

### 2.2.3.1 *Causar movimento*

Definido como *cause-motion* no FrameNet Berkeley, esse *frame* descreve um evento em que um Agente faz com que um Paciente se mova de um ponto de origem, ao longo de um caminho para um alvo. Sob o enfoque da GC, *cause-motion* corresponde à construção de movimento causado (GOLDBERG, 1995). Trata-se de um *frame* “muito amplo que contém vários tipos diferentes de palavras que se referem a causar movimento” (FrameNet Berkeley, tradução minha<sup>10</sup>). As construções relacionadas a esse *frame* descrevem o controle do Agente sobre o Paciente apenas na origem do movimento e não no movimento total, como, por

---

10 Texto original: This frame is very broad and contains several different kinds of words that refer to causing motion.

exemplo, com os verbos LANÇAR (*cast*) e ATIRAR (*throw*). Já em construções com outros verbos, como ARRASTAR (*drag*) e EMPURRAR (*push*), o Agente tem o controle do Paciente por todo o movimento; nesse caso, o Paciente apresenta resistência ao movimento devido a alguma fricção. Vejamos alguns exemplos correspondentes:

(78) She THREW her shoes into the dryer. (FrameNet Berkeley)  
Ela lançou seus sapatos no secador.

(79) [...] que o município já estando com 60% da rede coletora pronta, precisa, além de concluir, viabilizar o tratamento da mesma, para lançar os dejetos tratados nas águas do rio São Francisco. (Banco de Sentenças/JFRN)

(80) The mechanic DRAGGED the jack out from under the car. (FrameNet Berkeley)  
O mecânico arrastou o macaco para fora de debaixo do carro.

(81) [...] no caso ela tava junto com a noviça ... e ... ele ... o rapaz pegou as duas né ... mas aí a noviça caiu no meio do caminho ... caiu do carro ... eles empurraram a noviça ... ela abriu a porta e empurrou a noviça ... a freira ... é ... eles descobriram o local lá né ... onde ela tava um ... local que ela morava ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 281*)

Os verbos LANÇAR (*throw*), DRAG (*arrastar*) e EMPURRAR, destacados nas orações (78-81), enfatizam a ação do Agente em causar o movimento do Paciente de um lugar para outro. O FrameNet Brasil também tem esse *frame* catalogado como *causar movimento*, o qual descreve o Agente como “aquele cuja ação causa o movimento de um Tema”, sendo este “geralmente um objeto SN”. Constituem exemplos de pacientes: *her shoes (seus sapatos)*, *os dejetos tratados*, *the jack (o macaco)* e *a noviça*.

Os SP *into the dryer (no secador)*, em (78), e *nas águas do Rio São Francisco* (79) correspondem ao Alvo, ponto final para onde o Paciente é movimentado. Em (80), *out e from under the car (para fora e de debaixo do carro)* identificam, respectivamente, o Alvo e a Origem, isto é, o ponto de partida, do movimento. Observa-se que as instâncias do *frame cause-motion* podem deixar implícitos a Origem, o Caminho e/ou o Alvo, como em (81), que não explicita o local para onde a noviça é empurrada.

Os próximos *frames*, remoção e colocação, são considerados *subframes* de *cause-motion* no FrameNet Berkeley.

### 2.2.3.2 *Remove*

O *frame* Remove (*removing*) descreve o afastamento do Paciente de um local de origem (*source*), a partir da ação do Agente. Veja os dados a seguir:

(82) The waiter REMOVED the dishes from the table. (FrameNet Berkeley)

O garçom removeu os pratos da mesa.

(83) [...] então eu retiro esse arroz da panela e coloco na forma e deixo ele esfriar bem socado ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 60)

Em (82) e (83), os SN<sub>SUJ</sub>, *the waiter (o garçom)* e *eu*, fazem com que os pacientes se movam. O Paciente se constitui, portanto, no objeto extraído, identificado, respectivamente, como *the dishes (os pratos)* e *esse arroz*. A Origem está perfilada no sentido do verbo e, quando expressa, é codificada por SP, como *from the table (da mesa)* e *da panela*. No próximo item, veremos que o *frame placing* possui polaridade inversa ao *removing*, uma vez que o papel semântico perfilado é o Alvo.

### 2.2.3.3 *Colocar*

O *frame* Colocar<sup>11</sup> (*placing*) descreve um evento em que um Agente coloca um Paciente em um local, o Alvo. Nessa moldura, o Paciente está sob o controle do Agente até a chegada ao Alvo, conforme os dados seguintes:

(84) David PLACED his briefcase on the floor. (FrameNet Berkeley)

David COLOCOU sua pasta no chão.

(85) Genesis e Bel querem pôr as roupas na secadora, querem tomar um chá, querem falar de suas aventuras [...] (Revistas *On-line*, Veja)

*David* (84) e *Genesis e Bel* (85) desempenham o papel de Agente, pessoa que faz com que o Paciente se mova, controlando-o até o Alvo. O Paciente, por sua vez, é o objeto que muda de localização no ato da colocação, a exemplo de, respectivamente, *his briefcase (sua pasta)* e *as roupas*. E o Alvo, perfilado no *frame* dos verbos que implicam colocação, é o ponto de chegada do evento na oração, como os SP *on the floor (no chão)* e *na secadora*.

11 Não localizei no FrameNet Brasil *frames* especificados como *remove* e *colocar*.

Como visto, o SP desse *frame* tem o papel de Alvo. Por isso, difere de *removing*, que perfila a origem do movimento. A seguir, trato de mais um *frame* que implica movimento causado, *transportar*.

#### 2.2.3.4 Transportar

O *frame* Transportar, nomeado *bringing* pelo FrameNet Berkeley, delinea a ação de um Agente, representado por uma pessoa ou outra entidade consciente, que transporta o Paciente por um determinado caminho, conforme os exemplos a seguir:

- (86) Karl CARRIED the books across campus to the library on his head. (FrameNet Berkeley)  
Karl LEVOU os livros pelo campus até a biblioteca em sua cabeça.
- (87) Karl CARRIED the books across campus to the library in his truck. (FrameNet Berkeley)  
Karl LEVOU os livros pelo campus até a biblioteca em seu caminhão.
- (88) The boat FERRIED the troops across the river. (FrameNet Berkeley)  
O barco transportou as tropas para o outro lado do rio.

Replicando as definições do FrameNet Berkeley, o FrameNet Brasil caracteriza o Agente como o ser senciante que fisicamente controla o movimento do Paciente, a exemplo de *Karl*, em (86-87). O Paciente corresponde à entidade transportada, que pode ser um objeto, como *the books* (*os livros*), em (86-87), ou um ser animado, como *the troops* (*as tropas*), em (88), com a intenção de conduzi-lo a um alvo, ponto final da trajetória, como *the library* (*a biblioteca*).

Os verbos que ocorrem na estrutura linguística que ativa esse *frame* podem ter referentes metonímicos como SUJ, como *the boat* (o barco), em (88), guiado por um agente humano. Em outros casos, o meio de transporte utilizado para a realização do evento pode ser expresso por um complemento preposicionado, assim como ocorre com *in his truck* (87). Esse sintagma é identificado como *carrier* (portador) pelo FrameNet e tem a função de providenciar suporte para o Paciente durante o traslado. Partes do corpo também podem preencher esse *slot*, a exemplo de *on his head* (86).

Além de representar o destino do evento de movimento, o argumento SP dos verbos relacionados a esse *frame* também pode categorizar o Caminho e a Origem do movimento. Observe-se que o SP *across campus* revela o caminho/trajetória das entidades envolvidas em (86-87).

### 2.2.3.5 Atravessar

Definido como *traversing* no FrameNet Berkeley e *atravessar* no FrameNet Brasil, este *frame* descreve um evento em que uma entidade muda de local em relação a um ponto destacado. Em eventos com VMT, esse ponto pode ser representado por um SN<sub>OD</sub> que designa, por exemplo, a área, o caminho ou a distância do movimento. Vejamos alguns exemplos correspondentes:

(89) The bikers CRISSCROSSED the desert. (FrameNet Berkeley)

Os motociclistas atravessaram o deserto.

(90) Anne Hathaway, atriz de filmes como O Diabo Veste Prada, foi a que mais atraiu olhares ao cruzar o blue carpet, o tradicional tapete vermelho pintado em homenagem à cor do pássaro protagonista. (Revistas *On-line*, Caras)

(91) [...] se você sair de frente para a igreja ... em frente da igreja católica como ao norte ... né ... rumo ao norte você ... acha ... que não anda:: você anda seiscentos metros sai da cidade ... né ... (*Corpus D&G Natal*, Fala, p. 192)

Os verbos ATRAVERSSAR (*CRISSCROSS*), CRUZAR e ANDAR, destacados nas orações (89-91), respectivamente, ocorrem com um Locativo SN<sub>OD</sub>. Em (89), *the desert* equivale a ÁREA por onde a entidade *the bikers* realizam a travessia. Em (90), *o blue carpet* faz menção a um tapete vermelho, que diz respeito ao CAMINHO por onde a atriz Anne Hathaway passa. Ao passo que em (91), *seiscentos metros* vislumbra a DISTÂNCIA percorrida pelo referente do SN<sub>SUJ</sub> *você*.

Esses três elementos, localizados como SN<sub>OD</sub> dos verbos desse *frame*, são particularizados, respectivamente, da seguinte forma pelo FrameNet Brasil: a Área [Area] é o elemento usado para expressões que descrevem uma área geral, na qual o movimento ocorre quando o movimento é entendido como irregular e não consiste em um único caminho linear. E o Caminho [Path] diz respeito a qualquer descrição de uma trajetória de movimento, incluindo expressões direcionais, que não seja nem origem nem destino. A Distância [Distance] aponta para qualquer expressão que caracterize a extensão do movimento.

A entidade que se move nas orações descritas por esse *frame* se movimenta sob o seu próprio poder, a exemplo, respectivamente, dos SN<sub>SUJ</sub> *the bikers*, *Anne Hathaway* e *você*. A estrutura oracional desse *frame* pode pressupor, em alguns casos, a participação de um SP, apontando, igualmente, para outro tipo de locativo, como a Origem ou o Alvo do movimento. Este último expresso na oração destacada a seguir:

- (92) ... tudo que tá preservado pela natureza ... eu acho bonito ... tem as pedras ... que a gente pula pra água ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 370*)

O SP *pra água*, em (92), corresponde ao ponto final para onde o Agente se desloca, nesse caso o Alvo. O SN<sub>OD</sub> *as pedras* diz respeito ao ponto atravessado/pulado pelo referente do SN<sub>SUJ</sub> *a gente*.

Quando o SN<sub>OD</sub> desses VMT aponta para locativos que revelam o ponto inicial ou final do evento – distintos, assim, de espaços correlacionados à área, ao caminho ou à distância mencionadas –, temos, conforme ambos os projetos FrameNet, dois *subframes* de Atravessar: *partir* e *chegar*, tratados na sequência.

### 2.2.3.6 Partir

Denominado de *departing* no FrameNet Berkeley, o *frame* Partir descreve uma entidade que se afasta de um ponto de origem. Nesse sentido, temos o VMT DEIXAR, conforme os dados:

- (93) The woman LEFT the house. (FrameNet Berkeley)

A mulher deixou a casa.

- (94) Valter Hugo Mãe deixa o Brasil com planos de voltar. [...] Nascido em Angola, mas filho de portugueses, deixou o país africano aos dois anos de idade para nunca mais voltar. (Revistas *On-line*, Veja)

Este *frame* se caracteriza por expressar a mudança de localização do SN<sub>SUJ</sub>, a exemplo dos SN<sub>SUJ</sub> *The woman*, em (93), e *Valter Hugo Mãe* (94), que tem controle sobre seu movimento, partindo de um ponto de origem. Este ponto revela a posição inicial do Agente, antes da mudança de local, conforme os SN<sub>OD</sub> *the house*, em (93), e *o Brasil* e *o país africano*, em (94). Se por um lado o SN<sub>OD</sub> desse *frame* revela o ponto de partida, por outro, o próximo *frame*, *chegar*, revela o ponto de chegada do movimento efetuado pelo SN<sub>SUJ</sub>.

### 2.2.3.7 Chegar

O EMT expresso por esse *frame*, definido como *arriving* na plataforma do FrameNet, descreve o deslocamento de uma entidade que se direciona a um determinado alvo/destino.

Este é expresso por um sintagma locativo, conforme os exemplos em destaque:

(95) I REACHED Mexico on foot. (FrameNet Berkeley)

Eu cheguei/alcancei (n)o México a pé.

(96) De acordo com os relatos iniciais, o erro do piloto é claro. Em condições meteorológicas ruins, de neblina, ele buscou a pista visualmente até o último minuto e não a encontrou. (Revistas *On-line*, Veja)

Como se pode ver, os locativos expressos pelo  $SN_{OD}$  dos verbos CHEGAR e BUSCAR, respectivamente, *Mexico* e *a Pista*, correspondem ao alvo/destino do movimento, portanto possuem polaridade inversa ao mesmo tipo de sintagma revelado no *frame* Partir. Da mesma forma, o argumento  $SN_{SUJ}$  da ação descrita por essa classe de VMT aponta para uma entidade que se move sob seu próprio controle, assim como *I*, em (95), e *ele* (96).

### 2.2.3.8 Acompanhar

O último *frame* é classificado como *Acompanhar* e é identificado como *cotheme* pelo FrameNet Berkeley, termo atribuído à segunda entidade que se move no evento (coparticipante), codificada por um OD, a exemplo das orações em destaque:

(97) The police FOLLOWED the suspects all around town. (FrameNet Berkeley)

A polícia seguiu os suspeitos por toda a cidade.

(98) Madrasta dedicada, a elegante Maythe Birman (36) acompanhou a filha de seu marido, o proprietário da Arezzo Anderson Birman (55), Patrícia Birman (27), noiva do empresário do ramo imobiliário Mario Pedro Marcondes (31), para acertar detalhes da cerimônia, que se realizará em setembro. (Revistas *On-line*, Caras)

A configuração argumental desse *frame*, portanto, indica necessariamente o movimento de dois participantes. O referente do  $SN_{SUJ}$  é um agente animado, assim como *The police*, em (97), e *a elegante Maythe Birman* (98), que se desloca ao mesmo tempo que o referente do  $SN_{OD}$ , expresso por *the suspects* e *a filha do seu marido*, respectivamente. Logo, esse *frame* tem como característica o fato de que o referente do  $SN_{OD}$  – semanticamente uma entidade comitativa, por se tratar de um caso que exprime companhia – é autônomo quanto ao controle de seu deslocamento, uma vez que não sofre interferência direta do  $SN_{SUJ}$ .

Dessa forma, esse padrão sanciona verbos de ação, visto que o movimento atribuído ao SN<sub>OD</sub> é controlado por ele mesmo, não havendo afetamento ocasionado por um Agente. O SP também pode fazer parte da estrutura argumental dos verbos SEGUIR e ACOMPANHAR. Semanticamente identifica um Locativo, a exemplo de *por toda a cidade (all around town)*, em (97), área por onde se passa o evento.

#### 2.2.4 Esquemas Imagéticos

Os esquemas imagéticos estabelecem um contraponto com a noção de *frame* inicialmente formulada por Fillmore (1982). Enquanto *frame* refere-se à estrutura argumental de um verbo, na perspectiva fillmoriana, os EI representam uma estrutura cognitiva de eventos. Assim, esclareço que examino a semântica dos verbos de movimento em termos de *frame*/estrutura argumental e analiso os EI que os construtos com esses verbos acionam em termos de estrutura cognitiva.

Nessa perspectiva, os EI refletem experiências sensório-motoras ativadas pelas orações com os verbos de movimento ora examinados. Esses esquemas são definidos, segundo Ferrari (2011, p. 86), “como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências corporais, tanto sensoriais quanto perceptuais, em nossa interação com o mundo”.

Esse conceito, fundamentando em Lakoff (1987) e Johnson (1987), considera a (inter) relação entre percepção cognitiva e significado linguístico. Quando essa relação é armazenada na mente do usuário da língua, ele é capaz de conceber e significar linguisticamente noções de espaço e trajetória, entre outras. Langacker (2008, p. 535) amplia essa concepção, ao afirmar que:

A cognição é corporificada. Ela reside na atividade de processamento do cérebro, que faz parte do corpo, que faz parte do mundo. No nível mais básico, interagimos com o mundo através dos nossos sentidos e ações físicas. Existem outros níveis, é claro: grande parte do mundo em que vivemos é mental e socialmente construída. Mas, direta ou indiretamente, o mundo que construímos e apreendemos está fundamentado na experiência sensorial e motora. (tradução minha<sup>12</sup>)

Dessa experiência é que resulta uma série de EI que podem ser combinados entre si. Croft e Cruse (2004, p. 69), por exemplo, mostram que a nossa experiência de graus de peso

---

12 Texto original: Cognition is embodied. It resides in processing activity of the brain, which is part of the body, which is part of the world. At the most basic level, we interact with the world through our senses and physical actions. There are other levels, of course: much of the world we live in is mentally and socially constructed. But either directly or indirectly, the world we construct and apprehend is grounded in sensory and motor experience.

combina dois EI: escala e peso. E admitem que é muito difícil separá-los, pois “PESO e ESCALA representam o relacionamento mais estreito entre domínios, isto é, o que Langacker descreve como dimensões de um domínio” (tradução minha)<sup>13</sup>. Esses autores fazem um inventário dos EI com base em relações perceptuais. Ao considerar o evento transitivo de movimento, os esquemas de *espaço* (que inclui noções de cima-baixo, frente-trás, esquerda-direita), *escala* (origem-caminho-meta) e *contêiner* (dentro-fora) são os mais propensos a serem acionados.

Com relação aos EI evocados pelos construtos da CMT, uma simples alteração da preposição que introduz o SP pode acarretar significados diferentes quanto ao tipo de espaço referenciado no evento. Demonstro com os seguintes dados:

- (99) Ulysses McGill (George Clooney) foge da prisão com dois outros trapalhões para buscar um tesouro enterrado e para evitar que sua mulher, Penny (Holly Hunter), aceite outros pretendentes. (Revistas *On-line*, Veja)
  
- (100) O homem de preto fugia pelo deserto e o pistoleiro ia atrás. (Revistas *On-line*, Época)
  
- (101) Ele fugiu para os Estados Unidos depois de passar quase três anos presos, sem condenação. (Revistas *On-line*, Época)

Com base nesses dados, vê-se que as preposições introduzem pontos do percurso de um evento de movimento. Assim, a preposição *de* indica a Origem do movimento, em (99): *da prisão*; a preposição *por* em (100) designa o Caminho: *pelo deserto*; e em (101) *para* assinala a Meta: *para os Estados Unidos*.

Os EI evocados pelos construtos da CMT envolvem percepções relacionadas a um *contêiner* ou a uma relação escalar de trajeto que engloba *origem-caminho-meta*, conforme serão tratadas a seguir.

---

13 Texto original: WEIGHT and SCALE represent the tightest relationship between domains in a domain matrix, that is, what Langacker describes as dimensions of a domain.

#### 2.2.4.1 Contêiner

Em eventos de movimento com verbos transitivos, o EI de Contêiner está relacionado a tipos de recipientes capazes de acondicionar participantes desse evento. Ancorada em Lakoff (1987) e Johnson (1987), Ferrari (2011, p. 87) diz que “o esquema imagético CONTÊINER resulta de nossas experiências com objetos desse tipo, originando expressões que indicam movimento para dentro ou para fora”, tais como um barco que navega para “dentro de um túnel” ou uma pessoa que joga toda a sua raiva “para fora”. No segundo caso, parte-se do princípio de que, metaforicamente, o corpo funciona como um contêiner, local de onde a raiva é removida.

Para Talmy (2000), o Contêiner corresponde ao espaço que suporta dois tipos de manipulação: extração e depósito. Os dados analisados corroboram essa asserção. Quando se trata de extração, temos um ponto de origem do movimento, como *de dentro do carro*, em (102). Quando é depósito, temos o destino do movimento, como *na tigela da Batedeira*, em (103).

(102) [...] ela ficou dentro do ... das ferragens do carro ... fratu/ fraturou a perna ... sabe? foi uma luta pra tirar ela de dentro do carro ... (*Corpus D&G Natal*, Fala, p. 222)

(103) Colocar todos os ingredientes na tigela da Batedeira e ligar no maximo com batedor para massas leves mais tem que bater todos os ingredientes até a massa ficar homogenea e despejar numa forma untada e povilhada. (*Corpus D&G Natal*, Escrita, p. 336)

Isso mostra que o EI de Contêiner se relaciona diretamente com o sentido lexical de TIRAR, o qual implica a participação de um recipiente (expresso pelo SP) de que se pode extrair uma entidade, como *ela*, em (102). O verbo COLOCAR, por sua vez, perfila um ponto do esquema que corresponde ao alvo/meta do movimento, um recipiente (*na tigela da Batedeira*) em que se pode depositar um objeto, como *todos os ingredientes*, em (103).

#### 2.2.4.2 Trajetória: origem, caminho e meta

Em eventos de movimento, a Trajetória, tal como proposto por Croft e Cruse (2004), constitui-se em um EI composto de um ponto de partida (origem), de um percurso (caminho) e de um ponto de chegada (meta). Vejamos os seguintes dados:

- (104) O advogado afirmou também que, na entrevista, Macarrão teria dito que quando trouxe Eliza e o adolescente J. – primo do ex-goleiro Bruno – do Rio de Janeiro a Belo Horizonte (MG), eles teriam dado carona a um policial militar até a cidade de Juiz de Fora, no interior de Minas. (Revistas *On-line*, IstoÉ)

Em (104), a Origem e a Meta da trajetória percorrida pelos participantes *Macarrão*, *Eliza* e o *adolescente J.*, são revelados pelos SP *do Rio de Janeiro* e *a Belo Horizonte (MG)*, respectivamente. Nesse caso, o Caminho é o percurso entre essas capitais.

A correlação entre *frames* e EI é fundamental para o desenho da rede construcional do EMT. Se, de um lado, a nossa capacidade de identificar os papéis semânticos desempenhados pelos argumentos dos verbos de movimento provém da experiência adquirida no uso da língua em interação, de outro, os esquemas armazenados na memória nos permitem identificar distintos eventos de movimento.

Percebe-se, portanto, que o contêiner está atrelado a eventos de manipulação, e a trajetória, a de deslocamento.

#### 2.2.5 Metáfora Conceptual

No âmbito da LC, a obra seminal no tratamento da *metáfora conceptual* é *Metaphors We Live By*, de Lakoff e Johnson (1980). Nas palavras desses autores, a metáfora é uma habilidade imaginativa de comparação, que permite “entender e experienciar um tipo de coisa em termos de outra” (p. 5).

Com base no uso de expressões linguísticas convencionais do cotidiano, Lakoff e Johnson (1980) depreendem a existência de relações metafóricas ou mapeamentos entre domínios conceptuais na mente humana. De acordo com Croft e Cruse (2004), o principal objetivo de Lakoff (1987), ao desenvolver a teoria da metáfora conceptual, foi revelar esses mapeamentos metafóricos entre domínios e como eles têm guiado o raciocínio e o comportamento dos humanos.

Ferrari (2011, p. 92) destaca que a metáfora está relacionada à noção de perspectiva e de conceptualização, uma vez que “é, essencialmente, um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro. Sendo assim, para cada metáfora, é possível identificar um domínio-fonte e um domínio-alvo”, ambos entendidos como domínios conceptuais.

O primeiro domínio diz respeito a propriedades físicas e concretas da experiência, ao passo que o segundo domínio tende a ser mais abstrato. Um exemplo é a metáfora *tempo é lugar* que nos permite conceber *tempo* (domínio-alvo) em termos de *espaço* (domínio-fonte), como

se pode ver nos SP destacados em (105) – *para o ano de mil novecentos e cinqüenta e cinco, a mil novecentos e oitenta e cinco e no passado* – em que eventos temporais são projetados a partir da experiência física sensório-motora de espaço.

- (105) [...] ele tinha voltado para o ano de mil novecentos e cinqüenta e cinco ... não é ... trinta anos antes ... então ... é:: ele consegue voltar a mil novecentos e oitenta e cinco e consegue mudar alguma coisa da história ... [...] então quando ele volta ele consegue mudar alguma coisa no passado que acaba ... o pai de Martin acaba sendo superior a Biff ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 185*)

Como (105) mostra, os SP do verbo de movimento VOLTAR expressam referência temporal de passado, em que o tempo é concebido, por analogia, como um espaço onde episódios acontecem.

Outra metáfora conceptual é a “*metáfora do conduto*” formulada por Reddy (1979, p. 290):

(1) a linguagem funciona como um canal, transferindo pensamentos do corpo de uma pessoa para outra; (2) ao escrever e falar, as pessoas inserem seus pensamentos ou sentimentos nas palavras; (3) as palavras realizam a transferência contendo os pensamentos ou sentimentos e transmitindo-os a outras pessoas; e (4) ao ouvir ou ler, as pessoas extraem os pensamentos e sentimentos mais uma vez das palavras. (tradução minha)<sup>14</sup>

As orações em destaque em (106) e (107) compreendem esse tipo de metáfora, em que comunicar, respectivamente, é: colocar/jogar objetos (*aquele pensamento*) em recipientes (*lhe = o indivíduo*), enviados por um interlocutor (*ela*); ou retirar objetos (*as dúvidas*) de recipientes (*dos membros da CPL*) por um interlocutor (*que = o SR. CRESO*)<sup>15</sup>.

- (106) [...] ela não deixa o indivíduo raciocinar ... ela lhe joga aquele pensamento dela e você não:: você apenas aceita ... Sem fazer questionamentos ... mas na própria igreja protestante você já vê outras alas ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 62*)

- (107) [...] embora a depoente procurasse explicar para eles cada passo, seguindo sempre a orientação do SR. CRESO, que sempre tirava as dúvidas dos membros da CPL. (Banco de Sentenças/JFRN)

---

14 Texto original: (1) language functions like a conduit, transferring thoughts bodily from one person to another; (2) in writing and speaking, people insert their thoughts or feelings in the words; (3) words accomplish the transfer by containing the thoughts or feelings and conveying them to others; and (4) in listening or reading, people extract the thoughts and feelings once again from the words.

15 Ressalto que, em termos metafóricos, nesses dados subjazem os EI de trajeto e de contêiner.

Além disso, pode haver a interação entre metáforas conceptuais, resultando em um sistema metafórico complexo, que Lakoff (1993) chama *metáfora de estrutura de evento*. Nesse caso, várias metáforas se combinam para que se alcance a interpretação de outra metáfora mais geral, como “*vida é viagem*”, por exemplo. Nessa metáfora, temos: estados tomados como locais, mudança como movimento, causas como forças, metas como destinos, meios como caminhos, dificuldades como impedimentos ao movimento e atividades com propósitos como jornadas. Os exemplos adiante, com os VMT SEGUIR e ATRAVESSAR, mostram duas dessas metáforas:

- (108) Mas, se uma pessoa quiser ser mais feliz, ou ter paz de espírito, por exemplo, ela pode trilhar um caminho espiritual por um tempo e ver se ele atende a seus objetivos. (Revistas *On-line*, AnaMaria)
- (109) A fase da puberdade é o sinônimo social da separação progressiva entre pais e filhos. Fase crítica, porque a maior parte das famílias não está preparada para tanta contradição e se frustra. [...] Incentive seu filho a participar de competições esportivas, uma maneira saudável de atravessar essa fase crítica. (Revistas *On-line*, AnaMaria)

Essas projeções metafóricas tomam *vida* como domínio-alvo e *viagem* como domínio-fonte. Em (108), o SN<sub>OD</sub> *um caminho* faz menção às atitudes tomadas pelo referente do SN<sub>SUJ</sub> *ela*, exemplificando a metáfora *meios são caminhos*. Em (109), a oração guarda relação com a metáfora *dificuldades são impedimentos ao movimento*, pois *essa fase crítica* dificulta a vida de alguém, tornando difícil atravessá-la.

Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff e Turner (1989) identificam ainda outra metáfora, que toma o corpo como um recipiente, capaz de conter sentimentos e emoções. No destaque do recorte (110), o SN<sub>OD</sub> *o peso das costas* refere-se metaforicamente a algum tipo de sensação de incômodo/dificuldade vivenciado por alguém. O SP *das costas* representa parte do corpo que suporta esse sentimento. Uma vez que se retira esse “peso das costas”, abre-se espaço para a sensação de alívio, de bem-estar.

- (110) Deixar que o amor siga seu caminho é tão importante quanto vivê-lo de forma plena. Não se trata de fracassar, mas, sim, de ter sabedoria para tirar o peso das costas e reencontrar sua essência. (Revistas *On-line*, Cláudia)<sup>16</sup>

Nessa mesma linha, ao tratar de elos de polissemia em construções de movimento causado e ditransitiva, Furtado da Cunha (2017, p. 115) observa “que mesmo alguns verbos prototípicos da CMC, como *colocar* e *tirar*, por exemplo, podem originar usos metafóricos

---

16 Aqui também se observa um recurso metonímico, já que há feito (peso) pela causa (fardo).

mais produtivos, motivados pelo sentido central da construção”. No exemplo (111), apresentado pela autora, o corpo funciona como um recipiente, uma vez que o OD *chifre* é colocado no informante. O *frame* Colocar (cf. *Subseção 2.2.3.3*) serve de base para essa metáfora complexa, de origem cultural, que diz respeito a um caso de traição.

- (111) [...] aconteceu tudo isso ... da gente ter terminado o namoro ... porque ele colocou chifre em mim ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 229*)

Depreende-se de Lakoff (1987) e Johnson (1987) que os EI servem ao processo de criação metafórica, por serem recursos que utilizam determinadas estruturas imagéticas, tais como as noções de contêiner e trajeto, ligadas à nossa experiência corporal. As noções direcionais, tais como centro, lado, em cima, em baixo, entre outros, são empregadas no processo de manipulação dos sentimentos. O dado (112) ilustra essa situação: ao *empurrar as emoções para escanteio*, Claire tira as emoções do centro e as posiciona em lugar marginal, *para escanteio*.

- (112) Sinto tanto pela Claire que às vezes chorava de pensar no que ela está passando, mas essa foi uma das partes mais instigantes – empurrar as emoções para escanteio, porque Claire não gosta que percebam o que ela sente. (*Revistas On-line, Veja*)

Retomando Croft e Cruse (2004, p. 194), os autores ressaltam que “o significado metafórico não é, pelo menos em aspectos funcionais básicos, um tipo especial de significado: ao contrário, a metáfora é o resultado de um processo especial para se chegar a um significado ou construí-lo” (tradução minha)<sup>17</sup>. No dado a seguir, o redator utiliza seu conhecimento sobre construção civil, domínio concreto, associando/estendendo-o ao processo de construção de um personagem, domínio mais abstrato. O SN<sub>OD</sub> *um tijolo, e mais outro* representa metaforicamente os elementos necessários para a construção do personagem, como o modo de vestir, de conviver, de correr.

- (113) A partir daí, vai-se colocando um tijolo, e mais outro – como Turing se vestia, a sensação psicológica de conviver com ele, sua pisada quando ele corria. É um processo que não termina: enquanto se está filmando, está-se buscando o personagem. (*Revistas On-line, Veja*)

---

17 Texto original: In other words, metaphorical meaning is not, at least in basic functional respects, a special kind of meaning: it is rather the case that metaphor is the result of a special process for arriving at, or construing, a meaning.

No próximo capítulo, veremos que processos cognitivos, como as projeções metafóricas, podem subjazer à representação da CMT. Cada um dos subesquemas construcionais que serão apresentados serve, de algum modo, para a projeção de um novo sentido, que tem como base o próprio movimento, as entidades envolvidas ou os espaços delineados.

### 2.3 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Inicialmente, a proposição da Gramática de Construções foi concebida por Fillmore, Kay e O'Connor (1988) e teve significativo desenvolvimento com Goldberg (1995). Conforme esta autora, a GC se desenvolveu a partir dos trabalhos de Fillmore (1975, 1977, 1982) sobre a semântica de *frames* e de uma abordagem experientialista da língua (LAKOFF, 1977, 1987).

Essa abordagem postula que a unidade básica da língua é a construção, um pareamento forma-função que compreende desde morfemas simples, como o *-s* de plural, passando por expressões idiomáticas, como *olho gordo*, estruturas sintáticas, como as construções de estrutura argumental (GOLDBERG, 1995, 2006), até padrões textuais, que se referem ao pareamento tipo (a forma) e gênero (a função) que um texto instancia (ÖSTMAN; FRIED, 2005). Logo, o conceito de *construção* dá conta de um grande número de unidades linguísticas, dispostas num *continuum*, de modo que a distinção entre elas é gradiente e não discreta.

Segundo Hilpert (2014, p. 9), a GC é uma teoria do conhecimento linguístico e as construções são, primeiramente, um artefato cognitivo, isto é, uma parte do conhecimento linguístico dos falantes. Em termos mais simples, o conhecimento e armazenamento na mente de uma construção resulta da soma total da experiência com essa construção nas interações sociocomunicativas entre os falantes.

Cabe, agora, diferenciar construções – generalizações linguísticas que os falantes internalizam (Goldberg, 2006) – de construtos, entendidos como ocorrências empiricamente atestadas. Nesse sentido, “as construções são relativamente mais abstratas enquanto os construtos são relativamente mais concretos” (HILPERT, 2014, p. 12, tradução minha<sup>18</sup>). Portanto, os construtos são realizações concretas, ou ocorrências, de uma dada construção. Vale lembrar que o grau de abstraticidade depende do grau de esquematicidade da construção. Assim, há *types* construcionais mais substantivos, como é o caso dos parcialmente esquemáticos/especificados ou das peculiaridades idiomáticas.

A GC proposta por Goldberg segue os princípios da Gramática Cognitiva concebida por Langacker (1987). Em seu livro de 1995, Goldberg trata, especificamente, de construções de estrutura argumental, ou seja, de tipos básicos de orações que existem independentemente de verbos particulares. Embora haja diferentes modelos de GC, Goldberg (2013, *apud* Traugott;

---

18 Texto original: constructions are relatively more abstract, whereas constructs are relatively more concrete, which will serve you well as a general principle.

Trousdale, 2013) identifica cinco princípios gerais que esses modelos compartilham:

- (a) A unidade básica da gramática é a construção, pareamento convencional de forma e significado.
- (b) A estrutura semântica é mapeada diretamente na estrutura sintática de superfície.
- (c) A língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e *links* entre esses nós.
- (d) A variação interlinguística pode ser explicada de vários modos, entre eles processos cognitivos de domínio geral.
- (e) A estrutura da língua é modelada pelo uso da língua.

A GC não faz uma separação rígida entre léxico e gramática. Ao contrário, há uma gradação entre esses dois planos, de modo que a diferença entre construções lexicais e construções gramaticais reside no grau de complexidade interna que cada uma delas exhibe (GOLDBERG, 1995). Em se tratando de verbos, por exemplo, Bybee (2016, p. 129) argumenta “que a interação entre sintaxe e léxico é muito mais ampla e profunda do que a associação de certos verbos com certos complementos”.

### 2.3.1 Construções de Estrutura Argumental

Um modelo inspirador de análise de construções de estrutura argumental é apresentado em Goldberg (1995), que descreve, sintática e semanticamente, padrões oracionais básicos que codificam situações no mundo biossocial.

Uma tese central da GC (GOLDBERG, 1995) é que as orações simples são instâncias de construções de estrutura argumental, pareamentos de forma-significado que não dependem de verbos particulares. Esse entendimento é compartilhado por diferentes linguistas que adotam a abordagem construcional. As construções de estrutura argumental, que expressam cenas dinâmicas do mundo biossocial, constituem uma subclasse especial de construção que fornece os meios de expressão oracional em uma língua.

Em relação à estrutura argumental, o objetivo da GC é demonstrar que há atributos comuns entre predicados em construções específicas. Conforme assinalado, as construções são padrões que existem independentemente dos predicadores lexicais e dos argumentos que estes tomam. Nessa linha, as construções são pares de forma (fonológica, morfológica e sintática) e função (semântica, pragmática e/ou discursiva), apreendidas no uso, as quais variam em

constituição (esquemáticas, parcialmente esquemáticas ou totalmente especificadas), tamanho, forma e complexidade.

As construções de estrutura argumental, organizadas em torno de um determinado tipo semântico-sintático de verbo, formam um grupo de construções abstratas, que se relacionam em uma rede construcional. A proposta de Traugott e Trousdale (2013) contempla um sistema hierárquico organizado em três níveis: os esquemas são generalizações de nível mais alto, mais abstrato; os subesquemas, menos esquemáticos do que os esquemas, estão ligados ao sentido central da construção; as microconstruções representam tipos individuais de construção. As microconstruções são instanciadas por construtos (*tokens*), ocorrências empiricamente atestadas, instâncias de uso em uma ocasião particular, produzidas por um falante particular com um propósito comunicativo particular.

Nesse modelo, portanto, a construção tem significado próprio, esquemático, parcialmente independente das palavras que a compõem, servindo, pois, como um esquema ou modelo que reúne o que é comum a um conjunto de elementos da mesma natureza.

Goldberg (1995) arrola cinco tipos de construções na língua inglesa: *construção de movimento causado* ( $X$  causar  $Y$  mover-se para  $Z$ ), *construção ditransitiva* ( $X$  causar  $Y$  receber  $Z$ ), *construção resultativa* ( $X$  causar  $Y$  tornar-se  $Z$ ), *construção de movimento intransitivo* ( $X$  mover  $Y$ ) e *construção conativa* ( $X$  dirigir ação a  $Y$ ). No PB, a construção de movimento causado (CMC) é codificada como  $SUJ + V_{MOV} + OD + SP$ . Assim como no inglês, a CMC no PB projeta prototipicamente três papéis argumentais: um agente  $X$  (SUJ) responsável pela ação, um objeto deslocado  $Y$  (OD), e um locativo  $Z$  (SP), ponto para onde o objeto é deslocado. Tomemos os seguintes dados:

(114) Quando eu tiro a pizza do forno enrolo em um plástico tendo o cuidado para não deixar ar, isso se eu quiser guardá-la. (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 48*)

(115) Coloco os legumes ralados na panela com a cebola e o alho dourado, ponho o arroz e água até cobrir tudo. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 66*)

Responsável pelo deslocamento do Paciente, o referente do  $SN_{SUJ}$  *eu*, em (114) e (115 =  $\emptyset$ ), desempenha o papel de agente da ação. O Paciente afetado é sintaticamente codificado pelo OD, *a pizza, os legumes ralados e o arroz e água*, selecionados, respectivamente, pelos verbos TIRAR, COLOCAR E PÔR. O Locativo é indicado pelos SP *do forno e na panela*.

Logo, as construções de estrutura argumental correspondem a padrões oracionais, fixados na língua pela frequência de uso, que revelam tipos de experiência no mundo, como, por exemplo, movimento causado, movimento associado, movimento percorrido, eventos instanciados pelas orações com VMT, conforme veremos no capítulo seguinte.

### 2.3.2 Propriedades das Construções

Traugott e Trousdale (2013) destacam três propriedades básicas das construções: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*. A esquematicidade pode ser definida como uma propriedade de categorização que envolve abstração, considerando que um esquema se constitui em uma generalização taxonômica de categorias, no campo linguístico ou não. Segundo Kemmer (2003, p. 78), esquemas são “padrões de experiência essencialmente rotinizados, ou cognitivamente fixados”. Isso significa que os esquemas linguísticos são grupos abstratos, semanticamente gerais, de construções, quer gramaticais quer lexicais. São abstrações que perpassam conjuntos de construções que são (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua como sendo estreitamente relacionadas na rede construcional.

Uma rede construcional apresenta níveis de generalidade ou de especificidade que refletem graus de esquematicidade. De modo específico, na análise da CMT, mostro que essa construção pode ser organizada em uma rede hierárquica, composta por um esquema geral abstrato, subesquemas e microconstruções (cf. *Diagrama 1*).

Conforme dito anteriormente, os esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas e, nos níveis mais baixos, por microconstruções, as quais são membros-tipos específicos de esquemas mais abstratos. Esquemas, subesquemas e microconstruções são as subpartes do sistema linguístico que o linguista seleciona para discutir e analisar com base nos construtos, nas ocorrências empiricamente atestadas.

Para um modelo baseado no uso, como a LFCU, os construtos são o que falantes/escreventes produzem e o que ouvintes/leitores processam. Como eventos de uso, eles ajudam a modelar a representação mental da língua (BYBEE, 2016 [2010]). Logo, o construto é o *locus* de inovação individual e sua subsequente convencionalização (adoção por uma população de falantes). A mudança construcional começa quando novas associações entre construtos e construções emergem ao longo do tempo, isto é, quando replicações de ocorrências levam a categorizações provisórias que não estavam disponíveis aos falantes antes e podem, portanto, ser chamadas de “novas”.

A produtividade de uma construção está relacionada à frequência, que pode ser de *type* e de *token*. A frequência de tipo diz respeito ao número de diferentes expressões que um padrão particular tem e a frequência de construtos se relaciona ao número de vezes em que a mesma unidade ocorre no texto (BYBEE, 2016 [2010]).

Traugott e Trousdale (2013), por sua vez, entendem que aumento na frequência de uso corresponde a aumento na frequência do construto, de tal modo que os falantes usam, cada vez mais, instâncias da nova construção. A rotinização e a automatização, resultantes de uso constante e de repetição, são fatores que permitem o aumento na frequência de uso de um construto. Aumento no conjunto de elementos que podem ocupar os *slots* de uma construção,

que Hilmmelmann (2004) denomina *expansão da classe de hospedeiros*, também é forte indicação de aumento da produtividade. Nesse caso, para Traugott e Trousdale (2013), estamos diante de aumento da frequência de tipo/construção.

A esse respeito, Bybee (2016, p. 124) diz que

a produtividade de esquemas é altamente afetada pelo número de itens participantes: um esquema que agrupa muitos verbos diferentes, por exemplo, é mais produtivo do que um que agrupa apenas alguns poucos. Nessa visão, também, a produtividade é gradiente; além dos padrões produtivos e improdutivos, pode haver graus intermediários de produtividade.

Nessa perspectiva, uma construção altamente produtiva é resultado da combinação entre alta esquematicidade e alta frequência de tipo, a exemplo do Subesquema de Movimento Causado, apresentado na *Seção 3.1* do próximo capítulo. Se a esquematicidade for baixa, a produtividade sofrerá limitações, porque serão poucos os itens que poderão preencher os *slots* da construção, a exemplo do Subesquema de Movimento Associado, apresentado na *Seção 3.3*.

A terceira propriedade, composicionalidade, refere-se ao grau de transparência entre a forma e o significado de uma construção. Essa propriedade foi inicialmente entendida em termos semânticos, considerando o significado das partes e do todo, e em termos sintáticos, levando em conta propriedades combinatórias. Dessa forma, a composicionalidade diz respeito à convergência ou não entre aspectos da forma e aspectos do significado. Uma construção é composicional quando a relação entre forma e significado é transparente, como em (116). Se ela é não composicional, o significado do todo não é igual a soma do significado das partes, assim como em (117).

(116) Quem nunca passou horas puxando o cordão do agasalho para lá e para cá nem jamais enrolou um barbante no dedo para vê-lo inchar está dispensado de assistir à aula de Hughes. (Revistas *On-line*, Veja)

(117) Compreende-se: Freud, sendo homem, puxava a brasa para a sua sardinha. A vida é muito boa, mas no dia em que deixarmos de lado essa procura insana por um amor, um homem, um marido, acho que seremos muito mais felizes. (Revistas *On-line*, Cláudia)

Em (116), o construto é composicional porque há correspondência icônica entre forma e conteúdo com alto grau de analisabilidade da oração, ao passo que em (117), o ato de puxar *a brasa para a sua sardinha* tem significado metafórico, o de tirar proveito de uma certa situação, trata-se de um idiomatismo, portanto não identificado pela soma do significado de suas palavras individuais, por isso não composicional. Nos termos de Bybee (2016, p. 63),

sequências de palavras que ocorrem frequentemente juntas, a exemplo de *puxar a brasa para a sua sardinha*, formam uma unidade, um *chunk*. Os *chunks* resultam do processo cognitivo de domínio geral *chunking*, responsável pelo “agrupamento de unidades que formam uma unidade mais completa não analisável em suas partes componentes”.

As propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade mantêm correlação entre si, de modo que quanto mais esquemática for uma construção, mais produtiva e mais composicional ela será. Inversamente, quanto menos esquemática (ou mais especificada) for uma construção, menos produtiva e menos composicional. Como essas propriedades da construção são gradientes, podemos ter construções mais ou menos esquemáticas, mais ou menos produtivas e mais ou menos composicionais (GOLDBERG, 1995; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

### 2.3.3 *Links* entre as construções

Na perspectiva da GC, as construções de uma língua se organizam em uma rede hierárquica, em que cada construção é um nó. Cada nó herda propriedades de seus nós dominantes e as construções se relacionam por meio de *links* ou elos. Essa visão de rede e de *links* entre as construções é compartilhada por todas as versões da GC, a exemplo de Goldberg (1995, 2006), Fillmore (1999), Kay e Fillmore (1999) e Traugott e Trousdale (2013).

Goldberg (1995, p. 67) afirma que, em seu modelo, “construções formam uma rede e são ligadas por relações de herança que motivam muitas das propriedades de construções particulares. A rede de herança possibilita capturar generalizações ao mesmo tempo que permite sub-regularidades e exceções.” (tradução minha)<sup>19</sup> Desse modo, a rede construcional evidencia relações entre uma construção e suas diferentes instanciações bem como entre construções distintas. Assume-se, portanto, que há uma construção básica, central a partir da qual são licenciadas outras construções, formadas com base em *links* de herança. Goldberg (1995) propõe quatro tipos de elos: polissemia, metáfora, subparte e instanciação.

O *link* por polissemia reflete as relações semânticas entre o sentido prototípico de uma construção e suas extensões. Nesse caso, as especificações sintáticas são as mesmas, mas as semânticas são diferentes. Um bom exemplo desse tipo de *link* é a construção ditransitiva, cujo sentido central conceitualiza um evento de transferência física, em que um participante animado transfere um objeto para uma entidade humana. Contudo, há outros padrões sintáticos idênticos que são semanticamente distintos já que não indicam transferência física. É o que acontece com os verbos *dicendi*, em que um Agente “transfere” uma informação para alguém. (FURTADO DA CUNHA, 2017).

19 Texto original: constructions form a network and are linked by inheritance relations which motivate many of the properties of particular constructions. The inheritance network lets us capture generalizations across constructions while at the same time allowing for subregularities and exceptions.

A relação por extensão metafórica ocorre quando duas construções se relacionam por meio de um mapeamento metafórico entre um domínio-alvo e um domínio-fonte. Nesse caso, as construções têm as mesmas especificações sintáticas mas significados ligeiramente diferentes, já que o significado de algum elemento da construção aparentada é abstratizado. Continuando com o exemplo da construção ditransitiva, o significado central de transferência física é abstratizado na construção a ela relacionada por extensão metafórica, como se pode ver em *Ele sempre me deu muita força*.

O elo por subparte implica que uma construção é parte de uma outra construção maior, que tem existência independente na língua. Por exemplo, a construção de movimento intransitiva pode ser considerada como uma subparte da construção de movimento causado, em que um objeto (OD) é movido por alguém (Sujeito).

A relação por instanciação ocorre quando uma dada construção é um caso especial, ou uma versão mais especificada, de outra. No famoso exemplo citado por Goldberg, *Ele espirrou o guardanapo da mesa*, o verbo *espirrar*, prototipicamente intransitivo, é usado como transitivo.

Por fim, uma construção pode herdar propriedades de mais de uma construção (GOLDBERG, 1995 e TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), refletindo um caso de herança múltipla. Por exemplo, uma construção interrogativa-negativa, como *Ele não acordou ainda?*, herda tanto à construção interrogativa quanto à negativa.

Vale destacar que, em todos esses casos de *links*, o sancionamento é parcial, visto que as construções se afastam, em certa medida e em algum aspecto, da construção prototípica básica a que estão relacionadas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

As três abordagens apresentadas neste capítulo dialogam entre si na medida em que compartilham pressupostos teórico-metodológicos, especialmente no que diz respeito à noção de transitividade. Conforme exposto, a LFCU postula que o falante armazena na mente a estrutura argumental em que os verbos tendem a ocorrer no uso diário da língua. Os argumentos, obrigatórios e opcionais, estão implicados no evento que um dado verbo perfila. Trata, assim, a estrutura argumental tanto da perspectiva sintática como semântica, pragmática e cognitiva. A LC, por sua vez, tem interesse nas estruturas cognitivas que subjazem às categorias linguísticas, como a transitividade. Desse modo, as categorias linguísticas perfilam as estruturas cognitivas, estas relacionadas aos processos de construção de sentido. Ao considerar a transitividade associada a eventos de movimento, a importância da GC reside, entre outros aspectos, no fato de relacionar a CMT à construção transitiva por meio de elos de herança. Agora, vou integrar as contribuições desses três modelos a fim de obter uma descrição e uma interpretação detalhadas do EMT.

# TERCEIRO CAPÍTULO

## 3 A REDE HIERÁRQUICA DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO TRANSITIVO

Neste capítulo, apresento uma classificação para a CMT, em forma de uma rede hierárquica, ordenada por um esquema, três subesquemas e sete microconstruções. Antes de exibir essa rede, mostro, na tabela abaixo, o conjunto de *types* (tipos) e número de *tokens* (ocorrências) dos VMT que baseiam este estudo, coletados no conjunto dos quatro *corpora* que serviram de fonte de investigação:

TABELA 2 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT

VERBOS ( <i>TYPES</i> )		OCORRÊNCIAS ( <i>TOKENS</i> )			
		FALA	ESCRITA	TOTAL	%
1	COLOCAR	45	39	84	11,11%
2	LEVAR	35	38	73	9,66%
3	BOTAR	46	7	53	7,01%
4	JOGAR	27	21	48	6,35%
5	TIRAR	22	23	45	5,95%
6	DEIXAR	-	36	36	4,76%
7	ATRAVESSAR	8	23	31	4,10%
8	ACOMPANHAR	6	22	28	3,70%
9	CARREGAR	5	23	28	3,70%
10	TRAZER	8	20	28	3,70%
11	BUSCAR	6	14	20	2,65%
12	PUXAR	9	10	19	2,51%
13	EMPURRAR	11	7	18	2,38%
14	PERCORRER	-	18	18	2,38%
15	PULAR	7	9	16	2,12%
16	TRANSPORTAR	1	15	16	2,12%
17	RESGATAR	-	14	14	1,85%
18	SUBIR	6	8	14	1,85%
19	ULTRAPASSAR	-	13	13	1,72%
20	ALCANÇAR	-	12	12	1,59%
21	PÔR	5	7	12	1,59%
22	ARRANCAR	3	7	10	1,32%
23	CRUZAR	-	10	10	1,32%

24	DEIXAR	7	3	10	1,32%
25	LANÇAR	1	9	10	1,32%
26	RETIRAR	3	7	10	1,32%
27	SEGUIR	6	4	10	1,32%
28	ANDAR	7	2	9	1,19%
29	PASSAR	4	5	9	1,19%
30	DESCER	6	2	8	1,06%
31	PERSEGUIR	-	8	8	1,06%
32	CORRER	6	-	6	0,79%
33	DEPOSITAR	-	6	6	0,79%
34	DESPEJAR	-	6	6	0,79%
35	CONDUZIR	-	5	5	0,66%
36	METER	5	-	5	0,66%
37	ARRASTAR	-	4	4	0,53%
38	REMOVER	2	2	4	0,53%
	<i>TOTAL</i>	<b>297</b>	<b>459</b>	<b>756</b>	<b>100%</b>

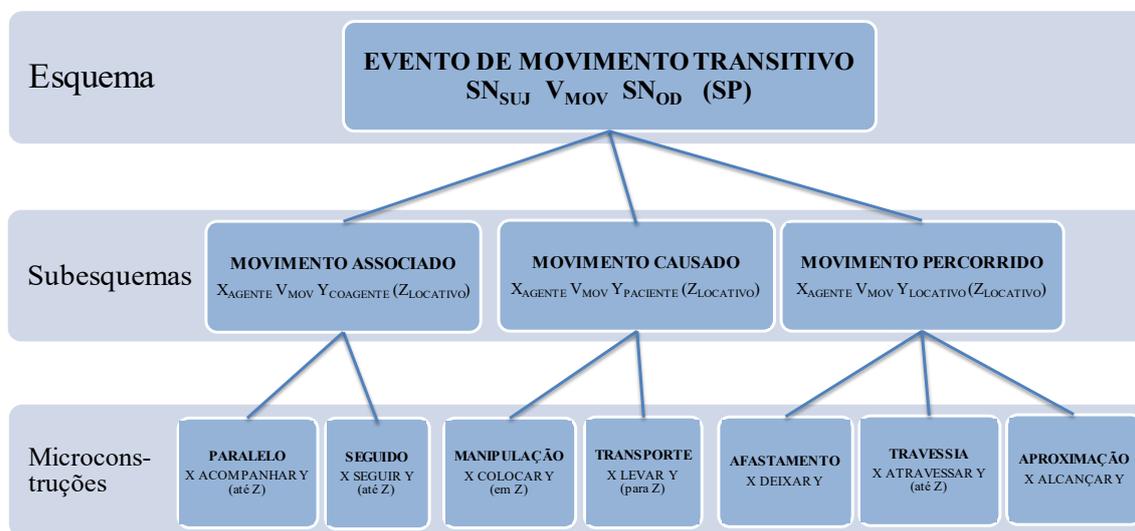
Como se verifica na *Tabela 2*, identifiquei trinta e oito *types* de VMT, distribuídos em setecentos e cinquenta e seis *tokens*, sendo duzentos e noventa sete (39%) nos textos falados e quatrocentos e cinquenta e nove (61%) em textos escritos. Esses números indicam predominância do uso dos VMT na modalidade escrita, uma vez que os bancos de dados são semelhantes quanto ao número de palavras: 229.800 na fala e 222.500 na escrita (cf. *Tabela 1*). A maior quantidade de VMT na modalidade escrita se justifica porque, embora os dados de fala sejam eminentemente narrativos, o que pressuporia mais movimentos transitivos, há um grande número de orações nos textos escritos, a exemplo das sentenças do TJRN, que codificam eventos relacionados ao EMT em suas narrativas.

No material coletado, os cinco verbos mais frequentes são, por ordem decrescente, COLOCAR, LEVAR, BOTAR, JOGAR e TIRAR. Dos trinta e oito *types*, apenas dez VMT registraram maior uso na fala, com destaque para os verbos BOTAR (46 dados) e COLOCAR (45 dados), contra sete e trinta nove ocorrências, respectivamente, na modalidade escrita. Os verbos com maior recorrência na modalidade de fala apontam para contextos de menor formalidade, em que o uso de BOTAR e COLOCAR costuma ser favorecido.

Em termos de organização hierárquica, considerando aspectos semântico-sintáticos e suas implicações cognitivas, o EMT é uma extensão do evento de movimento, que é tradicionalmente classificado como semântica e sintaticamente intransitivo. Interessa-me, sobretudo, a descrição e interpretação da rede transitiva. Para tanto, analiso a configuração argumental semântica e sintática dos VMT e relaciono essa configuração a aspectos cognitivos que subjazem às instanciações da CMT.

Nessa perspectiva, organizei a rede hierárquica dessa construção levando em consideração os *frames* e os EI evocados por cada um dos seus subesquemas e microconstruções, conforme o *Diagrama 1* adiante.

DIAGRAMA 1 - REDE HIERÁRQUICA DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO TRANSITIVO



A rede construcional parte de um esquema que associa a configuração sintática [ $SN_{SUJ} V_{MOV} SN_{OD} (SP)$ ] ao significado de um evento de movimento de que participam entidades, no qual pelo menos uma se desloca para algum lugar. Esse esquema licencia três subesquemas relacionados aos tipos de movimento denotado e às funções desempenhadas pelos argumentos das orações que os atualizam, a saber: os subesquemas de Movimento Associado (MAssoc), de Movimento Causado (MCaus) e de Movimento Percorrido (MPerc).

Em cada um desses, analisados individualmente nas subseções deste capítulo, examino, além da configuração argumental dos VMT, aspectos cognitivos relacionados às suas instanciações. Veremos que cada um desses subesquemas licencia microconstruções, doravante chamadas, respectivamente, SE e MC, que, por sua vez, manifestam-se em uma série de *frames*, diferenciados pelo tipo de papel semântico dos argumentos do verbo e pela saliência de algum elemento do EI acionado, como o ponto do trajeto perspectivizado pela oração.

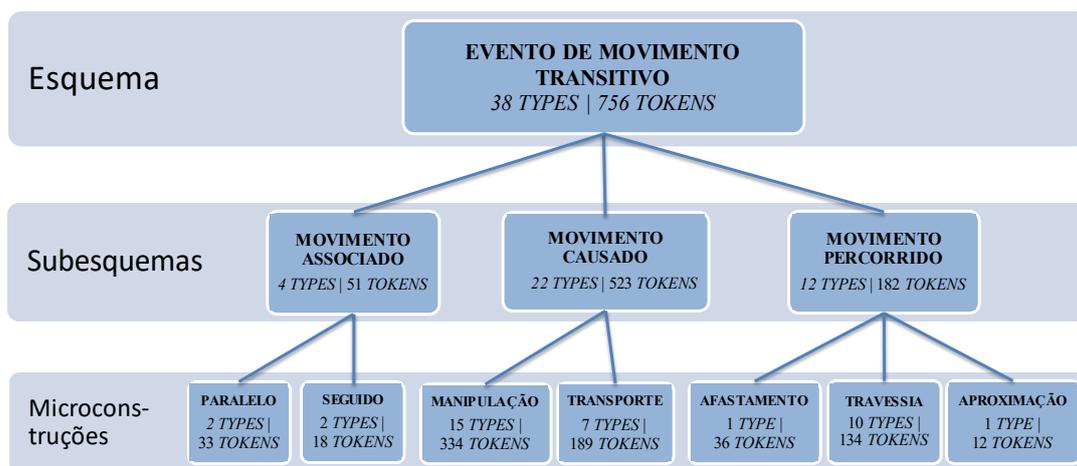
No nível dos SE, os elementos  $X$   $Y$  e  $Z$  correspondem, respectivamente, ao  $SN_{SUJ}$   $SN_{OD}$  e ao  $SP$  do esquema, conjugados ao tipo de papel semântico desempenhado por cada um deles no evento denotado pela construção. Em termos cognitivos, tais SE perfilam um certo tipo de movimento: associado, causado ou percorrido, cujo EI acionado é o de Trajetória, evidenciado pelos espaços e movimentos realizados nas cenas concebidas.

No nível das MC, o modo como os referentes do  $SN_{SUJ}$  e  $SN_{OD}$  se posicionam, deslocam-se ou são afetados no evento de movimento contribui para a identificação do *frame* evocado.

Conforme visto, cada *frame* se correlaciona aos EI que subjazem aos eventos de movimento, uma vez que os casos semânticos são entendidos em termos de uma estrutura cognitiva, abstrata. Quando nos movemos ou movemos algo de um ponto A para um ponto B, acionamos o EI de Trajetória, que é linguisticamente codificado.

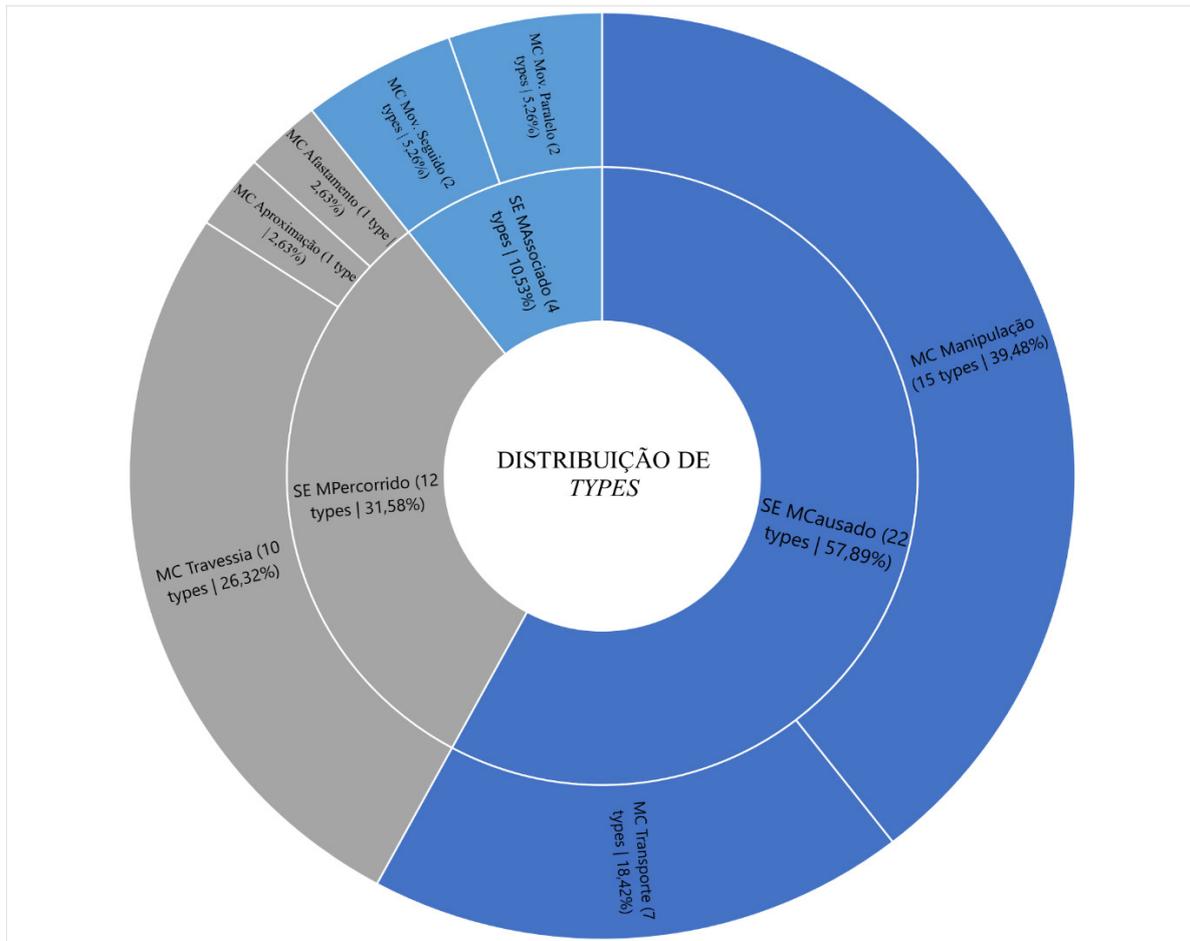
Em termos quantitativos, vemos que a CMT é esquemática porque licencia uma grande quantidade de VMT, conforme demonstra o *Diagrama 5*.

DIAGRAMA 2 - DISTRIBUIÇÃO DE *TYPES* E *TOKENS* DA REDE HIERÁRQUICA



Ao todo foram trinta e oito *types*, distribuídos em setecentos e cinquenta e seis *tokens*. Seus *slots* podem ser preenchidos por elementos de natureza semântica diversa, tais como referentes animados ou inanimados e diferentes tipos de locativo. Além de esquemática, a construção com VMT também é produtiva, pois licencia três tipos de SE, os quais, por sua vez, licenciam sete MC, menos esquemáticas e restringidas pelo tipo de papel semântico desempenhado por seus argumentos. Em termos de *types* relacionados a cada nó da rede, o *Gráfico 1* detalha percentualmente sua distribuição.

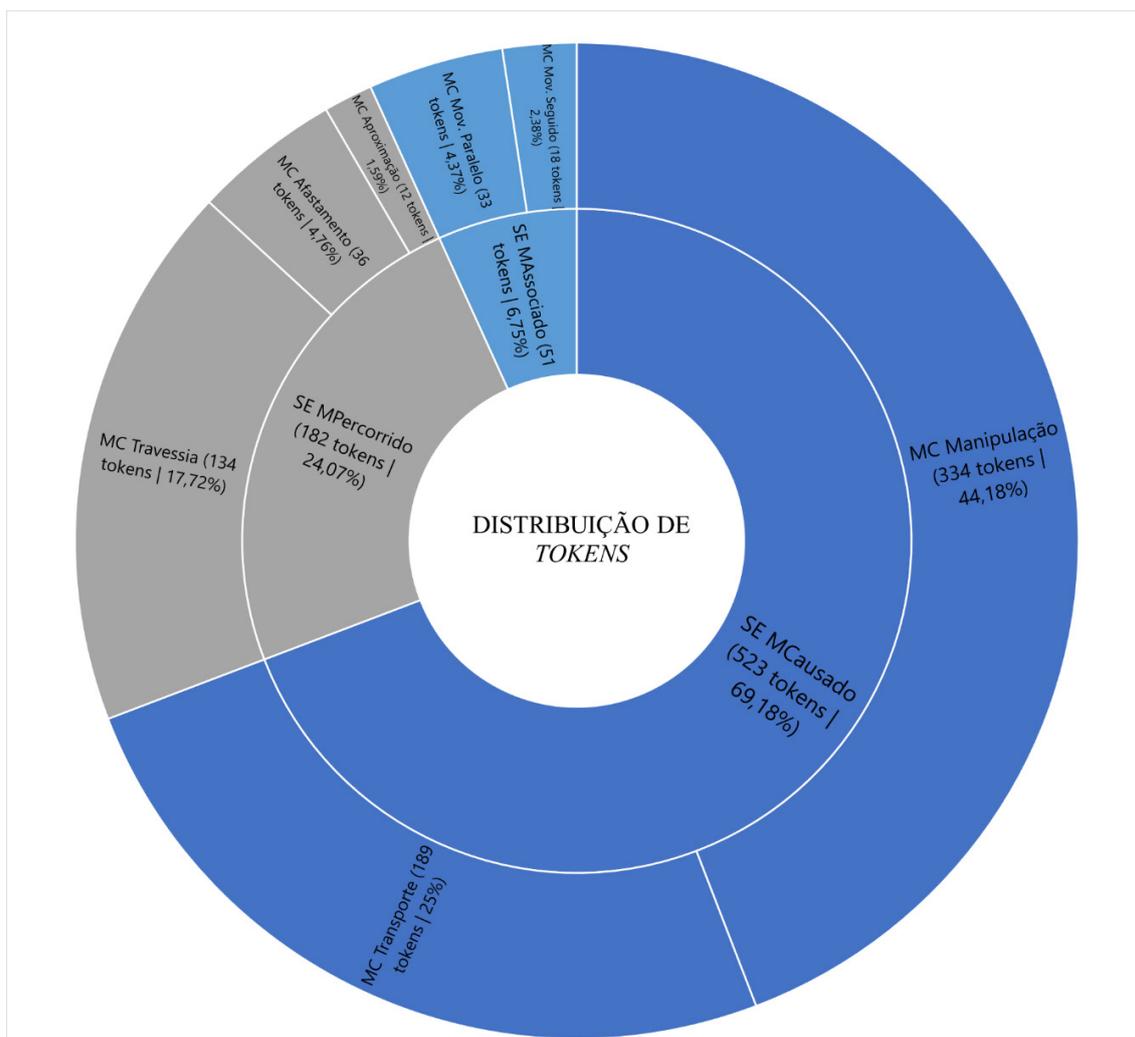
GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DE *TYPES*



Os dados obtidos mostram que o SE de MCaus detém mais da metade (57,89%) dos *types* da CMT, sendo a MC de Manipulação a mais produtiva, com quinze *types*, cf. *Subseção 3.1.1*. A segunda MC com maior número de *types* é a MC de Travessia, com dez *types*, do SE de MPerc, cf. *Subseção 3.2.1*. O SE de MAssoc é o menos produtivo, pois cada uma de suas MC, Mov. Paralelo e Mov. Seguido, sanciona apenas dois *types*, cf. *Seção 3.3*. Esses resultados, analisados mais detalhadamente nas seções seguintes, mostram que os construtos da CMT com verbos que designam manipulação (39,48%) e transporte (18,42%) de um Paciente e travessia (26,32%) do Agente por um dado percurso são as mais recorrentes no *corpus* examinado.

Com relação ao número de ocorrências, a frequência do SE de MCaus é ainda maior. Com 69,18% dos *tokens*, esse SE sanciona as duas MC mais frequentes: a MC de Manipulação, com 44,18%; e a MC de Transporte, com 25%, conforme o gráfico a seguir.

GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO DE *TOKENS*



Esses resultados mostram que os construtos da CMT que descrevem o afetamento do referente do  $SN_{OD}$  (Paciente), por manipulação ou transporte, são os mais frequentes no *corpus* consultado. Em segundo lugar, as instanciações do SE de MPerc compreendem 24,07% dos dados e, em terceiro, o SE de MAssoc, com apenas 6,75% dos *tokens*.

As próximas subseções são dedicadas aos três SE apresentados.

### 3.1 SUBESQUEMA DE MOVIMENTO CAUSADO

O SE de MCAus é o padrão mais produtivo licenciado pela CMT. Recebe esse rótulo porque põe em foco uma cena na qual um Agente (AGT) causa a mudança de localização de um Paciente (PAC). Ao todo, identifiquei vinte e dois *types* e quinhentos e vinte e três *tokens* relacionados a esse SE, conforme a *Tabela 3*.

TABELA 3 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT DO SE DE MOV. CAUSADO

VERBOS (TYPES)		OCORRÊNCIAS (TOKENS)			
		FALA	ESCRITA	TOTAL	%
1	COLOCAR	45	39	84	16,06%
2	LEVAR	35	38	73	13,96%
3	BOTAR	46	7	53	10,13%
4	JOGAR	27	21	48	9,18%
5	TIRAR	22	23	45	8,60%
6	CARREGAR	5	23	28	5,35%
7	TRAZER	8	20	28	5,35%
8	BUSCAR	6	14	20	3,82%
9	PUXAR	9	10	19	3,63%
10	EMPURRAR	11	7	18	3,44%
11	TRANSPORTAR	1	15	16	3,06%
12	RESGATAR	-	14	14	2,68%
13	PÔR	5	7	12	2,29%
14	ARRANCAR	3	7	10	1,91%
15	DEIXAR	7	3	10	1,91%
16	LANÇAR	1	9	10	1,91%
17	RETIRAR	3	7	10	1,91%
18	DEPOSITAR	-	6	6	1,15%
19	DESPEJAR	-	6	6	1,15%
20	METER	5	-	5	0,96%
21	ARRASTAR	-	4	4	0,76%
22	REMOVER	2	2	4	0,76%
	<i>TOTAL</i>	<b>241</b>	<b>282</b>	<b>523</b>	<b>100,00%</b>

O verbo COLOCAR é o mais expressivo, tanto na modalidade falada (45 dados) quanto na escrita (39 dados), seguido, respectivamente, pelos verbos LEVAR, BOTAR, JOGAR e TIRAR, os quais possuem frequência superior a quarenta *tokens*.

A estrutura argumental dos verbos desse SE reflete o padrão [SN<sub>SUJ/AGT</sub> V<sub>MOV</sub> SN<sub>OD/PAC</sub> (SP<sub>LOC</sub>)]. Dessa forma, todos os VMT sancionados pelo SE de M<sub>Caus</sub> pertencem à classe de verbos de ação-processo, considerando que o referente do OD muda quanto à sua localização como resultado da ação descrita pelo verbo.

O SE de M<sub>Caus</sub> desdobra-se em duas MC, *manipulação* e *transporte*, conforme o Diagrama 2, no qual acrescento informações sobre o ponto da trajetória perspectivizado em cada uma delas.

DIAGRAMA 3 - REDE HIERÁRQUICA DO SE DE MOV. CAUSADO



Os elementos X e Y, obrigatórios na construção, correspondem, respectivamente, a um AGT  $SN_{SUI}$  e a um PAC  $SN_{OD}$ . Z corresponde a um Locativo (LOC), codificado pelo SP, que pode ser anafórico ou estar implicado pelo contexto, por isso apresentado entre parênteses. As duas MC, *manipulação* e *transporte*, projetadas pelo SE de MCaus são definidas com base no tipo de ação efetuada pelo referente do SUJ. Na MC de Manipulação, o símbolo T indica que o Agente é estacionário, ou seja, ele permanece fixo em um determinado ponto, sem nenhum deslocamento. Na MC de Transporte, o símbolo ↔ indica que o Agente é translacional – também chamado de *trajetor* na LC (LANGACKER, 1990) – podendo se deslocar tanto para direita quanto para a esquerda. Nesse SE, a participação do referente do OD é sempre marcada por seu afetamento, por isso seu papel semântico é idêntico nas duas MC. Contudo, o afetamento é caracterizado por implicações de polaridade quanto à direção que toma no evento.

Dessa forma, com base em nossa experiência, sabemos que um recipiente possui um interior e um exterior e que, no processo de manipulação, o PAC  $SN_{OD}$  tanto pode ser colocado ↓ dentro de um recipiente como ser removido ↑ dele. No primeiro caso, o recipiente, linguisticamente codificado por um SP, desempenha o papel de alvo do movimento, identificado pelo símbolo ⊗; no segundo caso, o referente do SP indica o ponto de origem do movimento, identificado por Δ. As setas para cima e para baixo simulam a representação do movimento de colocação e de retirada. Quando o Paciente é levado (→) para algum lugar (⊗) ou trazido (←) de algum lugar (Δ) por um Agente ↔, o SE é de transporte.

Semanticamente, o SE de MCaus descreve o deslocamento de uma entidade ( $SN_{OD}$ ) de um determinado ponto no espaço a outro pela ação do  $SN_{SUI}$ , que pode ser manipulador ou transportador. Nesse sentido, o movimento descrito pode envolver duas cenas diferentes: apenas o Agente se move, conforme (118), ou ambos, Agente e Paciente, se movem, exemplificado em (119).

- (118) [...] ele não jogava, ele adora jogo e ele não jogava, por quê? Em respeito à família dele. Porque desde o momento que ele coloca o dinheiro na mesa (inint), mas meu pai sempre foi muito controlado (est). (*Corpus PEUL/RJ*)
- (119) Todos nós trouxemos uma mochila, dentro dessas mochilas havia mais comida do que utensílios pessoais. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 51*)

Em (118), somente o referente do SN<sub>OD</sub> (*o dinheiro*) muda de lugar; enquanto o referente do SN<sub>SUJ</sub> (*ele*) apenas realiza um movimento com parte do seu corpo, manuseando o Paciente para outro lugar, codificado pelo SP *na mesa*. Por sua vez, em (119), ambos os participantes da oração em destaque (*Todos nós e uma mochila*) sofrem mudança de localização, considerando que o participante *Todos nós* desloca-se transportando o objeto *uma mochila*. Assim, o SE de MCaus vincula-se conceptualmente ao EI de Trajetória, no qual se destaca um locativo: o ponto de origem e/ou o alvo do movimento.

A seguir, trato das duas MC sancionadas pelo SE de MCaus, que remetem a dois tipos de movimento: manipulação e transporte.

### 3.1.1 Microconstrução de Manipulação

A MC de Manipulação é sancionada pelo SE de MCaus porque herda todas as especificações desse SE. Assim, sua estrutura semântico-sintática relaciona-se a um AGT SN<sub>SUJ</sub>, a um PAC SN<sub>OD</sub> e a um LOC SP. Trata-se do único tipo, na rede hierárquica da CMT, em que o SUJ é um Agente $\bar{T}$ . Em outras palavras, essa MC se caracteriza, principalmente, por ser a única que tem a participação de um ou mais agentes em posição fixa, cuja ação é resultado do movimento de determinada parte de seu corpo, ocasionando obrigatoriamente o afetamento do referente do SN<sub>OD</sub>.

Esse padrão microconstrucional perfila os *frames* que descrevem cenas de colocação e remoção, representados, respectivamente, pelos verbos COLOCAR e TIRAR (cf. *Diagrama 2*). A seguir, detalho cada um deles.

#### 3.1.1.1 Colocação

Quando a CMT expressa o movimento de manipulação em que o Agente move o Paciente para um recipiente, o Alvo da trajetória é perspectivizado. Dessa forma, esse *frame* projeta eventos nos quais o VMT ocorre com um AGT SN<sub>SUJ</sub> $\bar{T}$  que move um Paciente SN<sub>OD</sub> ↓

para um LOC SP  $\otimes$ , controlando-o de duas maneiras: (I) de um ponto A até um ponto B e (II) apenas de um ponto A. Vejamos cada um deles.

### (I) Movimento de um ponto A até um ponto B

Expressam esse modo de movimento (I) verbos como COLOCAR (84 *tokens*), BOTAR (53), PÔR (12), DEPOSITAR (6), DESPEJAR (6) e METER (5). Estes se relacionam com o *frame* Colocar e, em seu sentido básico, implicam o manuseio de algo ou alguém de um lugar para o outro. Semanticamente, as instanciações da CMT que evocam esse *frame* são compostas por um AGT SN<sub>SUJ</sub>  $\bar{T}$  que controla, do início ao fim do movimento, o deslocamento de um Paciente, conforme os exemplos a seguir:

- (120) [...] a casa ela é coberta com ... com ... cada coluna da casa é o tapete de ... de couro de vaca de ... que minha tia ( ) aí bota tapete de couro de vaca ... nas paredes têm ... têm as varas de pescar ... toda ... todo veraneio que a gente vai pra lá ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 370*)
- (121) Depois de colocar a massa na forma coloque o chocolate derretido por cima da massa e leve ao forno. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 93*)

Prototipicamente, o referente do Paciente é um objeto, como os SN<sub>OD</sub> *tapete de couro de vaca*, em (120), e *a massa e o chocolate derretido* (121), manipulados pelo referente do SN<sub>SUJ</sub> ( $\emptyset$  = minha tia e  $\emptyset$  = você, respectivamente). O referente do SP identifica o local para onde o Paciente é movido, como *nas paredes* (120), *na forma e por cima da massa* (121). Nessa linha, do ponto de vista cognitivo, o EI de Trajetória subjaz a essa estrutura, com foco direcional para o alvo do movimento. Embora o ponto inicial do movimento não seja explicitado nessas ocorrências, ele é previsto cognitivamente no *frame* ativado pelas orações, uma vez que o processo de colocação é antecedido, obrigatoriamente, por um coevento de remoção, em outras palavras, não se pode, por exemplo, colocar *a massa na forma*, antes de retirá-la de um outro lugar.

O referente do SN<sub>OD</sub> dessa MC também pode ser um ser animado ou partes do corpo deste. Nas orações destacadas a seguir, os agentes *a professora de natação* (122), *minha avó* (123) e  $\emptyset$  = ela (124) movem os pacientes *os pequeninos*, *o cachorro* e *os pés*, respectivamente, de um ponto A para um ponto B, este último representado, na mesma sequência, por *no raso*, *que = um beco* e *na mesa*.

- (122) [...] a piscina lá é:: é uma só ... só que é separada ... pra:: adulto e pra criança ... a gente ... a professora de natação bota logo os pequenininhos no raso ... depois eles vão indo pro fundo e ficam lá no fundo ... fazem natação deles lá no fundo ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 391*)
- (123) [...] aí tem um beco que minha avó colocava o cachorro ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 348*)
- (124) [...] ela sentava na mesa ... botava os pés na mesa ... oh ... ele ficava só olhando ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 235*)

O referente do SP dessa MC também pode indicar seres animados, a exemplo de *Joseph Gordon-Levitt*, em (125), partes do corpo, *no pé* (126) e *nas suas costas* (127), “locais” para onde o referente dos SN<sub>SUJ</sub> movem os respectivos SN<sub>OD</sub>, *a peruca esquisita, uma pedra e bombas*.

- (125) É preciso superar algumas irritações: a peruca esquisita que colocaram em Joseph Gordon-Levitt, as lentes de contato que deixam de um azul baço e seus olhos castanhos, o sotaque francês espesso com que ele fala inglês [...]. (*Revistas On-line, Veja*)
- (126) [...] aí ele foi inventar de coisar ... de botar uma pedra no pé aí furou o pé dele ... aí o homem ficou rindo ... aí ele furou ... a coisa dele ... aí ... aí eu num sei mais não ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 435*)
- (127) [...] o Pinguim ele tem um plano de pegar os pinguins que faziam parte da turma dele ... e colocar bombas nas suas costas e levar todos ao centro da cidade e detonar essas bombas ... como se fosse uma ação suicida ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 305-6*)

As instâncias dessa MC que inferem colocação podem omitir o SP, a exemplo de (128), em que fica subentendido que o responsável pela ação posiciona o pé na frente da pessoa, com a intenção de causar sua queda, e de (129), em que o SP não é explicitado, mas é inferível pelo contexto, dado nosso conhecimento de mundo.

- (128) [...] a/ aí as pessoas que é do bem ... que é:: como tá brincando de esconde-esconde num ... num bota o pé pra pessoa nas pessoa ... chutando a pessoa ... fica botando o pé pra pessoa cair ... isso é do mal ... agora as pessoa que é:: é do bem ... é:: faz qualquer coisa ... brinca com a pessoa ... se a pessoa pedir ... brinca com a pessoa ... agora ... é:: se por exemplo ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 443*)
- (129) [...] eles também num tão nem aí ... tem um ... tem:: namo/ que é assim ... namoro que sai ... vai ... fica dentro do carro ... faz isso ... faz aquilo ... esquece ... de colocar preservativo ...e:: assim ... aí acontece as coisa ... acontece muito casos assim ... aí ... o vírus ... passa pra:: pra acompanhante né ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 358*)

Representações metonímicas também podem figurar como argumentos dos VMT. Em (130), o SN<sub>SUJ</sub> *um imenso curtume* não se constitui um Agente intencional capaz de executar a ação de DESPEJAR o Paciente, *toneladas de lama química*, sobre o Alvo, *nele (o Rio Buriganga)*. Trata-se, aqui, de uma relação de contiguidade entre o curtume e as pessoas que nele trabalham.

- (130) Até algum momento do passado, o Rio Buriganga correu tão secreto e intacto quanto o Stikine. Mas, na sua travessia por Daca, a capital de Bangladesh, ele é hoje uma confusão de embarcações, gente, sujeira: um imenso curtume à sua margem despeja nele toneladas de lama química. (Revistas *On-line*, Veja)

As orações que se conformam ao *frame* Colocar também podem estabelecer ligação com coeventos que remetem ao modo do movimento. Nos fragmentos seguintes, o evento (131) que consiste em PÔR *o arroz* na forma (Ø) conecta-se a outra oração que revela o modo da realização da ação, expressa por verbo no gerúndio, a exemplo de *socando*. Em (132), o modo como *o fermento é colocado no leite* é indicado pelo verbo *desmanchar*, igualmente no gerúndio. Complementos preposicionados também podem apontar o modo de colocação, tal como *aos poucos*, em (133), que expressa como os ingredientes são manipulados em um dado momento da execução da receita.

- (131) Neste ínterim, o arroz está semi-pronto, unto uma forma, redonda e furada no meio, com manteiga e ponho o arroz ainda quente socando-o. ponho no forno uns 10 minutos, retiro-o e viro num prato como se fosse um bolo. (*Corpus D&G Natal*, Escrita, p. 69-70)
- (132) Coloca-se o fermento desmanchando no leite e agora bate a massa a vontade até ela ficar cremosa [...]. (*Corpus D&G Natal*, Escrita, p. 93)
- (133) [...] eu sei que a manteiga fica mais gostosa né? aí mis/ eu misturo tudo né ... vou colocando ... vou colocando aos poucos a ... primeiro eu coloco a água o ... a ... o fermento ... o ... o sal e o açúcar e misturo tudo na ... na ... na ... na tigela assim no tacho ... misturo tudo até dissolver né ... depois eu vou colocando aos poucos a ... a farinha de trigo e mexendo com a ... com a colher ... mexendo quando tiver já bem assim um pouco consistente ... (*Corpus D&G Natal*, Fala, p. 48)

É interessante observar que, por meio de um *link* de polissemia, o verbo METER, com sentido de *aplicar com violência* (BORBA, 2002), pode ser associado à MC de Manipulação, dada a sua similaridade com a moldura argumental dos verbos de colocação. Como nestes, o Agente do verbo METER tem o controle do objeto, alinhando-se, assim, com o tipo (I), *movimento de um ponto A até um ponto B*.

- (134) [...] aí ele pegou quando ele pegou lá um cano ... e saiu correndo atrás do gato meteu no gato e o gato foi embora de novo né ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 28*)
- (135) [...] e de vez em quando o menino era ... era agressivo também né ... meteu ... uma vez pegou um ... um pedaço de pau e meteu na cabeça do pai ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 31*)
- (136) [...] qualquer coisa ... mete a faca ... mata ... mete o machado no pescoço ... e rola tudo ... como é que pode? é o fim do mundo ... é o fim da era... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 254*)

Nesses eventos, o SN<sub>OD</sub> tem papel semântico de Paciente, já que sofre mudança de localização, contudo, assemelha-se a uma espécie de arma – como *um cano*, em (134), *um pedaço de pau* (135) e *a faca / o machado* (136) – que visa atingir/ferir um alvo. Este, codificado por um SP, corresponde à entidade atingida ou a uma parte de seu corpo, a exemplo de *no gato*, *na cabeça do pai* e *no pescoço*, respectivamente. Essa interpretação é válida apenas para os casos em que o referente do SUJ conserva sob o seu controle o objeto de ataque; uma vez lançado/arremessado o referente do objeto, os eventos reportados teriam uma outra leitura, a de que o objeto estava sob controle apenas no ponto inicial, conforme veremos em (II) *Movimento do ponto A*.

Como visto, o *frame* Colocar projeta uma cena em que o Paciente é movido pelo Agente de um lugar para outro. A estrutura semântico-sintática dessa MC ativa o EI de Trajetória, com foco no Alvo. Nesse aspecto, o padrão  $[X_{AGT} \bar{T} V_{MOV} Y_{PAC} \downarrow (Z_{Loc} \otimes)]$  se relaciona, por meio de *links* metafóricos, a orações que denotam significados abstratizados de movimento causado, que refletem, por sua vez, metáforas conceituais. Vejamos alguns desses possíveis mapeamentos:

- (137) Todos somos Jacó, agarrados e amedrontados. Como Jacó, colocamos a culpa por nosso medo no Outro. (*Revistas On-line, Cláudia*)
- (138) Não deposite sua carência na comida. (*Revistas On-line, Cláudia*)

Capacidades psicológicas do indivíduo, tais como pensamentos e sentimentos, podem ser tomados como objetos manipuláveis, a exemplo do que se vê em (137-138), o que nos permite identificar a metáfora conceptual *Sentimentos são objetos manipuláveis*, a qual possibilita que o Paciente do evento de movimento – *a culpa por nosso medo e sua carência* seja “movido” de um lugar a outro: *no Outro e na comida*.

Nos dados seguintes, temos a metáfora conceptual *tempo é lugar*, ativada pela MC de Manipulação em orações que refletem o *frame* Colocar. Nesse caso, o tempo é compreendido como um recipiente, espaço para onde se move o Paciente.

- (139) Durante sua estada na capital argentina, o cantor aproveitou para relaxar e reencontrou um amigo, o empresário Gabriel Hochbaum, com quem colocou a conversa em dia e saboreou a gastronomia local. (Revistas *On-line*, Caras)
- (140) [...] e terças e quintas a gente resolve a parte burocrática da clínica ... sabe? assim ... botar em dia os papéis ... de convênios que às vezes ele ... ele opera em outros hospitais ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 263)

O *chunk colocar/botar X em dia* é usado quando se quer dizer que algo está atrasado ou desorganizado e precisa ser atualizado ou organizado. Assim, o tempo é conceptualizado como um lugar em que se colocam coisas: os SN<sub>OD</sub> *a conversa* (139) e *os papéis* (140) são os pacientes manipulados. Em ambos, o SP *em dia* é o recipiente onde o SN<sub>OD</sub> é depositado. Aqui, o padrão oracional é idêntico ao de COLOCAR/BOTAR em seu sentido concreto: SN<sub>SUJ</sub> V<sub>MOV</sub> SN<sub>OD</sub> SP.

Logo, a estrutura semântico-sintática do SE de MCaus em construtos com verbos de colocação podem ativar – com base nas propriedades físicas e concretas da experiência humana – domínios cognitivos que nos permitem interpretar elementos abstratos como objetos manipuláveis ou recipientes por um processo de analogia.

## (II) Movimento do ponto A

Esse tipo de manipulação (II) é perfilado por construtos com os verbos JOGAR (48 *tokens*), EMPURRAR (18) e LANÇAR (10). Eles se relacionam com o *frame* Causar Movimento, o qual, em seu sentido básico, implica o arremesso ou a propulsão de algo ou alguém – o referente do SN<sub>OD</sub> – para algum lugar, codificado como SP. Vejamos os seguintes construtos em destaque:

- (141) [...] aí eu não podia dizer que tinha sido eu que tinha trancado ele ... né ... que foi que eu fiz ... joguei a chave no lixo ... e saí feito uma louca ... na escola ... procurando o diretor ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 51)
- (142) [...] aí ele resolveu bater na porta né ... aí o velho ficou logo assustado né ... e tudo né ... aí perguntou e aí ele empurrou ele pra fora né ... empurrou o homem pra fora lá ... num quis entrar ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 32)

Nessas amostras, o Agente arremessa o Paciente para que este alcance/atinga um determinado local. Os pacientes são codificados pelos SN<sub>OD</sub> *a chave* (141) e *ele/o homem* (142). O Alvo é codificado pelos SP *no lixo* e *pra fora*, respectivamente. Vimos que, no Movimento (I), o Agente tem controle sobre o Paciente por todo o deslocamento, ou seja, do ponto A até o ponto B, como nos dados (120) a (140); nesse modo (II), o Agente tem controle sobre o Paciente apenas no ponto inicial, já que ele não o conduz até o ponto final. Não há, portanto, garantia de que o Alvo seja alcançado, conforme se deduz das orações destacadas em (141) e (142), com os verbos JOGAR e EMPURRAR.

Assim, as microconstruções que compõem o tipo (II) correspondem ao *frame* Causar Movimento (cf. *Subseção 2.2.3.1*). O referente do sujeito da ação, tipicamente humano, também é  $\bar{T}$ , e tanto o SN<sub>OD</sub> quanto o SP dessa moldura também podem fazer referência a pessoas. Na sequência, os SN<sub>OD</sub> *ela*, em (143), e *a* (= *a secretária*), em (144), representam os pacientes, e o slot do SP é preenchido por humanos ou partes do corpo, como *nele* (145) e *na cabeça do homem* (146).

- (143) Maria pegou o pau e empurrou ela dentro do:: é:: da:: do fogão ... como empurrou ela no fogão ... o fogão era bem grande ... empurrou ela no fogão né? (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 439*)
- (144) Temendo ele que a secretária resolvesse contar a todos, ele tratou de matá-la empurrando-a pela janela do escritório que ficava no andar muito alto de um edifício. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 317*)
- (145) [...] daí o amigo dele chegou com um monte de saco cheio d'água ... começou a jogar no homem ... o homem dando tiro ... ele subiu no carro com a moça e fugiu e o amigo dele é ... jogando saco cheio d'água nele ... daí depois o homem pegou ... apontou com o revólver pro amigo do rapaz e:: disse ... “quieto aí ... não ... não se mexa” ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 412*)
- (146) [...] daí o homem chegou perto dele ... do lado do carro ... daí ele pegou o picolé ... jogou na cabeça do homem ... jogou na cabeça do homem ... o homem era careca ... bem gordo ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 413*)

Conforme dito, no movimento do tipo (II), o SP desempenha o papel de Alvo (⊗), local que se almeja alcançar ou acertar com o lançamento de um objeto/paciente. Tipicamente, *no lixo* (141) e *pra fora* (142), são exemplos dessa natureza. Embora o ponto inicial do movimento não seja explicitado nessas ocorrências, ele pode ser inferido com base em informação do discurso ou em nossa experiência. Em (142), por exemplo, o SP *pra fora* implica automaticamente que o Paciente *ele* foi empurrado de um ambiente fechado, ou seja, “*de dentro*”. Essa inferência decorre dos EI ativados por esse padrão construcional, nesse caso a implicação da existência de contêineres no EMT.

Embora os SP em (141) e (146) destaquem diferentes EI ativados pela construção – a saber, Contêiner e Meta – eles desempenham o mesmo papel semântico (alvo). As orações em que ocorrem compartilham o mesmo padrão sintático e igual modo de movimento.

No caso das orações com o VMT EMPURRAR, embora haja um alvo pressuposto, este não é comumente explicitado. Em algumas ocorrências, tanto o ponto de origem quanto o de destino do movimento podem estar implícitos. Observe que no dado (144) o SP indica apenas o Caminho, *pela janela do escritório*, percorrido pelo Paciente, *a* (= secretária), deixando subentendido que a Origem é a parte interna do escritório do prédio e o Alvo é a região externa. Nesse contexto, o SP é um dos pontos do EI de Trajetória, a saber, Caminho, cognitivamente visto como um *portal*.

Um exemplar interessante que decorre desse padrão da MC de Manipulação é a oração que contém um pronome reflexivo como SN<sub>OD</sub>, como (147). Observe que *Ebba* (AGT SN<sub>SUJ</sub>) e *se* (OD em posição pré-verbal) referem-se à mesma pessoa. Tal fato mostra um caso de exceção à configuração argumental do verbo JOGAR, que se afasta, assim, do sentido proposto para o modo de movimento (II), uma vez que o Agente deixa de ser estacionário ( $\bar{T}$ ) e passa a ser translacional ( $\rightarrow$ ).

- (147) [...] em segundos, a torrente se avoluma e parece sair de controle, descendo a toda a velocidade. Tudo vira um pandemônio. Ebba (Lisa Loven kongslí) se joga sobre as crianças; Tomas dá no pé. Afinal, vê-se que era alarme falso. (Revistas *On-line*, Veja)

Quando atualiza o *frame* Causar Movimento, no sentido de arremessar algo/alguém a algum lugar, o padrão microconstrucional de manipulação/colocação pode instanciar, por meio de um *link* metafórico, orações que denotam movimento abstratizado. Um bom exemplo é “acontecimentos ou circunstâncias são agentes”, considerando que acontecimentos ou circunstâncias podem ser dotados de agentividade, ocupando o *slot* do SN<sub>SUJ</sub> como o causador da ação denotada na oração, como se pode observar em (148) e (149), com os VMT EMPURRAR e JOGAR.

- (148) A Casa Branca e economistas americanos alertam que tal situação poderia empurrar os EUA para a recessão e desencadear o caos no sistema financeiro mundial. (Revistas *On-line*, Veja)

- (149) A mudança para a Namíbia não seria também ela um acidente feliz? Toda essa dificuldade ajudou a jogar a equipe e o elenco no clima da história? (Revistas *On-line*, Veja)

Em (148), *tal situação* é o agente metafórico responsável pelo país poder ser empurrado *para a recessão*. Em (149), o agente causador do evento é expresso por *Toda essa dificuldade*, circunstância que ajudou a *jogar a equipe e o elenco no clima da história*. Nesses dados, *EUA*, na primeira oração, e *a equipe e o elenco*, na segunda, correspondem aos pacientes “movidos”. Vale destacar que, nessas ocorrências, também os SP não designam lugares concretos: *na recessão e no clima da história*.

Assim, orações que instanciam o tipo (II) *Movimento do ponto A* atualizam metáforas conceptuais que nos permitem interpretar, por analogia, elementos abstratos como objetos concretos, e assim, atribuir àqueles os papéis semânticos de Agente, Paciente ou Locativo nos eventos representados.

Na próxima *subseção*, trato do padrão microconstrucional que materializa o *frame* Remoção.

### 3.1.1.2 Remoção

Esse *frame* perspectiviza o local de onde se retira o referente do  $SN_{OD}$ . Tem polaridade inversa à MC anterior, já que no processo de remoção o SP indica a origem do movimento. O *frame* Remoção caracteriza eventos nos quais o VMT tem um AGT  $SN_{SUJ} \bar{T}$  que remove um Paciente  $SN_{OD} \uparrow$  de um LOC SP  $\Delta$ . Assim como o *frame* Colocação, a base cognitiva que subjaz a essa estrutura é um EI de Trajetória, dessa vez com foco na origem do movimento. Nessa direção, são licenciados por esse tipo microconstrucional verbos que implicam remoção de um Paciente, como TIRAR (45 *tokens*), PUXAR (19), RETIRAR (10), ARRANCAR (10) e REMOVER (4), ilustrados a seguir:

- (150) “ó ... você mata ... daí quando você for pra cadeia eu ... eu ... eu faço alguma coisa lá ... pra tirar você de lá” (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 382*)
- (151) [...] o Sandrinho tava om o violão e com Hélio também ... aí:: tava com o Sandrinho ... com o Hélio no violão né ... então eu já puxei o Sandrinho e tava sem violão lá atrás e tudo no ônibus ... e eu puxei Sandrinho pra lá e comecei a cantar corinho e tudo ... cantar música lá do Catedral e tudo mais ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 176*)
- (152) Ponho óleo no fogão para esquentar e quando está bem quente, ponho o peixe para fritar. estando frito retiro-o e coloco num prato forrado com alfaces frescas e rodela de cebolas finas para ornamentar. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 69-70*)

- (153) [...] aí ... debaixo das carteiras ... aqueles araminhos debaixo das carteiras não existe ... aquilo ali ... porque os meninos arrancam pra brincar ... eu num sei como é aquilo ... eles arrancam ... num tem onde a gente colocar os livros ... se a gente num deixar em cima da carteira ... no braço da carteira né ... porque as carteiras de lá são aquelas de braço ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 328*)
- (154) [...] e sempre com bastante jornais e panos é ... envolvendo esses quadros pra que num ... num ... num ... num pegassem tanta poeira porque ... [...] mas muita poeira e eu tive que remover essa poeira ... eu removi com panos secos ... porque era uma poeira de ... de calissa ... uma poeira branca ... uma poeira quase de giz né ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 142*)

As orações destacadas em (150-154) expressam a ação de um Agente sobre um Paciente removido de um determinado local. O SN<sub>SUJ</sub> desses construtos é um Agente $\bar{T}$  – tais como *eu* (151), (152) e (154) e os *meninos* (153). O SN<sub>OD</sub> desempenha o papel de Paciente, podendo se referir a objetos [*aqueles araminhos* (153), *essa poeira* (151)], ou seres animados [*você* (150), *Sandrinho* (151) e *o (= peixe)* (152)]. Quando expresso, o SP geralmente codifica o ponto de origem do movimento ( $\Delta$ ), já que se trata de um *frame* que implica remoção. No entanto, na maioria dos dados investigados, o SP não é explicitado, mas pode ser recuperado do contexto, como em (154), em que se depreende que a poeira foi removida dos quadros, e em (152), em que o *fogão* representa o lugar de onde se remove o peixe. Evidentemente, o SP também pode ser codificado por uma expressão adverbial, como *de lá* (150). Todavia, em (151), *eu puxei Sandrinho pra lá*, o SP *pra lá* revela o alvo do movimento, o que mostra que os construtos que perfilam o *frame* Remoção podem destacar também o Alvo.

Em alguns eventos de remoção, o significado do verbo pode denotar a noção de movimento relacionada a um coevento, responsável pelo modo do movimento. Desse modo, em *eu puxei Sandrinho* há uma integração de dois eventos: um principal que consiste no movimento do referente do SN<sub>OD</sub> (X MOVER Y); e um coevento, que expressa o modo como o movimento é efetuado (X PUXAR Y), resultando em (X MOVER Y PUXANDO). Em (154), por sua vez, o SP *com panos secos* aponta para o modo/ instrumento como o OD (*essa poeira*) foi (re)movido dos quadros (ponto de origem, recuperado no início do fragmento).

Em termos de EI, o padrão  $[X_{AGT} \bar{T} V_{MOV} Y_{PAC} \uparrow (Z_{Loc} \Delta)]$  perspectiviza o percurso, com foco na Origem. O VMT que realiza essa MC pode ter seu significado abstratizado, acarretando um sentido metafórico para toda a oração, como em:

- (155) Duas tendências puxam as vendas dos smartphones, os celulares poderosos: a necessidade crescente de navegar pela internet em qualquer lugar e o movimento decrescente dos preços. (*Revistas On-line, Época*)

A oração destacada em (155) tem como SUJ uma circunstância/situação (*duas tendências*) que atuam como agentes que “puxam” metaforicamente *as vendas dos smartphones* (OD), ou seja, impulsionam as vendas desses aparelhos. Aqui, o verbo *puxar* é usado em sentido figurado, abstratizado.

Outros exemplos de metaforização do evento de movimento são: *estados são lugares e vida é objeto manipulável*.

Com relação ao primeiro, observe que os estados mentais podem ser concebidos como um lugar onde se encontra o referente do OD, como se vê na oração grifada em (156).

- (156) Então confira algumas ideias que são tiro e queda para arrancar você do marasmo profissional rumo ao sucesso. (Revistas *On-line*, AnaMaria)

O SP *do marasmo profissional* designa, metaforicamente, o estado de prostração de onde se almeja ARRANCAR o referente do SN<sub>OD</sub>. Mais uma vez, é a abstratização do significado do verbo, no construto, que contribui para a interpretação de um estado emocional como um lugar.

A segunda forma de metaforização diz respeito à possibilidade de se remover uma entidade abstrata de um determinado “lugar”, atribuindo-lhe a propriedade de ser manipulável. É o que ocorre em (157).

- (157) No primeiro encontro, é Esaú que tenta tirar a vida de Jacó, mas, no segundo, aparentemente, um anjo procura fazer o mesmo. (Revistas *On-line*, AnaMaria)

A metáfora conceptual *vida é objeto manipulável* se baseia em nossa experiência cotidiana de manusear objetos. O referente do SN<sub>OD</sub> *a vida de Jacó* (157) designa, por analogia, uma entidade que pode ser extraída de um dado local. Partindo do princípio de que o corpo humano funciona como um contêiner que abriga a vida, esta pode ser removida ou (re)colocada, de forma que o *chunk* TIRAR *a vida* é usado figurativamente para significar o ato de matar.

Em resumo, a MC de Manipulação, vinculada ao SE de MCaus, caracteriza-se, prototipicamente, pelo deslocamento de uma única entidade, o SN<sub>OD</sub>, que constitui o argumento afetado. Na próxima MC, veremos que o referente do SN<sub>SUJ</sub> também pode se deslocar de um ponto A para um ponto B conjuntamente com o referente do SN<sub>OD</sub>.

### 3.1.2 Microconstrução de Transporte

A segunda MC do SE de MCaus também é sancionada pelo padrão prototípico [SN<sub>SUJ/AGT</sub> V<sub>MOV</sub> SN<sub>OD/PAC</sub> (SP<sub>LOC</sub>)]. Considerando suas particularidades, essa MC conceptualiza o

deslocamento conjunto dos referentes do SN<sub>SUJ</sub> e do SN<sub>OD</sub>. Mais precisamente, esse tipo de CMT descreve o movimento causado a um dado paciente decorrente da ação de ser transportado pelo Agente. Está relacionada ao *frame* Transportar. Prototipicamente, essa MC aciona o EI de Trajetória com foco no Alvo (⊗) ou na Origem (Δ) do movimento. Isso quer dizer que, dependendo do ponto da trajetória perspectivizado, temos polaridades inversas quanto ao movimento de ir (→) e vir (←): o primeiro indica para onde esses participantes se movem, destacando o alvo do movimento; o segundo assinala de onde esses participantes se movem, salientando o ponto de origem, respectivamente, tratados a seguir.

### 3.1.2.1 Transporte a um alvo

A MC de Transporte que indica movimento de ida licencia orações com VMT com SP que codifica o papel semântico de Alvo, lugar para onde o Paciente é levado pelo Agente. São verbos dessa natureza: LEVAR (73 tokens), CARREGAR (28), TRANSPORTAR (16), DEIXAR (10) e ARRASTAR (4). Vejamos as amostras:

(158) [...] aí na hora minha mãe foi pro hospi/ começou a sentir dor ... meu pai levou ela pro hospital ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 223*)

(159) [...] mas no dia da viagem ... é ... eu me lembro de uma coisa muito interessante quando ... um amigo nosso foi deixar-nos no aeroporto ... eu ... mamãe e Isabela ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 95*)

Os SP *pro hospital*, em (158), e *no aeroporto* (159) codificam o ponto de chegada do evento. Nos dois casos, o referente do SN<sub>OD</sub> é um paciente humano, *ela* e *nos*, respectivamente. Há uma forte predominância de pacientes desse tipo no *frame* Transportar (cf. *Subseção 2.2.3.4*), em que pessoas são transportadas por pessoas, agentes translacionais (↔) que compartilham o mesmo trajeto com o Paciente durante a condução.

Nessa perspectiva, o Alvo é inerente ao esquema cognitivo que subjaz a esse *frame*. Mesmo omitido na oração, sua existência é pressuposta, conforme se pode observar nos dados a seguir, desta vez com pacientes cujos referentes são objetos.

(160) [...] que foi até a empresa e conversou com Ziro para assinar a carteira, que emitiu as guias para que Maria José levasse para pagar, que não foi até o INSS, que não recebeu nada por isso. (*Banco de Sentenças/ JFRN*)

- (161) O Atirador e o observador a seu lado alertam o comando: a mulher está carregando algo; é uma granada de alto impacto, que ela entrega ao menino; ele está indo na direção dos soldados americanos. (Revistas *On-line*, Veja)

Nas orações em destaque, os objetos [ $\emptyset$  = *as guias*, em (160), e *algo*, em (161)] são transportados para algum local que não é explicitado nos respectivos fragmentos. No primeiro, subtende-se o Alvo como um determinado estabelecimento onde se pode pagar dívidas. Em (161), a informação para onde o SN<sub>OD</sub> *algo* (= *uma granada de alto impacto*) é transportado está atrelada ao ato de sua entrega *ao menino* e o caminho que este segue, *na direção dos soldados americanos*.

As orações que instanciam essa MC também podem descrever o evento de maneira mais completa, explicitando tanto a Origem como o Alvo do movimento. Em (162), por exemplo, há dois SP subcategorizando o verbo LEVAR, *do campo e para a capital* (alvo), os quais evidenciam a Origem e o Alvo, respectivamente, do EI de Trajetória ativado.

- (162) [...] convencidos de que ela deve ter um destino nobre, seus pais adotivos levam-na do campo para a capital, para que viva em meio ao luxo e atraia os mais aristocráticos pretendentes. (Revistas *On-line*, Veja)

Em (163) e (164), respectivamente, os SP *pra dentro* e *a uma forma* têm papel semântico de Alvo. Em ambos, os SN<sub>OD</sub> *ele* e *a massa* partem de uma área exterior para um contêiner que pode acomodar pessoas ou coisas. É com base nesse tipo de experiência que as noções “dentro/fora”, ao pressupor movimento de entrar e sair, nos permitem o mapeamento metafórico entre um domínio-fonte e um domínio-alvo, como veremos mais à frente.

- (163) [...] daí vinham os homens de lá ... dentro ... daí levaram ele lá pra dentro ...trancaram eles num quarto onde tava o amigo deles ... (*Corpus D&G Natal*, Fala, p. 413)

- (164) Agora leve a massa a uma forma que esteja untada com manteiga e polvilhada com trigo, dessa forma você não correrá o risco da massa queimar. (*Corpus D&G Natal*, Escrita, p. 92)

Outro tipo de complemento preposicionado relacionado a esse *frame* diz respeito ao meio de transporte empregado para mover o Paciente. Nos dados seguintes, *na sua mochila*, em (165), e *em contêineres, em navios* (166), cumprem a função de recipiente, servindo de local de armazenamento, durante o transporte, para os referentes do OD: *um alimento* e *os 200 veículos usados no filme*.

- (165) [...] começou a caminhada ... chegamos na mata umas seis horas ... e tinha que encontrar um local agradável que pudesse [...] e começou a divisão de alimentos ... cada um levou um alimento na sua mochila ... pensando que ia comer sozinho ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 304*)
- (166) Foi um exercício militar de proporções épicas. Tivemos de levar os 200 veículos usados no filme em contêineres, em navios. Os maiores, as “máquinas de guerra”, que não cabiam em contêineres, viajaram no convés de cargueiros por todo o Oceano Índico até a costa ocidental da África. Caríssimo. Mas não havia outra forma de fazer o filme. (*Revistas On-line, Veja*)

Assim como nas demais instâncias das MC do SE de M<sub>Caus</sub>, o SN<sub>SUJ</sub> das MC de Transporte pode ter representações metonímicas ou desempenhar função semântica de causativo mas não de Agente, conforme ilustrado nas amostras seguintes:

- (167) [...] aí quando a minha amiga chega ... a que tava lá embaixo ... que foi ... foi ... espantada ... toda preocupada ... “e agora o que a gente faz? eu vou chamar Vilma ... porque Vilma tem um pai que trabalha aqui perto e tem um carro que vai levar a gente pro pronto-socorro” (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 53*)
- (168) [...] por pertencer a uma alta sociedade ... decide jogá-lo no rio ... é ... e joga-o no rio ... então esse rio tem uma forte correnteza e leva ele pra bem longe ... ele vai parar numa gruta ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 305*)
- (169) A esquerda da entrada tem uma escada que leva aos andares superiores, e um corredor que à esquerda também possui 3 salas grandes e do lado direito 2 banheiro c/ 2 divisões e mais a biblioteca. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 300*)

Em (167), o SN<sub>SUJ</sub> *que* (= *um carro*) é usado metonimicamente para se referir ao agente da ação de transportar os pacientes – *a* (= *a adolescente Casey Newton*) e *a gente* – para um destino – *para a cidade futurista* e *pro pronto-socorro*. Em (168) e (169), os SN<sub>SUJ</sub> *não representam verdadeiros agentes já que não têm os traços de intencionalidade e controle, característicos do caso Agente*. No primeiro, *uma forte correnteza* se caracteriza como uma força natural capaz de causar o deslocamento do paciente *ele*. No segundo, o Caminho por onde alguém é levado *aos andares superiores* está expresso no *slot* do SUJ, *que* (= *uma escada*), ou seja, o caminho que conduz o Paciente (não explicitado por ser genérico, correspondendo a qualquer pessoa) ao Alvo é *codificado pelo SN<sub>SUJ</sub>*.

Nesse tópico, vimos que a configuração argumental dos VMT que evoca o *frame* Transportar na perspectiva de *Ida* envolve uma cena em que o Paciente é transportado pelo Agente a um lugar. Em termos de EI, esse *frame* reflete, assim como o *frame* Colocar,

experiências de percurso, com foco no Alvo. A ativação do EI por essa estrutura linguística pode resultar em alguns mapeamentos metafóricos, tais como *privilégio é lugar*, *tempo é lugar* e *comportamento é agente causador*, tratados a seguir.

A MC de Transporte com enfoque no destino do movimento pode perfilar a metáfora conceptual *privilégio é lugar*. Nessa linha, o privilégio equivale, por comparação, a um lugar físico onde um indivíduo ou um determinado grupo pode chegar, a exemplo do evento expresso em (170):

- (170) Mas ela tem outro ás na manga ainda: karidja Touré, dona de uma pureza e de uma sensibilidade dramática que, preservadas, podem levá-la a um lugar singular no cinema. (Revistas *On-line*, Veja)

Nesse dado, o que pode LEVAR o referente do SN<sub>OD</sub> *a* (= karidja Touré) a uma posição de destaque no cinema são os atributos da atriz, *pureza e sensibilidade dramática*, que atuam como agente causador. Tais qualidades lhe dão as condições necessárias para ocupar uma posição metafórica, privilegiada, codificada pelo SP *a um lugar singular no cinema*.

A metáfora conceptual *tempo é lugar* também pode subjazer à MC de Transporte. Na perspectiva de Ida, o tempo é concebido como o local para onde o Paciente é transportado. Dessa forma, o SP pode ser usado para demarcar o tempo, tomando um lugar físico como domínio-fonte, conforme se vê a seguir:

- (171) [...] e o doutor ... que é amigo dele ... levou outro jornal para o passado [...] a potência do raio ... levaria o carro para o futuro. (*Corpus D&G Natal*, Fala, p. 185)

Em (171), as duas orações em destaque descrevem metaforicamente o transporte dos pacientes, respectivamente, *outro jornal* e *o carro*, levados, pelo SN<sub>SUJ</sub> *o doutor, para o passado*, e por *a potência do raio para o futuro*, interpretados como locais metafóricos que correspondem ao destino do movimento.

Em algumas instanciações metafóricas da CMT do SE de MCaus que denotam transporte com a perspectiva de Ida, comportamentos podem ser personificados, caracterizando o causador do evento, assim como ocorre em:

- (172) Na idade adulta, o que se viu foi novamente o pai taxista tentando pegar carona na fama da filha a ponto de lançar-se como cantor, atitude que arrastou Amy para uma profunda depressão – tal comportamento de Mitch voltou a ser criticado nos últimos dias pela imprensa inglesa e americana. (Revistas *On-line*, IstoÉ)

Observe que, na oração sublinhada em (172), o SN<sub>SUJ</sub> é a atitude (codificada por *que*) tomada pelo pai do referente do SN<sub>OD</sub> *Amy*, a qual transporta metaforicamente esse paciente para *uma profunda depressão*, portanto, *comportamento é agente causador*. Outra metáfora conceptual também está presente nesse recorte: *estados emocionais são lugares*, considerando que o estado emocional para onde a paciente (*Amy*) é arrastada é um local metafórico.

A seguir, trato dos verbos do *frame* Transporte com a perspectiva de *Volta*.

### 3.1.2.2 Transporte a partir de um ponto de origem

Esse padrão microconstrucional perspectiviza o transporte de um Paciente, tomando como referência um ponto inicial, que nem sempre é explicitado, mas implicado pelo contexto. Relaciona-se com os *frames* Causar Movimento e Transporte, com o sentido básico de que, no discurso, implicam o transporte de algo ou alguém vindo de algum lugar. Dessa forma, espera-se que o foco salientado pela construção no trajeto, em termos de EI, seja a origem do movimento. Verbos como TRAZER (28 *tokens*), BUSCAR (20) e RESGATAR (14), ilustrados a seguir, fazem parte dessa classe.

(173) Todos nós trouxemos uma mochila, dentro dessas mochilas havia mais comida do que utensílios pessoais. (*Corpus D&G Natal, Escrita*, p. 315)

(174) Ano passado, o Brasil teria um plebiscito na eleição e nós sozinhos fomos buscar a Marina, o que de melhor a gente podia ter no nosso time. (*Revistas On-line, Veja*)

(175) Apesar de já sair em tamanha vantagem, Christian, muito prudente, faz o que pode para impressionar Ana: leva-a em passeios noturnos de helicóptero (e com que júbilo ele a prende no assento com o cinto de segurança), dá a ela um carro esporte, resgata-a de uma balada na qual bebeu demais – e, quando ela se dobra para vomitar, sua reação imediata é segurar-lhe o cabelo, marca de um legítimo cavalheiro. (*Revistas On-line, Veja*)

Esses eventos consistem no deslocamento de um Agente $\leftrightarrow$ , que transporta um Paciente, para um dado local, evidenciando o movimento de volta. O SN<sub>SUJ</sub> é, prototipicamente um ser animado, como *todos nós*, em (173), e *nós* (174). O Paciente, codificado pelo SN<sub>OD</sub>, aponta para objetos ou seres vivos transportados no evento descrito, como *uma mochila* (173), *a Marina* (174) e *a* (= Ana), em (175). Informações contextuais facilitam a inferência do local de origem do movimento, fato que contribui para a omissão do SP em orações dessa natureza, como se observa nos dados (173) e (174). Já em (175), o ponto de onde se resgata o referente do SN<sub>OD</sub> é explicitado pelo redator do texto, o SP *de uma balada*. Em casos como esse, o evento *balada*

é metaforizado como espaço (local da balada), dada a relação metonímica que há entre ambos.

Em resumo, a MC de Transporte perfila eventos de deslocamento, nos quais uma entidade transporta a outra. Trata-se de um padrão semântico-sintático que aciona, em termos cognitivos, o EI de Trajetória, com foco em algum lugar do percurso. A seguir, apresento o SE de MPerc que tem AGT SN<sub>SUJ</sub> ↔, mas não PAC SN<sub>OD</sub>.

### 3.2 SUBESQUEMA DE MOVIMENTO PERCORRIDO

O SE de MPerc recruta VMT complementados por LOC SN<sub>OD</sub>, descrevendo o percurso de um AGT SN<sub>SUJ</sub> ↔. É o segundo mais produtivo no *corpus* examinado, com doze *types* e cento e oitenta e dois *tokens*, conforme a *Tabela 4*.

TABELA 4 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT DO SE DE MOV. PERCORRIDO

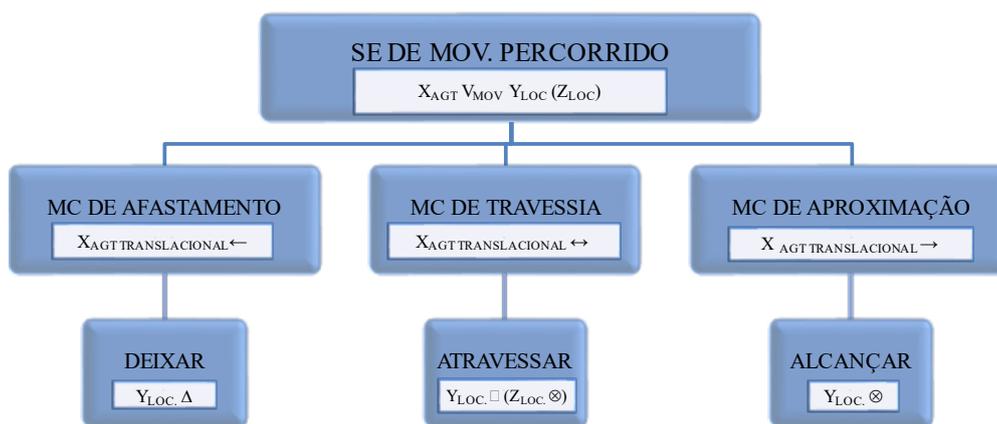
VERBOS ( <i>TYPES</i> )		OCORRÊNCIAS ( <i>TOKENS</i> )			
		FALA	ESCRITA	TOTAL	%
1	DEIXAR	-	36	36	19,78%
2	ATRAVESSAR	8	23	31	17,03%
3	PERCORRER	-	18	18	9,89%
4	PULAR	7	9	16	8,79%
5	SUBIR	6	8	14	7,69%
6	ULTRAPASSAR	-	13	13	7,14%
7	ALCANÇAR	-	12	12	6,59%
8	CRUZAR	-	10	10	5,49%
9	ANDAR	7	2	9	4,95%
10	PASSAR	4	5	9	4,95%
11	DESCER	6	2	8	4,40%
12	CORRER	6	-	6	3,30%
	<b>TOTAL</b>	<b>44</b>	<b>138</b>	<b>182</b>	<b>100,00%</b>

Os verbos DEIXAR e ATRAVESSAR são os mais frequentes, com 19,78% e 17,03% das ocorrências, respectivamente. Esse SE é significativamente mais frequente na modalidade escrita, com cento e trinta e oito *tokens* (76%), contra quarenta e quatro *tokens* (24%) na fala. Essa predominância na modalidade escrita está relacionada à necessidade de se empregar, nos textos, verbos que revelem explicitamente os deslocamentos realizados pelos participantes do evento, a exemplo das peças jurídicas coletadas no JFRN. Em contexto de fala, por outro lado, tais verbos podem ser mais facilmente inferidos.

A estrutura argumental desses verbos é  $[SN_{SUJ/AGT} V_{MOV} SN_{OD/LOC} (SP_{LOC})]$ . O LOC SP tem baixa frequência de uso, uma vez que o  $SN_{OD}$  já especifica uma localização. Os VMT licenciados por esse SE pertencem à classe de verbos de ação, considerando que o movimento efetuado pelo referente do  $SN_{SUJ}$  não provoca mudança de localização do  $SN_{OD}$ .

Esquemáticamente, o SE de MPerc pode se desdobrar em três MC: de afastamento, de travessia e de aproximação, representadas no *Diagrama 3*.

DIAGRAMA 4 - REDE HIERÁRQUICA DO SE DE MOV. PERCORRIDO



O diagrama exibe a rede hierárquica proposta para o SE de MPerc, organizada em três MC. Cada uma delas é definida com base na trajetória realizada pelo Agente e no tipo de Locativo expresso pelo  $SN_{OD}$ . Invariavelmente, nesse tipo de evento, o referente do  $SN_{SUJ}$  tem papel semântico de Agente, que pode se afastar ( $\leftarrow$ ) ou se aproximar ( $\rightarrow$ ) de um ponto de referência, ou atravessar algum espaço com múltiplas possibilidades direcionais ( $\leftrightarrow$ ). As MC de Afastamento, Travessia e Aproximação são caracterizadas, respectiva e prototipicamente, por LOC  $SN_{OD}$  que perspectivizam a Origem  $\Delta$ , o Caminho e o Alvo do movimento  $\otimes$ . Esses locativos representam pontos fixos.

Cognitivamente, os construtos desse SE ativam o EI de Trajetória, destacando pontos do percurso que podem se relacionar com um espaço, uma passagem, uma abertura/portal, entre outros, por onde se realiza o movimento, a exemplo de:

- (176) [...] o garoto já fez a mão assim (inint) aí minha cunhada também viu, aí olhei pra cara dele, meu olhar já disse tudo pra ele (inint) atracessou a rua e foi embora, aí minha mulher: “que isso, que isso”, “ó mulher, num fala nada, segura o Daniel aí!” (Corpus PEUL/RJ)

- (177) Para mim, foi uma daquelas viagens inesquecíveis, como um sonho. Me marcou muito”, avalia o paulistano, que percorreu os Lagos Pehoé e Gray e ainda se aventurou pela Trilha dos Pumas, conhecida também como Trilha dos Pampas. (Revistas *Online*, Caras)
- (178) Mais à frente conseguimos localizar um lugar fantástico. Fica a uns cem metros da pista. Deixamos o carro e subimos uma duna, com vegetação, até o seu topo. Qual não foi a nossa surpresa quando olhamos para baixo e encontramos um bosque de árvores muito altas, algumas sem folhas. (*Corpus D&G Natal*, Escrita, p.169)
- (179) É, nove meses que ela passou de ano dia 16 de dezembro, passou pra 8º série quando foi no dia 23 de dezembro ela teve a “Catherine”. Estudando, descendo o morro tranquila, toda direitinha, toda bonitinha, porque quando a pessoa (inint) ficou andando de lado. (*Corpus PEUL/RJ*)

Em (176) e (177), os referentes do SN<sub>OD</sub> (*a rua e os Lagos Pehoé e Gray*) correspondem ao espaço percorrido horizontalmente pelos referentes do SN<sub>SUJ</sub> ( $\emptyset$  = *o garoto* e *que* = *o paulistano*). Por sua vez, em (178) e (179), a direção do movimento é vertical, considerando que há um deslocamento para cima, SUBIR, no primeiro, e para baixo, DESCER, no segundo. Respectivamente, os SN<sub>OD</sub> *uma duna* e *o morro* correspondem à área por onde os SN<sub>SUJ</sub>, *nós* e *ela* ( $\emptyset$ ), deslocam-se.

As MC deste SE não são prototipicamente triargumentais, mas, quando suas instanciações contêm um SP (elemento Z), este acrescenta ao evento reportado mais uma informação espacial, como em (178). Ainda neste dado, *até o seu topo* especifica o ponto de chegada do movimento. Temos, aqui, um exemplo de herança por instanciação, em que uma dada construção representa um caso especial, ou uma versão mais especificada, de outra: o verbo *subir*, intransitivo, é usado como transitivo.

Na MC de Travessia, veremos que a informação expressa pelo LOC SN<sub>OD</sub> designa algum ponto da trajetória de deslocamento do referente do SN<sub>SUJ</sub>. Quando o Locativo indica o ponto inicial ( $\Delta$ ) ou final ( $\otimes$ ) do movimento, não representando, dessa forma, todo o percurso, temos, respectivamente, as MC de Afastamento e Aproximação, apresentadas nas *Subseções 3.2.2 e 3.2.3*.

### 3.2.1 Microconstrução de Travessia

A MC de Travessia é licenciada pelo SE de MPerc, com o padrão semântico-sintático AGT SN<sub>SUJ</sub> + V<sub>MOV</sub> + LOC SN<sub>OD</sub> + (LOC SP). Semanticamente, distingue-se das demais MC desse SE porque o referente do SN<sub>OD</sub> equivale ao local por onde o referente do SN<sub>SUJ</sub> realiza o Caminho ( ). Em termos cognitivos, sua configuração argumental se relaciona ao

*frame* Atravessar. Nessa perspectiva, as instanciações desse SE ativam o EI de Trajetória e podem enfatizar diferentes pontos do caminho presentes no evento de movimento, como os apresentados a seguir.

### 3.2.1.1 Área

O LOC SN<sub>OD</sub> descrito como área corresponde a um espaço de amplo alcance por onde o Agente pode se mover em diversas direções. Vejamos o exemplo correspondente na oração em destaque:

- (180) Quem percorre o interior do Maranhão se surpreende com a quantidade de esqueletos de grandes obras abandonadas e expostas ao tempo. (Revistas *On-line*, IstoÉ)

Observe que o SN<sub>OD</sub> *o interior do Maranhão* diz respeito a uma extensa área que não se constitui em lugar de passagem propriamente dito, ou seja, construído com a finalidade de ser um Caminho. Localidades, regiões, mares, morros, serras, florestas são alguns dos elementos que assinalam área com os verbos ANDAR, ATRAVESSAR, PASSAR, PERCORRER, entre outros.

A partir dessa experiência, podemos estender esse sentido para outros domínios conceptuais, compreendendo metaforicamente o corpo como uma área que se pode percorrer, tal como ilustra a oração em (181).

- (181) Eu conseguia perceber a respiração agitada no dia a dia e até tenho a impressão de sentir imediatamente os efeitos nefastos dos hormônios do estresse percorrendo meu corpo quando me vejo numa situação indesejada. (Revistas *On-line*, Época)

A oração em destaque aciona a metáfora conceptual *corpo é lugar* ou *corpo é contêiner*, espaço que o referente do SN<sub>SUJ</sub> (*os efeitos nefastos dos hormônios do estresse*) percorre. Desse modo, partes do corpo humano ou a ele relacionadas podem ser interpretadas como locais por onde transitam elementos de natureza diversa, como se vê em (182).

- (182) No trajeto, assimila o que necessita vivenciar na próxima estada - o espírito percorre as dimensões mentais e emocionais e vai conhecendo os desafios que terá de enfrentar na vida nova. (Revistas *On-line*, AnaMaria)

Observe que o SN<sub>SUJ</sub> *o espírito* desloca-se metaforicamente pelo SN<sub>OD</sub> *as dimensões mentais e emocionais*. Esse dado comprova que o corpo humano faz parte de um domínio da experiência que serve de fonte para muitas concepções metafóricas.

### 3.2.1.2 Lugar de passagem

O LOC SN<sub>OD</sub> pode corresponder a um lugar que tem como finalidade principal possibilitar o trânsito de pessoas ou coisas, mais restrito que a área, com menor abrangência espacial, a exemplo das ocorrências a seguir:

- (183) Pra você sai de Niterói de carro, você tem que atravessá a ponte evidentemente, né? Agora, num sei. E lá [por]... por Magé? Parece que antigamente passava também, quando num tinha ponte; hoje tem a ponte, então tem que atravessá a ponte Rio-Niterói e sai na Avenida Brasil. (*Corpus PEUL/RJ*)

Os SN<sub>OD</sub> *a ponte e a ponte Rio-Niterói* dos eventos destacados em (183), que identificam a mesma entidade, constituem-se em um lugar de passagem, por onde o referente do SN<sub>SUJ</sub> *you* realiza o trajeto. Avenidas, ruas, pistas, naves (de igreja), passarelas, ladeiras, escadas e rampas são alguns dos possíveis elementos que podem desempenhar esse papel semântico, como argumento interno dos verbos ATRAVERSSAR, CRUZAR, DESCER e SUBIR.

É possível ainda que o LOC SN<sub>OD</sub> codifique o tempo em termos de lugar, como na oração destacada em (184):

- (184) Andava o dia todo debaixo de um sol de 45°C, molhado de suor, carregando mais de 30 quilos de equipamento e, de tempos em tempos, se protegendo de atiradores. (*Revistas On-line, Veja*)

Essa estrutura ativa a metáfora conceptual *tempo é lugar*, na qual o LOC SN<sub>OD</sub> *o dia todo* representa metaforicamente o Caminho por onde *o fuzileiro naval* andou.

### 3.2.1.3 Distância percorrida

O LOC SN<sub>OD</sub> da MC de Travessia também pode representar a distância percorrida pelo agente da ação, conforme se vê em (185).

- (185) Nós sentamos sobre essa ... mais à frente ... entramos mais um pouco depois dessa duna e andamos um pouco mais é ... mais de cinquenta metros ... e ... sentamo-nos próximos a uma vegetação de uns três metros de altura ... (*Corpus D&G Natal, Fala*, p. 122)

Observe que o SN<sub>OD</sub> *um pouco* e *mais de cinquenta metros* diz respeito à distância percorrida, ao mesmo tempo em que pode quantificar o percurso realizado pelo SN<sub>SUJ</sub> *nós* (Ø). Trata-se de um complemento circunstancial codificado como OD. Nesse caso, temos um *link* de herança por instanciação, uma vez que o verbo *andar*, geralmente intransitivo, é usado aqui num padrão transitivo. Expressões como *x quilômetros*, *x metros*, *a distância entre x e y* são complementos diretos comuns com VMT como ANDAR, ATRAVESSAR e PERCORRER. Visto que ANDAR significa mover-se por conta própria, dar passos (BORBA, 1996), temos um caso em que o próprio verbo implica o modo de deslocamento.

Na perspectiva desse *frame*, pode haver um complemento circunstancial codificado como OD, como em (186).

- (186) [...] quando a bilheteria da estreia americana de Vingadores [...] for computada, o longo inverno que a Marvel atravessou um dia vai recuar ainda mais na memória. (*Revistas On-line, Veja*)

Nesse caso, *o longo inverno* é um período que relaciona metaforicamente o tempo (abstrato) em termos de lugar (concreto), refletindo a metáfora conceptual *tempo é lugar*.

#### 3.2.1.4 Limite demarcado

O LOC SN<sub>OD</sub> pode referir-se a pontos ou linhas que demarcam espaços, limites ou fronteiras em uma dada área, conforme ilustro em (187).

- (187) “Quando cruzei a linha de chegada, eles gritavam ‘Senna, Senna’. Foi de arrepiar”, vibrou o sobrinho do tricampeão de F1 Ayrton Senna (1960-1994) ao concluir sua primeira corrida em sua terra natal. (*Revistas On-line, Caras*)

O SN<sub>OD</sub> *a linha de chegada* exemplifica esse tipo de locativo, indicando o local cruzado pelo referente do SN<sub>SUJ</sub> Ø = *eu* (*o sobrinho do tricampeão de F1 Ayrton Senna*). As orações com os verbos ATRAVESSAR, CRUZAR e ULTRAPASSAR, na perspectiva desse *frame*, enfatizam esse ponto do trajeto do EI acionado.

Em algumas amostras, o limite demarcado pode ser concebido de forma abstrata, visto que ULTRAPASSAR não é usado como um verbo de ação-processo que indica movimento concreto, como se vê em:

- (188) Culpabilidade: circunstância favorável, uma vez que o acusado não agiu com dolo que ultrapasse os limites da norma penal. (Banco de Sentenças/JFRN)
- (189) Mas como diferenciar os ensaios que provocam reflexão daqueles que causam desconforto? Saber que é uma criança logo de cara, ao olhar a foto, talvez seja um bom critério para separar as fotos bacanas das que ultrapassam o limite do bom gosto. (Revistas *On-line*, Época)

Os SN<sub>OD</sub> *os limites da norma penal*, em (188), e *o limite do bom gosto* (189) que complementam o verbo ULTRAPASSAR fazem referência, respectivamente, a uma linha subjetiva que mostra até onde a atitude do acusado se configura como crime e a uma linha que divide a região *das fotos* consideradas bacanas das que estão fora dessa classificação, portanto de mal gosto. Para Borba (2002), nessa acepção (*exceder os limites*), ULTRAPASSAR consiste em um verbo de processo que toma um nome abstrato como complemento.

### 3.2.1.5 *Obstáculo*

O Locativo SN<sub>OD</sub> pode representar ainda um obstáculo que exige maior esforço do referente do Agente para atravessá-lo. Ilustro com o destaque do seguinte excerto:

- (190) [...] às vezes até na rua e depois a gente invadia a piscina pra tomá um banho, todo mundo suado e tal, pulava a grade, pulava o muro, mais pela emoção do que o próprio banho de piscina, banho de piscina, eu tinha a minha garagem ali, eu podia botá uma mangueira, molhá todo mundo. (*Corpus PEUL/RJ*)

Os SN<sub>OD</sub> *a grade* e *o muro* não expressam um local de passagem, mas um obstáculo no percurso do SN<sub>SUJ</sub> Ø (= *a gente*). Rochas, cercas e buracos são outros elementos encontrados como SN<sub>OD</sub> de verbos como ATRAVESSAR, PULAR e ULTRAPASSAR. Vale notar que, assim como ANDAR, o verbo PULAR, com a acepção de *transpor de um pulo, saltar* (BORBA, 2002) expressa em sua própria raiz o modo como o movimento se realiza.

Outros casos de obstáculos, dessa vez, abstratos, podem ser vistos nos fragmentos a seguir. Neles, os SN<sub>OD</sub> *barreiras* e *a* (= *barreira*) expressam impedimentos à realização da ação de ULTRAPASSAR no sentido de *transpor*.

- (191) Edward McKeon, chefe americano sobre assuntos consulares no México, disse que ele está focando-se em tornar a passagem legal para os Estados Unidos mais fácil, como um esforço para prevenir pessoas de desistirem e partirem ilegalmente. Ele tem até ajudado aqueles que eram anteriormente ilegais a ultrapassar as barreiras para entrar nos Estados Unidos. “Se as pessoas estão tentando fazer a coisa certa”, disse Mackeon, “precisamos enviar um sinal de que serão recompensadas”. (Revistas *On-line*, Veja)
- (192) Paola entrou e arrasou. “Quando você balança diante de uma barreira muito difícil, retoma a coragem e consegue ultrapassá-la, parece que a vitória tem valor ainda maior.”. (Revistas *On-line*, Cláudia)

Vale observar que o SN *as barreiras* em (191) também pode ser interpretado como um lugar físico (concreto), se consideramos a existência de muros e zonas divisórias que buscam impedir a entrada sem autorização de estrangeiros nos Estados Unidos.

Conforme visto, as instanciações da MC de Travessia podem perspectivizar diferentes representações de Caminho no *slot* do SN<sub>OD</sub> que, por sua vez, correspondem a pontos específicos do EI ativado, previstos no escopo do *frame* Atravessar.

### 3.2.2 Microconstrução de Afastamento

A MC de Afastamento é sancionada pelo SE de MPerc. Manifesta-se com um AGT SN<sub>SUJ</sub>↔ e um Locativo que indica a origem do movimento ( $\Delta$ ). Essa MC se caracteriza pelo afastamento ( $\leftarrow$ ) de um ou mais agentes de um local que expressa um ponto de partida. Esse padrão microconstrucional aciona o *frame* Partir. No universo de verbos que correspondem a esse *frame*, o único que identifiquei como transitivo é o verbo DEIXAR (36 *tokens*), empregado com o sentido de afastar-se ou sair de algum lugar. Vejamos:

- (193) Battisti deixou o presídio da Papuda logo após a meia-noite desta quarta-feira. (Revistas *On-line*, Veja)
- (194) Além da expectativa de mudanças no governo, contribui para aumentar o clima de insegurança a falta de informações detalhadas sobre a saúde de Chávez. Quando deixou o país, no dia 5 de junho, ele oficialmente retomava uma agenda interrompida no mês anterior, por conta de uma lesão no joelho. (Revistas *On-line*, IstoÉ)
- (195) A compensação por danos psicológicos deve beneficiar cerca de 150.000 pessoas que tiveram que deixar suas casas, informou nesta quarta-feira a agência de notícias local Kyodo. (Revistas *On-line*, Veja)

Em (193-195), *o presídio da Papuda, o país e suas casas* descrevem pontos de origem de onde os referentes do SN<sub>SUJ</sub>, a saber, *Battisti, Ø (= ele, Chávez) e que (150.000 pessoas)*, afastam-se/partem.

Em termos de EI, como visto, esse tipo microconstrucional foca a origem do movimento, local onde começa a trajetória. A experiência de afastar-se ou partir de lugares possibilita o mapeamento metafórico entre domínios vinculados a esse esquema. Com o VMT DEIXAR, encontrei mapeamentos como *cargo é lugar*. Esta metáfora, perfilada pela MC de Afastamento, permite conceber níveis hierárquicos políticos ou profissionais como um espaço físico, concreto. No contexto discursivo dos dados (196-197), esse lugar é codificado pelo SN<sub>OD</sub>. Os SN<sub>OD</sub> *o poder*, em (196), e *o primeiro escalão da empresa*, em (197), são tratados metaforicamente como lugares dos quais o ditador e o diretor, respectivamente, podem retirar-se.

(196) As declarações do emissário só comprovam que, apesar do otimismo que alguns países insistem em alimentar, o ditador permanece firme em sua resistência na Líbia e nem cogita a possibilidade de deixar o poder. (Revistas *On-line*, Veja)

(197) Com a escolha de Tito Martins para comandar a Vale, um nome quase certo na diretoria da empresa é o de Gabriel Stoliar. Ele deixou o primeiro escalão da empresa por divergências com Roger Agnelli. (Revistas *On-line*, IstoÉ)

A metáfora conceptual *tempo é lugar* também pode ser acionada em construtos da MC de Afastamento, como no seguinte recorte:

(198) Veja como deixar o passado no devido lugar e abra-se para uma nova relação. (Revistas *On-line*, AnaMaria)

Observe como o tempo, em (198), codificado pelo SN<sub>OD</sub> *o passado*, pode ser concebido como um lugar de onde o leitor pode afastar-se. O SP *no devido lugar* também é um recurso metafórico que reforça a ideia de que o tempo é concebido como espaço físico, concreto.

Na próxima subseção, trato do padrão microconstrucional que conceitualiza o SN<sub>OD</sub> com polaridade inversa a essa, uma vez que o Alvo agora passa a ser o traço mais saliente da trajetória, imagetivamente perfilado.

### 3.2.3 Microconstrução de Aproximação

Correspondendo ao padrão [SN<sub>SUJ/AGT</sub> V<sub>MOV</sub> SN<sub>OD/LOC</sub>], a MC de Aproximação expressa o deslocamento do SN<sub>SUJ</sub> em direção a um alvo (⊗) codificado pelo SN<sub>OD</sub>. Nesses termos,

quando o ponto de chegada do deslocamento é codificado por um SN<sub>OD</sub>, o *frame* evocado é *Chegar*. Assim como as demais MC, essa aciona o EI de Trajetória, dessa vez com foco no Alvo, já que destaca o movimento de Ida.

Entre os verbos<sup>20</sup> que representam esse *frame*, identifiquei apenas um VMT: ALCANÇAR (12 *tokens*), empregado com o sentido de *chegar até* (BORBA, 2002). Na condição de argumento interno desses verbos, o SN<sub>OD</sub> indica o locativo ponto de chegada em (199):

- (199) Milkau acredita que alcançou a ‘terra prometida’, ou melhor, Canaã, o paraíso oferecido por Deus ao patriarca Abraão, história presente no Antigo Testamento. (Revistas *On-line*, IstoÉ)

O SN<sub>OD</sub> *a ‘terra prometida’* aponta para uma região a que o Agente SN<sub>SUJ</sub> *Milkau* (= *que*) chegou.

Logo, a MC de Aproximação perfila eventos de deslocamento que perspectivizam, em termos de EI, o Alvo para onde o Agente se move. A experiência de aproximar-se de ou chegar a lugares possibilita falar metaforicamente de circunstâncias mais abstratas. Elenco duas possibilidades: *propriedades são lugares* e *estados são lugares*, respectivamente exemplificados:

- (200) Segundo a jurisprudência da Corte “o princípio da insignificância, cujo escopo é flexibilizar a interpretação da lei em casos excepcionais, para que se alcance o verdadeiro senso de justiça, não pode ser aplicado para abrigar conduta cuja lesividade transcende o âmbito individual e abala a esfera coletiva”. (Banco de Sentenças/JFRN)
- (201) Mas os últimos apagões, como o de quinta-feira em São Paulo, têm feito o consumidor questionar a eficiência dos investimentos. De 2005 para cá, os indicadores de qualidade pioraram. Em 2009, alcançaram o pior patamar desde 1999. (Revistas *On-line*, Época)

Em (200), o SN<sub>OD</sub> *o verdadeiro senso de justiça*, é uma propriedade, uma faculdade interpretada metaforicamente como um lugar a que se pode chegar. Ao passo que o domínio conceptual *estados são lugares* pode ser perspectivizado nas instanciações da MC de Aproximação, como se vê em (201). Observe que o SN<sub>OD</sub> *o pior patamar* categoriza a qualidade insatisfatória da energia fornecida em São Paulo.

Logo, os construtos que realizam a MC de Aproximação podem perspectivizar o ponto de chegada do caminho no *slot* do SN<sub>OD</sub>, que, por sua vez, exprime o Alvo do EI evocado.

---

20 Os demais verbos do *frame* *Chegar* são seguidos de complementos preposicionados, a exemplo de chegar, entrar, retornar, vir, voltar etc.

### 3.3 SUBESQUEMA DE MOVIMENTO ASSOCIADO

O SE de MAssoc é assim denominado porque descreve o movimento de um Agente→ junto a um Coagente (COAGT), classificado no FrameNet como *cotheme*. Trata-se, dessa forma, de um SE que licencia orações que têm um participante associado ao movimento, codificado pelo SN<sub>OD</sub>. É o SE menos produtivo, com apenas quatro *types* distribuídos em cinquenta e um *tokens*, conforme demonstrado na *Tabela 5*

TABELA 5 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT DO SE DE MOV. PERCORRIDO

VERBOS ( <i>TYPES</i> )		OCORRÊNCIAS ( <i>TOKENS</i> )			
		FALA	ESCRITA	TOTAL	%
1	ACOMPANHAR	6	22	28	54,90%
2	SEGUIR	6	4	10	19,61%
3	PERSEGUIR	-	8	8	15,69%
4	CONDUZIR	-	5	5	9,80%
	<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>39</b>	<b>51</b>	<b>100%</b>

O verbo ACOMPANHAR é o mais frequente, com mais da metade das ocorrências, 54,90%. Ele é mais frequente na modalidade escrita, com trinta e nove *tokens* (76%). Apenas o VMT SEGUIR foi mais usado na fala. Já os verbos PERSEGUIR e CONDUZIR não ocorreram nessa modalidade. A predominância de ACOMPANHAR deve-se ao fato de ele ser um verbo tipicamente relacionado a cenas de movimento conjunto em diferentes contextos: companhia, viagem, caminhada etc., ao passo que os outros três verbos descrevem eventos mais específicos, como ocorrências policiais e perseguições.

A estrutura argumental desses verbos se organiza como [SN<sub>SUJ/AGT</sub> V<sub>MOV</sub> SN<sub>OD/COAGT</sub> (SP<sub>LOC</sub>)]. O SP, quando expresso, codifica o Alvo (⊗) para onde os participantes SUJ e OD se movem no evento. Os VMT sancionados por esse SE pertencem à classe de verbos de ação, considerando que não há paciente afetado, uma vez que os referentes do SN<sub>SUJ</sub> e do SN<sub>OD</sub> realizam o trajeto de modo autônomo, sem interferência direta (emprego de força) de um sobre o outro.

O SE de MAssoc desdobra-se, esquematicamente, em duas MC: *movimento paralelo* e *movimento seguido*, ilustradas no diagrama a seguir.

DIAGRAMA 5 - REDE HIERÁRQUICA DO SE DE MOV. ASSOCIADO



O Diagrama 4 exibe a rede hierárquica do SE de MAssoc, na qual destaco o ponto da trajetória perspectivizado pelo EI acionado pelos construtos desse SE. Ele se desdobra em duas MC, cada uma delas definida com base no tipo de deslocamento que os participantes realizam, os quais implicam dois modos de movimento: paralelo ( $\_ \rightarrow$ ) ou seguido ( $\rightarrow \rightarrow$ ). Nessa linha, o referente do  $SN_{SUI}$  tem papel semântico de Agente ( $\rightarrow$ ) enquanto o referente do  $SN_{OD}$  pode mover-se juntamente com o Agente ou segui-lo. Os VMT prototípicos para cada um desses tipos de movimento são ACOMPANHAR e SEGUIR. O SP, representado por Z, codifica o Alvo ( $\otimes$ ) para onde os participantes se movem.

Desse modo, no domínio cognitivo, as orações desse SE acionam o EI de Trajetória e focalizam o destino para onde os participantes do evento se deslocam. Nesse cenário, o Coagente do evento pode ser a entidade que acompanha ou segue o Agente, respectivamente, destacados em (202) e (203).

- (202) O acusado Ronaldo Cardoso procurou o denunciado Pedro Martins para que este providenciasse um alvará falso em seu favor, para fins de recebimento dos valores depositados na conta de FGTS de sua tia falecida, tendo aquele aceitado o serviço, providenciado a falsificação do alvará e cobrado ao acusado Ronaldo Cardoso alguma quantia para fazê-lo, bem como para acompanhar esse último até a agência da CAIXA. (Banco de Sentenças/JFRN)

- (203) [...] o cara ... que tinha se acidentado apareceu de novo né ... chamando ele pra ir lá no cemitério o cara ... tinha um negócio pra mostrar né ... aí foi e seguiu né ... aí ele à noite né sozinho ... botou lá um agasalho ... tava muito frio ... aí foi aí seguiu o cara né ... seguiu o cara ... ele tava sempre assim um pouco de longe ... uma certa distância ... aí seguiu até lá em cima né ... e ele tinha que fazer uma viagem ... uma viagem ... é ... parece que era ... pra ... Nova Iorque ... e:: no momento não tinha motorista ... pra seguir-lo ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 239*)

Os SP *até a agência da CAIXA*, em (202), e *até lá em cima* (203) correspondem ao ponto final do evento descrito nas orações. Os dados aponta para uma grande ocorrência de coagentes, referentes do SN<sub>OD</sub>, codificados como pronomes, como *-lo* (= cara). Isso significa que esses coagentes constituem um subtópico discursivo, ou tópico secundário, ao lado do SN<sub>SUJ</sub>, tópico primário. Conforme Givón (1984), a principal manifestação de tópicos importantes no discurso é a continuidade. A possibilidade de referência anafórica do OD reflete sua topicidade e sua natureza informacional dada.

Com relação aos dois modos de movimento, estes são detalhados pelas MC de Movimento Paralelo e de Movimento Seguido.

### 3.3.1 Microconstrução de Movimento Paralelo

A MC de Mov. Paralelo decorre do SE de MAssoc. Os verbos licenciados por essa MC têm como principal característica a participação de um SN<sub>SUJ</sub> translacional (→) e um SN<sub>OD</sub> com papel semântico de Coagente, cujo referente se move de modo associado, paralelo ou relativamente próximo (↔) ao referente do SN<sub>SUJ</sub>. Esse padrão atualiza o *frame* Acompanhar, no sentido de deslocamento compartilhado rumo a uma mesma direção. Nesse aspecto, os VMT ACOMPANHAR e CONDUZIR são recrutados por esse modelo. Vejamos:

- (204) Por sua vez, a [...] funcionária dos Correios, disse que o assalto ocorreu no início da tarde e que, na ocasião, estava no guichê de atendimento quando percebeu que um homem acompanhou RAIMUNDO quando este se dirigia a parte interna da agência para pegar um documento de um cliente. (Banco de Sentenças/JFRN)
- (205) Em seguida, o denunciado conduziu o vigilante ao banheiro, onde ordenou que lhe entregasse seu celular, sua mochila e o colete balístico. (Banco de Sentenças/JFRN)

Nos dados analisados, a entidade representada pelo SN<sub>OD</sub>, tipicamente humana, é acompanhada ou conduzida pelo AGT SN<sub>SUJ</sub>. Nas instanciações do SE de MAssoc, tanto o referente do SUJ quanto do OD são seres humanos. É o que acontece em (204) – *um homem* e *RAIMUNDO* – e, em (205) – *o denunciado* e *o vigilante*. Essa MC projeta eventos de

deslocamento que perspectivizam, em termos de EI, o Alvo para onde o Agente e o Coagente se movem, identificados em tais eventos por *a parte interna da agência e ao banheiro*.

Em termos metafóricos, identifiquei construtos dessa MC que evocam a metáfora conceptual *estados (emocionais) são lugares*, como em:

- (206) Portanto, a obtenção da vantagem indevida deve-se ao fato de o agente conduzir o ofendido ao engano ou quando deixa que a vítima permaneça na situação de erro na qual se envolveu sozinha. (Banco de Sentenças/JFRN)
- (207) Depois de conduzir a empresa à maturidade, uma tarefa que consumiu uma década, o experiente executivo de 56 anos devolvia, assim, a gestão do gigante ao cofundador Larry Page, de 37. (Revistas *On-line*, Veja)

Observe que as orações em destaque em (206-207) têm sentido metafórico, em que o verbo CONDUZIR é empregado com o sentido de *induzir* (BORBA, 2002). O domínio-fonte desse mapeamento toma o SP da construção, *ao engano*, em (206), como um lugar abstrato ao qual o SN<sub>OD</sub> *o ofendido* é conduzido pelo SN<sub>SUJ</sub> *o agente*. Da mesma forma, em (207), o SN<sub>OD</sub> *a empresa* também é metaforicamente conduzida *à maturidade*, estado tomado como um lugar.

### 3.3.2 Microconstrução de Movimento Seguido

A MC de Mov. Seguido se diferencia, semanticamente, da MC anterior porque o Agente e o Coagente não se deslocam juntos, mas um segue o outro. Essa MC também reflete o *frame* Acompanhar, mas com o sentido de perseguir, ir ao encalço de alguém, realizado pelos VMT SEGUIR e PERSEGUIR. Vejamos:

- (208) [...] o cara ... que tinha se acidentado apareceu de novo né ... chamando ele pra ir lá no cemitério o cara ... tinha um negócio pra mostrar né ... aí foi e seguiu né ... aí ele à noite né sozinho ... botou lá um agasalho ... tava muito frio ... aí foi aí seguiu o cara né ... seguiu o cara ... ele tava sempre assim um pouco de longe ... uma certa distância ... aí seguiu até lá em cima né ... ... e ele tinha que fazer uma viagem ... uma viagem ... é ... parece que era ... pra ... Nova Iorque ... e:: no momento não tinha motorista ... pra seguir-lo ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 29)
- (209) No correr dos três dias seguintes, Furiosa, Max e Nux vão ora se opor, ora se unir, enquanto as patrulhas que os perseguem crescem em número e cólera. (Revistas *On-line*, Veja)

Nesses dados (208-209), as entidades representadas pelos  $SN_{OD}$  são (per)seguidas pelos referentes dos  $SN_{SUJ}$ . Ambos são tipicamente humanos: os agentes *ele* ( $\emptyset$ ) e *as patrulhas* (per) seguem os coagentes *o cara* e *os* (Furiosa, Max e Nux). Imageticamente, cada uma dessas cenas implica que tais participantes se movem um atrás do outro. Logo, essa MC representa eventos de deslocamento que perspectivizam, em termos de EI, algum ponto da trajetória, a exemplo *de até lá em cima*, Alvo ( $\otimes$ ) codificado pelo SP.

Vale ressaltar que as duas MC do SE de MAssoc evocam, segundo a classificação do FrameNet, o *frame cothema* (cf. *Subseção 2.2.3.8*). No entanto, optei por subdividir esse frame em duas perspectivas: uma que se relaciona com a noção de acompanhamento (MC de Mov. Paralelo) e outra com a noção de perseguição (MC de Mov. Seguido), já que identificam modos distintos de movimento.

No próximo capítulo, apresento um panorama composicional e conclusivo da construção de movimento transitivo, contabilizando percentualmente as propriedades relacionadas às CMT, conforme os nós construcionais identificados na rede.

---

---

# QUARTO CAPÍTULO

---

---

## 4 PANORAMA COMPOSICIONAL E CONCLUSIVO DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO TRANSITIVO

No capítulo anterior, vimos que o esquema superordenado [SN<sub>SUJ</sub> V<sub>MOV</sub> SN<sub>OD</sub> (SP)] incide em uma estrutura complexa cujos *slots* podem acomodar diferentes papéis semânticos. Em suas ramificações, os SE podem perfilar um número significativo de *frames* que, por sua vez, relacionam-se com os EI de Contêiner e de Trajetória. Mesmo que algumas posições dessa configuração não sejam preenchidas linguisticamente, o sentido de EMT pode se manter. Em outras palavras, a semântica da construção em si assegura a identificação de determinados *frames*, enquanto os EI, em termos de estrutura cognitiva, apontam o traço focalizado do trajeto.

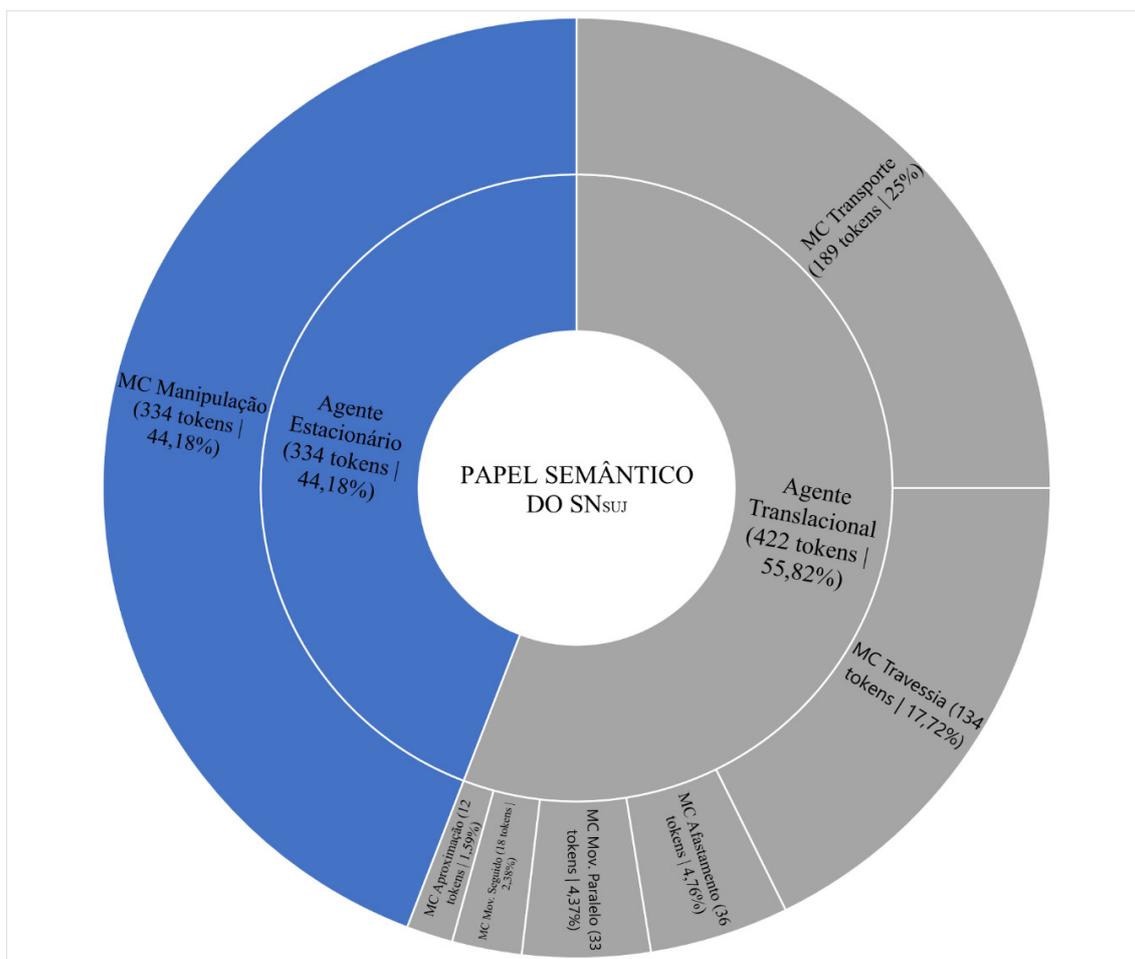
A proposta de classificação e organização de uma rede construcional para a construção com VMT, aqui apresentada, considerou as diversas combinações semântico-sintáticas de seus argumentos, tendo como alicerce o princípio básico da GC de que a língua é um conjunto organizado de construções, pareamentos de forma e significado.

A configuração argumental AGT SN<sub>SUJ</sub> + VMT + PAC SN<sub>OD</sub> + Loc SP mostrou-se prototípica apenas para o SE de M<sub>Caus</sub>. O mapeamento das instâncias do esquema superordenado revelou que o papel de Agente atribuído ao SN<sub>SUJ</sub> e o de Locativo ao SP é compartilhado em toda a rede. Contudo, o afastamento do exemplar prototípico está centrado no papel do SN<sub>OD</sub>, uma vez que esse argumento interno é constituído semanticamente de um Locativo no SE de M<sub>Perc</sub> e de um Coagente no SE de M<sub>Assoc</sub>.

Como visto, a CMT é dotada de alta composicionalidade. Por isso, o significado das orações que a instanciam é interpretado com base no significado de seus constituintes. Se tomarmos os sintagmas individuais que compõem essas orações, veremos que cada um deles converge em termos semântico-sintáticos, já que: o SN<sub>SUJ</sub> tem papel semântico de Agente; o SN<sub>OD</sub> desempenha o papel de Paciente, Locativo ou Coagente, a depender do SE em que ocorre; e o SP é um Locativo. Desse modo, forma e significado correspondem entre si.

De modo mais específico, como essa correspondência se manifesta para cada um dos três argumentos? No *Gráfico 3*, apresento, inicialmente, os dois tipos de AGT SN<sub>SUJ</sub>, instanciados pelos VMT das respectivas MC.

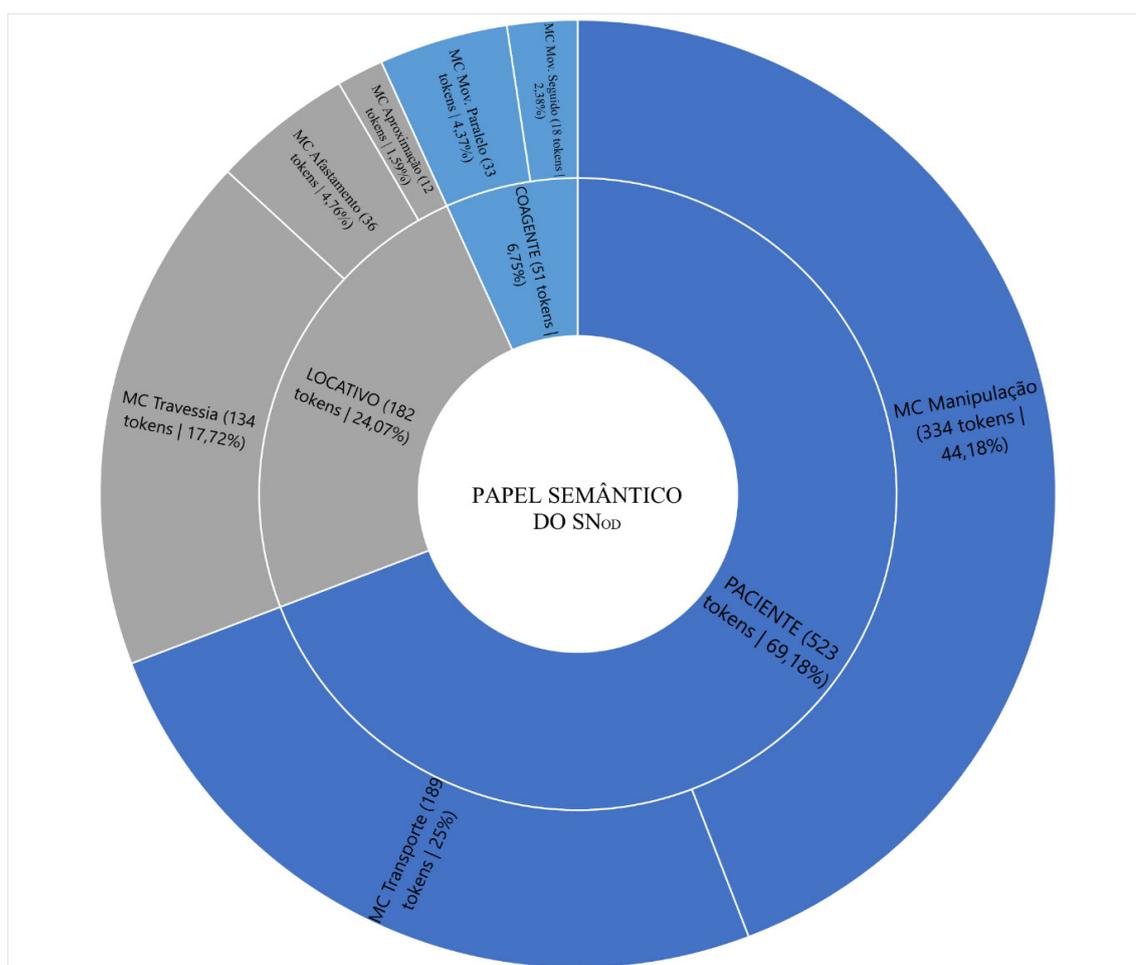
GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO DO PAPEL SEMÂNTICO DO SN<sub>SUJ</sub>



O AGT SN<sub>SUJ</sub> do tipo Translacional é o mais frequente nas orações coletadas, com 55,82% dos *tokens*. Isso se deve ao fato de que ele está presente nos eventos que descrevem o deslocamento ( $\leftrightarrow$ ) do SUJ de um lugar para outro, representado de modo mais significativo pelas MC de Transporte (25%) e Travessia (17,72%), seguidas, respectivamente, pelas MC de Afastamento (4,76%), Mov. Paralelo (4,37%), Mov. Seguido (2,38%) e Aproximação (1,59%). Já o AGT SN<sub>SUJ</sub> do tipo Estacionário, aquele que não se desloca ( $\bar{\tau}$ ) mas causa o deslocamento do Paciente, é responsável por 44,18% das ocorrências e está presente apenas nas instanciações da MC de Manipulação, considerando que nas outras MC o Agente se desloca transportando um Paciente de, por ou para algum lugar.

Quanto ao SN<sub>OD</sub>, consta no *Gráfico 4* os três papéis semânticos que ele pode desempenhar:

GRÁFICO 4 - DISTRIBUIÇÃO DO PAPEL SEMÂNTICO DO SN<sub>OD</sub>

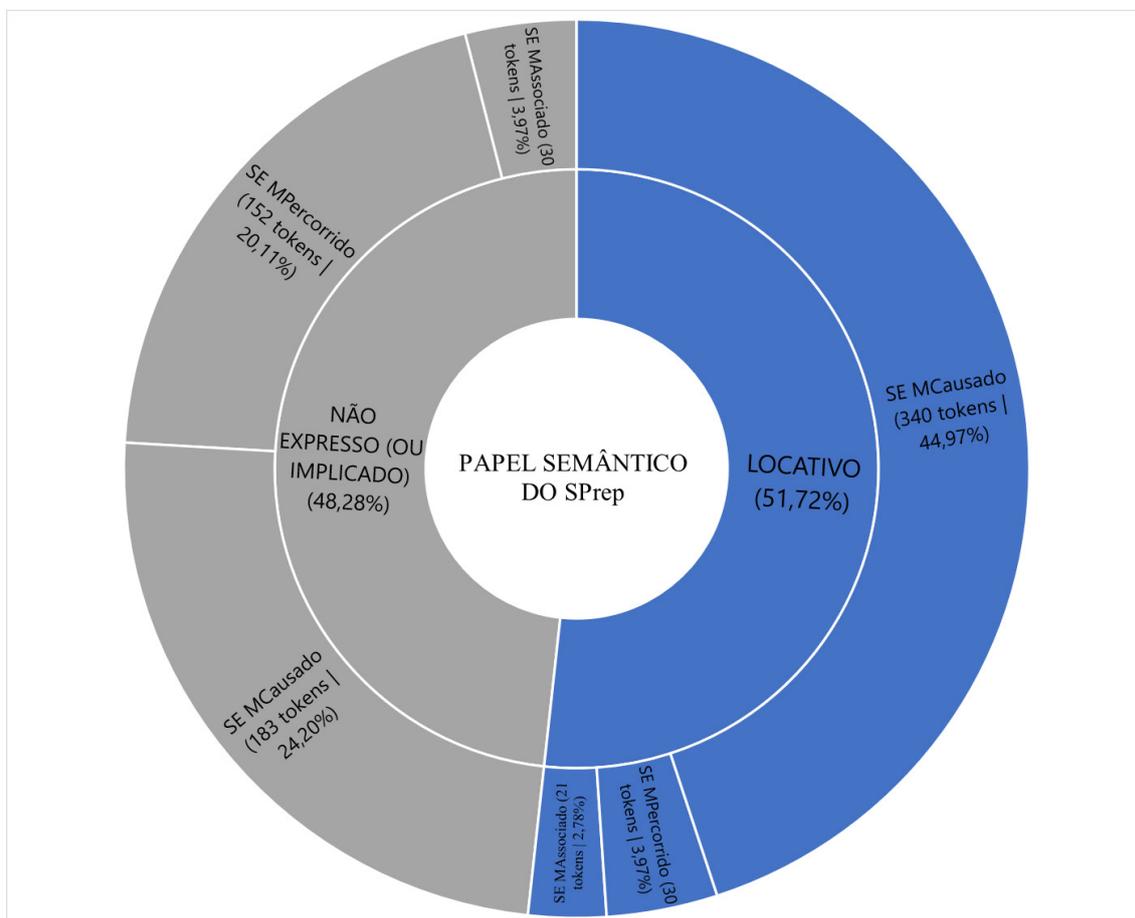


O PAC SN<sub>OD</sub> é significativamente o mais frequente nas orações coletadas, com 69,18% dos *tokens*. Isso quer dizer que os EMT que correspondem à manipulação (44,18%) e transporte (25%) do Paciente são mais recorrentes, no *corpus* investigado, do que os EMT que linguisticamente comportam LOC SN<sub>OD</sub> ou Coagentes SN<sub>OD</sub>.

Ratifica-se, assim, a informação do *Gráfico 2*, ao quantificar eventos de manipulação e transporte como mais recorrentes que os demais eventos perfilados pelos SE de MPerc e MAssoc. Em segundo lugar, o SN<sub>OD</sub> com papel semântico de Locativo é responsável por 24,07% dos *tokens* e ocorre nas instanciações das MC do SE de MPerc: na MC de Travessia (17,72%), representa o local por onde o Agente se translada; na MC de Afastamento (4,76%), diz respeito ao ponto de origem e na MC de Aproximação (1,59%), ao alvo para onde se dirige o Agente. No português, o papel de locativo é geralmente codificado por um SPrep (cf. *Gráfico 5*). O COAGT SN<sub>OD</sub> (6,75%) é o menos representativo e está relacionado à entidade acompanhada (MC de Mov. Paralelo, 4,37%) ou seguida (MC de Mov. Seguido, 2,38%) pelo AGT SN<sub>SUJ</sub>. Ressalto que, em aproximadamente 15% das ocorrências coletadas, os SN<sub>OD</sub> foram representados metonimicamente ou desempenharam funções circunstanciais.

Com relação ao SP, este argumento é previsto na moldura prototípica do EMT, uma vez que – ainda que não explicitado – pode estar implicado ou ser recuperado no contexto. Ele não foi expresso em quase metade das ocorrências coletadas (48,28%), conforme demonstrado no *Gráfico 5*.

GRÁFICO 5 - DISTRIBUIÇÃO DO PAPEL SEMÂNTICO DO SP



Nos outros 51,72% dos dados, o SP desempenha prototipicamente o papel de Locativo. A necessidade comunicativa dos interlocutores de explicitarem os locais de ou para onde os pacientes se movem ou se transportam faz com que o SP seja realizado nos construtos do SE de Mcaus. As orações com SP que caracterizam esse SE são quase o dobro (340 *tokens*) das que não apresentam esse sintagma locativo (183). Por sua vez, as orações do SE de MPerc e MAssoc podem (30 e 21, respectivamente) ou não (152 e 30, respectivamente) ter SP.

Esses três gráficos compendiam as propriedades semântico-sintáticas da CMT, com base no funcionamento de cada um dos argumentos do VMT nos *corpora* examinados, juntamente com a dimensão cognitiva expressa pelas orações, com base nos *frames* e nos EI ativados por cada um dos SE (e suas MC) analisados.

Em síntese, a ação do referente do  $SN_{SUJ}$  como Agente $\bar{T}$ , ou seja, que manipula o OD com parte de seu corpo, mostrou-se frequente, como argumento dos VMT COLOCAR, BOTAR

etc, no entanto, este papel está relacionado apenas à MC de Manipulação. Nas outras seis MC, esse constituinte foi preenchido por agentes translacionais – que se deslocam de um ponto a outro, seja por acompanhar seja por transportar algo ou alguém –, mostrando-se, assim, mais produtivo do que o primeiro. Originalmente, nos dois tipos, o SN<sub>SUJ</sub> é o agente, tipicamente humano e intencional, desencadeador da ação.

Já o SN<sub>OD</sub> desempenha papel semântico próprio em cada um dos três padrões da camada dos SE. No SE de MCaus, atua como Paciente, dado o *processo* de mudança de localização efetuada pela *ação* do AGT SN<sub>SUJ</sub>, em verbos de ação-processo. Os casos em que o SN<sub>OD</sub> não é afetado, uma vez que não se move em função da ação do Agente, dizem respeito ao SE de MPerc e MAssoc, que abrigam VMT do tipo semântico de ação. O primeiro licencia nesse *slot* nomes com o papel de Locativo, com o traço [-animado]; e o outro, com o papel de *Coagente*, participante que se desloca em concomitância com o Agente, e é prototipicamente [+animado].

Quanto à função semântica do SP, este se relaciona à identificação de espaços que perpassam o EMT, por isso são locativos que identificam a origem, o caminho (ou suas variações) e/ou o destino do movimento. Tais pontos guardam forte relação com as preposições que os introduzem.

Em termos de EI, o de Contêiner corresponde a tipos de recipientes capazes de acondicionar participantes do evento dentro ou fora deles. A configuração argumental das MC de Manipulação é o exemplar mais prototípico do EMT que tem esse traço do EI como subjacente, considerando que o processo de colocação ou remoção de um Paciente em/de algum lugar evidencia com maior precisão a participação de um recipiente no evento. Já o EI de Trajetória teve o alvo como o ponto mais evidenciado: local para onde o Paciente é manipulado ou transportado, como também o local para onde o Agente se desloca, acompanhado ou não de um Coagente. Vale lembrar que o acionamento desses EI contempla todos os traços do percurso, pois toda trajetória tem início-meio-fim, contudo apenas um ou alguns deles são focalizados no discurso.

Com relação às propriedades da CMT, pude evidenciar que se trata de um tipo de construção com alta esquematicidade, por ser constituída de *slots* de preenchimento variável. Com relação a produtividade, constatei que a CMT é produtiva, tanto em termos de *type* quanto de *token*. Nos *corpora* examinados, o total de setecentos e cinquenta e seis ocorrências de instâncias dessa construção foram realizadas por meio de trinta e oito tipos de verbos. Os subesquemas que sancionam orações com VMT cujo SN<sub>OD</sub> é Paciente são mais produtivos (22 *types*/ 523 *tokens*) que as que possuem Locativo (13 *types*/ 193 *tokens*) ou Coagente (4 *types*/ 51 *tokens*) nesse *slot*. Isso mostra, portanto, que o SE de MCaus se configura como uma construção altamente produtiva como resultado da combinação entre alta esquematicidade e alta frequência de tipo. Já o SE de MAssoc que tem esquematicidade baixa, sofre limitações em sua produtividade, porque as opções de itens capazes de preencher seus *slots* são menores.

A CMT também é composicional, como fortemente admitida neste capítulo, no entanto, ressalto que os construtos provenientes de *links* metafóricos sofrem redução de composicionalidade, uma vez que a interpretação de seus constituintes envolve diferentes domínios cognitivos, o que provoca a não convergência entre aspectos da forma e aspectos do significado. Entre os quatro tipos de elos – polissemia, metáfora, subparte e instanciação – propostos por Goldberg (1995), os *links* mais recorrentes foram os metafóricos e os de instanciação.

Chegando ao final desta obra, deixo como contribuição à GC uma proposta de rede hierárquica para a CMT, fundamentada na análise de enunciados que ocorrem no discurso natural. Reconheço, ainda, que alguns aspectos observados merecem ser aprofundados, tais como uma investigação mais minuciosa sobre os *links* de herança da CMT com outras construções do PB e um estudo que contemple a identificação e a organização das metáforas conceptuais que se realizam nos construtos da CMT. É possível, ainda, expandir essa classificação, estabelecendo um novo nóculo na rede dessa construção que contemple os verbos de movimento intransitivos.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Fabiano de C. *Um estudo sobre os verbos de movimento no português brasileiro*. 2017. 205f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

AZEREDO, José C. de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (Eds.). *Usage based models of language*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BECHARA. Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa: 1º e 2º graus*. 22. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

\_\_\_\_\_. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORBA, Francisco da S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 69-78.

\_\_\_\_\_. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

\_\_\_\_\_. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: FAPESP/Contexto, 2010.

CÉSAR, Alan M. *A rede construcional dos verbos de movimento transitivos diretos*. 2015. 130f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

CHAFE, Wallace L. *Meaning and the structure of language*. Chicago: The University of Chi-

cago Press, 1970.

\_\_\_\_\_. *Significado e estrutura linguística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

COMRIE, Bernard. *Language universals and language typology: syntax and morphology*. Oxford: Blackwell, 1981.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

\_\_\_\_\_; CRUSE, D. Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, Celso F. da; CINTRA, Luis F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo [recurso eletrônico]*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.

DOWTY, David. Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language*, v. 67, n. 3, p. 547-619, Linguistic Society of America. 1991.

DU BOIS, John W. Argument structure. Grammar in use. In. DU BOIS, John W. et al. (Eds.). *Preferred argument structure: grammar as architecture for function*. Amsterdam: John Benjamins. 2003. p. 12-60.

FERRARI, Lilian V. Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. *Cadernos de Letras da UFF*. Dossiê: Letras e cognição, n.º. 41, 2010. p. 149-165.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, Charles J. The Case for Case. In. BACH, Emmom; HARMS, Robert T. (Eds.). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1968. p. 1-88.

\_\_\_\_\_. *Santa Cruz lectures on deixis*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1971.

\_\_\_\_\_. An alternative to checklist theories of meaning. In. COGEN, Cathy (Ed.). *Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley, California: Berkeley Linguistics Society, 1975. p. 123-131.

\_\_\_\_\_. Scenes-and-frames semantics. In. ZAMPOLLI, Antonio (Ed.). *Linguistic Structures Processing*. Amsterdam: North Holland, 1977. p. 55-81.

\_\_\_\_\_. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, n. 2, 1985. p. 222-255.

\_\_\_\_\_. A private history of the concept 'frame'. In. DIRVEN, René; RADDEN, Günther (Eds.). *Concepts of Case*. Gunter Narr Verlag: Tübingen, 1987. p. 28-36.

\_\_\_\_\_; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: the case of let alone. *Language*, v. 64, 1988. p. 501-538.

\_\_\_\_\_. Inversion and Constructional Inheritance. In. WEBELHUTH, Gert; KOENIG, Jean-Pierre; KATHOL, Andreas (Eds.). *Lexical and Constructional Aspects of Linguistic Explanation*. Stanford: CSLI, 1999. p. 113-128.

\_\_\_\_\_. Semantic fields and Semantic Frames. In GEERAERTS, Dirk (Ed.). *Cognitive Linguistics: Basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006 [1982]. p. 373-401.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

\_\_\_\_\_. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. *Gragoatá*, n. 21, 2006. p. 115-131

\_\_\_\_\_; TAVARES, Maria Alice. Ensino de gramática com base no texto: subsídios funcionalistas. *Ariús: Revista de Ciências Humanas e Artes*, v. 13, n. 2, 2007. p. 156-162.

\_\_\_\_\_; SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_; SILVA, José Romerito; BISPO, Edvaldo B. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In. CEZARIO, Maria M.; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mario Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-40.

\_\_\_\_\_. O estatuto argumental do objeto indireto e a construção ditransitiva no português do Brasil. In. FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). *A gramática da oração: diferentes olhares*. Natal: EDUFRN, 2015. p. 135-165.

\_\_\_\_\_. As construções de movimento causado e ditransitiva: elos de polissemia. *DELTA [on-line]*, 2017, vol. 33, n.1, p.109-132.

\_\_\_\_\_; SILVA, José R. Transitividade: do verbo à construção. *Revista Linguística*, n. 1, v. 14, p. 48-64, 2018.

\_\_\_\_\_; CÉSAR, Alan M. A rede constructional dos verbos de movimento transitivos no português do Brasil. In. TENUTA, Adriana M.; COELHO, Sueli M. *Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas*. [Livro eletrônico]. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2018. p. 115-138.

GIBBS, Raymond W. What's cognitive about cognitive linguistics? In. CASAD, Eugene H. (Ed.). *Cognitive Linguistics in the Redwoods*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1996. p. 27-54.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. New York: Academic Press, 1984.

\_\_\_\_\_. *Mind, code and context: essays in pragmatics*. London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1989, p. 205-235.

\_\_\_\_\_. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins. 1995.

\_\_\_\_\_. *Syntax: an introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

\_\_\_\_\_. *A compreensão da gramática*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta, Filipe Albani. São Paulo: Cortez 2012 [1979].

GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. [CD-ROM]. 2009.

HILMELMANN, Nikolaus P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In. BISANG, Walter et al. (Eds.). *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

HILPERT, Martin. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: University Press, 2014.

HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 56, 1980. p. 251-299.

HOPPER, Paul J. Causes and affects. *CLS 21: papers from the parasession on causatives and agentivity*. Chicago Linguistic Society. 1985. p. 67-88.

HURFORD, James R.; HEASLEY, Brendan. *Semantics: a coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press. 1983.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KEMMER, Suzanne. Schemas and lexical blends. In. CUYCKENS, Hubert et al (Eds.) *Motivation in Language*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins. 2003. p. 69-97.

KEWITZ, Verena. *Gramaticalização e Semanticização das preposições a e para no Português Brasileiro: sécs. XIX e XX*. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LAKOFF, George. Linguistic gestalts. *Proceedings of the Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society 13*. Chicago: University of Chicago Press. 1977. p. 236-287.

\_\_\_\_\_; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago/London: University of Chicago Press. 1980.

\_\_\_\_\_. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

\_\_\_\_\_. The contemporary theory of metaphor. In. ORTONY, Andrew (Ed). *Metaphor and thought*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press. 1993. p. 202-251.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites*. v. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. *Concept, Image, and Symbol: The cognitive basis of grammar*. Cognitive Linguistics Research, 1. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1990.

\_\_\_\_\_. *Cognitive grammar: an introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MEIRELLES, Leticia L.; CANÇADO, Márcia. A propriedade semântica movimento na representação lexical dos verbos do português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v. 61, n. 2, 2017. p. 425-450.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1998.

OLIVEIRA, Mariangela R. de; ROSÁRIO, Ivo da C. do (Org.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, 2015.

OLIVEIRA, Mariangela R. de; CEZARIO, Maria M. (Org). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: Eduff. 2017.

ÖSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mijiam (Eds.). *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Philadelphia: John Benjamins. 2005.

PALMER, Frank R. *Grammatical roles, and relations*. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.

RADFORD, Andrew. *Transformational grammar: a first course*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

REDDY, Michael J. The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about Language. In. ORTONY, Andrew (Ed). *Metaphor and Thought*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 284-297.

RIBEIRO, Fernanda et al. A Construção de Movimento Causado no português brasileiro: um estudo inicial baseado em *corpus*. *ODISSEIA [on-line]*, 2019, vol. 4, n. esp., p.1-21.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

- ROSCH, Eleanor et al. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara B. (Eds.). *Cognition and categorization*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum, 1978.
- SARDINHA, Tony B. *Linguística de corpus: histórico e problemática*. DELTA, São Paulo, v. 16, n. 2. 2000. p. 323-367.
- \_\_\_\_\_. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Editora Manole. 2004.
- SILVA, Augusto S. da. A Linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 1, n. 1-2, 1997. p. 59-101.
- \_\_\_\_\_. Introdução: linguagem, cultura e cognição, ou a linguística cognitiva. In: SILVA, Augusto S. da; TORRES, Amadeu et al (Orgs.). *Linguagem, Cultura e Cognição: estudos de linguística cognitiva*. v. I. Coimbra: Almedina, 2004. p. 1-18.
- SILVA JÚNIOR, Ilson R. *Verbos de movimento e sua representação na sua estrutura léxico conceptual*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- SLOBIN, Dan Isaac. The origins of grammatical encoding of events. In: HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra A. (Eds.). *Syntax and Semantics*. v. 15 (Studies in transitivity). New York: Academic Press, 1982. p. 409-422.
- TALMY, Leonard. *Semantic Structures in English and Atsugewi*. Ph. D. Dissertation, University of California, Berkeley, 1972.
- \_\_\_\_\_. How language structures space. In: PICK, Hebert; ACREDOLO, Linda (Eds.). *Spatial Orientation: theory, research, and application*. New York: Plenum Press. 1983. p. 225-282.
- \_\_\_\_\_. *Toward a Cognitive Semantics*. v. I, Cambridge, Massachusetts: MIT Press. 2000.
- THOMPSON, Sandra A.; HOPPER, Paul. Transitivity, clause structure, and argument structure: evidence from conversation. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- TOMASELLO, Michael (Ed). *The new psychology of language*. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1999; 2003.
- TRASK, Robert L. *A Dictionary of Grammatical Terms in Linguistics*. London/New York, Routledge, 1993.
- TRAUGOTT, Elizabeth C.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1979.

## **CORPORA**

BANCO DE SENTENÇAS DA JUSTIÇA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Disponível em: <<https://www.jfrn.jus.br/bancodesentencas/bancodesentencas.xhtml>>.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

BANCO DE DADOS DO PROGRAMA DE ESTUDOS SOBRE O USO DA LÍNGUA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, PROJETO PEUL/RJ. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/peul/>>.

### REVISTAS *ON-LINE*:

*Revista AnaMaria*, São Paulo, Grupo Perfil. Disponível em: <<https://anamaria.uol.com.br/>>.

*Revista Caras*, São Paulo, Grupo Perfil. Disponível em: <<https://caras.uol.com.br/>>.

*Revista Cláudia*, São Paulo, Editora Abril. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/>>.

*Revista Época*, Rio de Janeiro, Editora Globo. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/>>.

*Revista IstoÉ*, Rio de Janeiro, Editora Três. Disponível em: <<https://istoe.com.br/#>>.

*Revista Veja*, São Paulo, Editora Abril. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/>>.

## **PROJETO FRAMENET**

BERKELEY. Disponível em: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>>.

BRASIL. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/framenetbr/dados/>>.

## LISTAS:

### TABELAS, FIGURAS, QUADROS, DIAGRAMAS, GRÁFICOS, SÍMBOLOS, ABREVIATURAS E SIGLAS

#### DE TABELAS

TABELA 1 - NÚMERO DE PALAVRAS DO BANCO DE DADOS POR MODALIDADE	16
TABELA 2 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT	78
TABELA 3 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT DO SE DE MOV. CAUSADO	84
TABELA 4 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT DO SE DE MOV. PERCORRIDO	102
TABELA 5 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT DO SE DE MOV. PERCORRIDO	112

#### DE FIGURAS

FIGURA 1 - ORGANIZAÇÃO DO VERBETE EM HOUAISS	21
FIGURA 2 - ORGANIZAÇÃO DO VERBETE EM BORBA	23

#### DE DIAGRAMAS

DIAGRAMA 1 - REDE HIERÁRQUICA DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO TRANSITIVO	80
DIAGRAMA 2 - DISTRIBUIÇÃO DE TYPES E TOKENS DA REDE HIERÁRQUICA	81
DIAGRAMA 3 - REDE HIERÁRQUICA DO SE DE MOV. CAUSADO	85
DIAGRAMA 4 - REDE HIERÁRQUICA DO SE DE MOV. PERCORRIDO	103
DIAGRAMA 5 - REDE HIERÁRQUICA DO SE DE MOV. ASSOCIADO	113

#### DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DE TYPES	82
GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO DE TOKENS	83
GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO DO PAPEL SEMÂNTICO DO SN <sub>SUJ</sub>	118
GRÁFICO 4 - DISTRIBUIÇÃO DO PAPEL SEMÂNTICO DO SN <sub>OD</sub>	119
GRÁFICO 5 - DISTRIBUIÇÃO DO PAPEL SEMÂNTICO DO SP	120

## DE SÍMBOLOS

$\bar{T}$	-	Movimento Estacionário
$\leftrightarrow$	-	Movimento Translacional
$\rightarrow$	-	Aproximação de um Ponto de Referência
$\leftarrow$	-	Afastamento de um Ponto de Referência
$\rightarrow$	-	Movimento Associado Paralelo
$\rightarrow\rightarrow$	-	Movimento Associado Seguido
$\updownarrow$	-	Movimento de Colocação ou Remoção de um Paciente
$\square$	-	Espaço (caminho) por onde percorre as entidades do evento
$\Delta$	-	Ponto de Origem do Movimento
$\otimes$	-	Destino/Alvo do Movimento

## DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGT	-	Agente
COAGT	-	Coagente
CMC	-	Construção de Movimento Causado
CMT	-	Construção de Movimento Transitivo
COMPL	-	Complemento
D&G	-	Discurso & Gramática
EI	-	Esquema Imagético
EMT	-	Evento de Movimento Transitivo
GC	-	Gramática de Construções
IC	-	Iniciação Científica
JFRN	-	Justiça Federal do Rio Grande do Norte
LC	-	Linguística Cognitiva
LFCU	-	Linguística Funcional Centrada no Uso
LOC	-	Locativo
PAC	-	Paciente
MAssoc	-	Movimento Associado
MCaus	-	Movimento Causado
MPerc	-	Movimento Percorrido
MC	-	Microconstrução
OD	-	Objeto Direto
OI	-	Objeto Indireto
PB	-	Português Brasileiro
PEUL	-	Programa de Estudos sobre o Uso da Língua
SE	-	Subesquema
SN	-	Sintagma Nominal

SP	-	Sintagma Preposicionado
SV	-	Sintagma Verbal
SUJ	-	Sujeito
UFF	-	Universidade Federal Fluminense
UFJF	-	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFRJ	-	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	-	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
VMT	-	Verbo de Movimento Transitivo
VMTD	-	Verbo de Movimento Transitivo Direto.